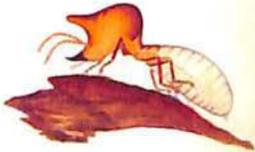


BLUMENAU

em Cadernos



FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLVIII
Maio/Jun 2007
S. 76

BLUMENAU

em Cadernos

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing
Prefeito Municipal

Edson Brunsfeld
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke
Presidente

Iúry Bugmann Ramos
Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Rafaela Hering Bell
Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

Vinícius Nico Wolff
Diretor de Cultura

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke (*Presidente*)

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Carla Fernanda da Silva

Urda Alice Klueger

Viegas Fernandes da Costa

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - 89015-010 - Blumenau (SC)

Fone (0**47) 3326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Capa: Fritz Müller e seus desenhos (cupins) apresentados em sua palestra aos colonos da Colônia Blumenau, em 1871.

Silvio Braga

Revisão: Valdir A. Petry

Digitação: Dionei Sartor

Secretária: Mirela Nolasco



EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC

Fone (0**47) 3326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br

<http://www.fcblu.com.br>

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau - SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -

II.

Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907

© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento

"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

O conteúdo dos artigos são de inteira responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

Apresentação 07

Documentos originais - Biografia

Padre Guilherme Roer - 1860-1889

Pe. Estanislau Schütte, ofm / Pe. Eloy Dorvalino Koch, scj (tradutor) 09

Artigos

Fritz Müller – Primeiro termitólogo do Brasil - 31.III.1822 – 21.V.1897

Luiz Roberto Fontes 24

Formação de professores em Santa Catarina - O Ensino da Matemática
no Curso Complementar no período de 1938 a 1945

Isabel Cristina Gonçalves / Rosinete Gaertner 42

A criação do Núcleo Rio Novo e os migrantes japoneses em Itajaí

André Souza Martinello / Dr. João Klug 58

Crônicas do cotidiano

Reminiscências de família

Viegas Fernandes da Costa 73

Conto literário

A luz misteriosa

José Curi 78

Biografia

“História de vida” - Um recuo ao passado

Selma Scheidt 83

Burocracia & Governo 103

O “Johannastift” - 1951 - 2007

Brigitte Fouquet Rosenbrock 110

Fragmentos da nossa história

A Greve dos trabalhadores..... 116

Autores catarinenses

Aniversariante ilustre

Enéas Athanázio..... 120

Apresentação

Nesta edição de maio/junho de 2007 “Blumenau em Cadernos” disponibiliza aos leitores textos que propõem ampliar as discussões de temáticas que contêm subsídios para diversas vias de pesquisa histórica.

A revista abre a sessão de **Documentos Originais – biografia**, apresentando um texto bilíngüe que se intitula “*Padre Guilherme Roer - 1860-1889*”. A autoria é conferida ao biógrafo Pe. E. Schaette, ofm. A primeira edição foi publicada na revista *Der Wegweiser* (O Indicador de Rumo), em setembro de 1930. O acesso a estes dados nos foi possível graças à colaboração do Pe. Eloy Dorvalino Koch – SCJ que a traduziu, possibilitando a leitura e conhecimento deste material que realça a efetiva participação do Padre Guilherme Roer no processo colonizador de Braço do Norte pelos *vestfalianos*.

“*Fritz Muller – Primeiro termitólogo do Brasil*”, com esta chamada publica-se, em **Artigos**, a pesquisa desenvolvida pelo termitólogo especializado em cupins, Dr. Roberto Fontes. Trata-se de um excelente trabalho, focalizando as investigações entomológicas sobre os cupins realizadas pelo naturalista Fritz Muller. Segundo o pesquisador Dr. Roberto Fontes; “Fritz Müller foi o primeiro termitólogo de nosso país. Não apenas por estudar “algo” sobre os nossos cupins ou por publicar uma notinha pioneira sobre nossas espécies, mas por apresentar quatro longos textos sobre diversos aspectos da biologia e anatomia do inseto”. Para relembrar a vida e obra deste naturalista, como também registrar os 110 anos do seu falecimento, foram elegidos como temática, para ilustrar a capa de Blumenau em Cadernos, Fritz Muller e os seus desenhos coloridos, feitos para apresentar aos colonos numa palestra proferida no ano de 1871 no Kulturverein (Clube da Cultura).

Continuando com a sessão de **Artigos**, a Doutora em Educação Matemática (UNESP/Rio Claro (SP) e Professora de Matemática (FURB) Rosinete Gaertner, juntamente com a licenciada Isabel Cristina Gonçalves, publicam o resultado da pesquisa que foi adaptada para o presente artigo sob o título “*Formação de Professores em Santa Catarina: o Ensino da Matemática no Curso Complementar no período de 1938 a 1945*”. O tema foi desenvolvido junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIPe/ Artigo 170 da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

Com a intenção de apresentar algumas propostas públicas e concepções políticas que envolveram a criação do Núcleo Rio Novo em Itajaí, o graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - e em Geografia na UDESC, André Souza Martinello, sob a orientação do professor Drº. João Klug, publica o artigo intitulado “*A criação do Núcleo Rio Novo e os imigrantes japoneses em Itajaí*”. Trata-se de uma versão modificada do terceiro capítulo da sua monografia de conclusão de Curso. Na abordagem do trabalho e enfoque volta-se para o

estabelecimento de uma colônia agrícola forçada por japoneses na zona rural da cidade de Itajaí.

O professor de História e escritor Viegas Fernandes da Costa, ao escrever para a seção **Crônicas do Cotidiano**, com *“Reminiscências de Família”*, lembra a história romântica do Cabo Carlos Alberto, um imigrante português que veio ao Brasil para casar-se com Anneli, uma jovem que conheceu através uma troca de correspondências.

José Curi, com o seu **Conto literário** *“A luz misteriosa”*, traz para o leitor a história de uma luz que atormentava o personagem principal do conto. Na sua forma de narrar, o autor envolve acontecimentos que se confundem com a colonização e as áreas de influência de imigração italiana.

Em outro momento, publica-se, na coluna **Biografia**, a primeira parte da autobiografia de Selma Scheidt, a qual intitula-se *“História de vida”*. A autora, de forma simples, porém envolvente, relata suas vivências e diversos aspectos do processo colonizador dentro do meio em que viveu. Dona Selma é descendente de imigrantes alemães estabelecidos na Colônia Santa Isabel e regiões próximas.

Em **Burocracia e Governo**, são publicadas transcrições de documentos que deram entrada no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva a partir de 2000, fruto de um projeto patrocinado pelo Instituto Blumenau 150 Anos, responsável pela organização dos festejos do Sesquicentenário de Fundação da Cidade. Trata-se de uma diversidade de documentos originários de arquivos do Estado e do exterior, que estão sendo disponibilizados para o acesso do pesquisador.

Na sequência, a senhora Brigitte Fouquet Rosenbrock, na coluna **Memórias**, escreve *“O Johannastift – 1951 – 2007”*. Neste texto faz uma retrospectiva da história do Johannastift, e suas diversas fases, até chegar à atual Casa do Comércio.

Em **Fragmentos da nossa história**, é publicado o texto *“A greve dos trabalhadores”*, extraído do Jornal Novidades, de Itajaí, no ano de 1911, no qual descreve a greve dos portuários por melhores salários.

O escritor Enéas Athanázio finaliza esta edição, em **Autores Catarinenses**, comentando no seu texto o aniversário de setenta e cinco anos da Faculdade de Direito de Santa Catarina, atualmente integrada à UFSC. Na sequência comenta quem escreve o quê e onde.

Relembramos a nossos leitores que neste 2007 *“Blumenau em Cadernos”* registra os seus cinquenta anos de publicação. Para dar continuidade ao seu papel de divulgação de fontes históricas e textos sobre literatura, história, memória e a realidade local, deixamos o convite e aguardamos a colaboração dos memorialistas, leitores e pesquisadores para futuras publicações.

Sueli M. V. Petry

Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

Padre Guilherme Roer

1860-1889

Pe. Estanislau Schätte, ofm
Pe. Eloy Dorvalino Koch, scj (tradutor)¹

Documentos
Originais -
Biografia

Pe. Roer foi o 1º Pastor de Almas em *Teresópolis, Vargem Grande, São Pedro de Alcântara e Braço do Norte* – no Estado de Santa Catarina.

Nasceu em Warendorf, no ano de 1821. Seu pai era relojoeiro, e tinha uma ourivesaria. Mais tarde, a família mudou-se para Münster.

Em 1860, veio para o Brasil. O Exmo Senhor Bispo do Rio de Janeiro o encaminhou para o *Pe. Carlos Boegershausen*, na época, o Vigário da Colônia Alemã de Joinville (SC), onde residia desde 12/11/1857, e pastoreava aquela nova Colônia. Além disso, era o Representante Episcopal na extensa Região de novas colônias alemãs.

Padre Carlos ordenou-se sacerdote em Hildesheim (1857). Já em agosto do mesmo ano, foi enviado para o Brasil. Os dois sacerdotes alemães entenderam-se muito bem. Mais tarde, *Pe.*

¹ *Pe. Estanislau Schätte*, o autor do texto alemão, era franciscano. Nasceu na Alemanha (1872). Ordenou-se sacerdote no Brasil (1902). Uma longa e meritória vida consagrada à educação: por exemplo, no Colégio S. Antônio de Blumenau, onde foi professor por 20 anos, e 3 como diretor (1912-32). Conhecido pesquisador da História de Teresópolis (RJ) e de várias colônias teuto-catarinenses. Faleceu em Petrópolis (RJ), aos 12/07/1960 (Cf. REB, set. 1960, p.844).



P. WILHELM ROER

1860-1889

*Erster Seelsorger in Theresopolis, Vargem Grande,
S. Pedro d'Alcântara und Braço do Norte,
im Staate Santa Catarina.*

Er ist 1821 in Warendorf geboren. Sein Vater war Uhrmacher und hatte ein Gold – und Silberwarengeschäft daselbst, später in Münster.

Im Jahre 1860 kam er nach Brasilien und wurde von dem hochw. Bischof von Rio de Janeiro an den Pfarrer der deutschen Kolonie Joinville in Santa Catarina, P. Karl Boegershausen, gewiesen. Dieser war seit dem 12. November 1857 dort ansässig, Seelsorger der neuen Kolonie und bischöflicher Vertreter für die weite Zone der entstehenden deutschen Ansiedlungen.

Im Jahre 1857 war er in Hildesheim geweiht worden, und schon im August als Priester im Ausland nach Brasilien gesandt.

Die beiden deutschen Priester verstanden sich sehr gut. Später hat P. Boegershausen öfters P. Roer gerufen zu seiner Vertretung, wenn er andere Gebiete mit deutsch sprechenden Kolonisten besuchen musste.

Münsterländer in Santa Catarina

In den Jahren 1860 bis 1863 trafen westfälische Bauernfamilien ein, die man bei Theresopolis und in weiterer Umgegend ansiedelte. Sie kamen aus Leyden, Coesfeld, Stadtlohn, Holtwick, Ahaus, Olpe...

Man trifft die Namen Bernard Schlickmann, Heinrich Füchter, Joseph Nürnberg, Joseph Rehring, Bernhard Gesing, Anton Diemon, Leonhard Steen, Heinrich Hobold, Bernhard Schlickmann II, Josef Locks, Waterkämper, Kästring, Stüpp, Exenkötter, Hawerodt, Niehus, Hemkemeier, Prüning, Böing, Eynk, Effting, Bickmann, Heidemann, Kienen, Buss und andere.

Einige siedelten nach Blumenau über, wohnten im fruchtbaren Testothal im ganzen etwa 12 Familien unter 400 protestantischen Familien. Sie bauten die kleine *Kapelle zum hl. Ludgerus*, die P. Boegershausen 1875 einweihte und jetzt eine hübsche Kirche ist, die zur Pfarrei Blumenau

Carlos o convidou, seguidas vezes, para substituí-lo, quando, Representante do Bispo, tinha de visitar outras regiões de colonos de língua alemã.

Vestfalianos em Santa Catarina

Nos anos 1860-63, chegaram a Santa Catarina famílias de agricultores vestfalianos (da Alemanha), e foram assentadas em *Teresópolis* e na sua extensa região serrana. Eis algumas das localidades vestfalianas de origem: Leyden, Caesfeld, Stadtlohn, Holtwick, Abaus, Olpe e outras.

Nessa nova colônia encontram-se nomes, tais como: Bernardo Schlickmann, Henrique Füchter, José Nürnberg, José Rehring, Bernardo Gesing, Antônio Diemon, Leonardo Steen, Henrique Hobold, Bernardo Schlickmann II, José Locks, Waterkämper, Kästring, Stüpp, Exenkötter, Hawerodt, Niehus, Hemkemeier, Brüning, Böing, Eynk, Effting, Bickmann, Heidemann, Kienen, Buss e outros.

Algumas famílias mudaram-se para Blumenau. Residiam no fértil vale do Testo. Somavam cerca de 12 famílias em meio a 400 famílias protestantes. Construíram a pequena *Capela de São Ludgério*. Pe. Carlos Boegershausen a benzeu em 1875, sendo agora uma bonita igreja pertencente à Paróquia de Blumenau, a 36 km da Sede paroquial. A vizinha e grande Fábrica de Porcelana, com cerca de 800 operários, trouxe à pequena comunidade católica notável desenvolvimento.

Por vários anos visitei esta Capela, e também me dediquei aos festejos de São Ludgério. Desde 1932, trabalho em Petrópolis (RJ). De lá para cá, avistava a Igreja de São Ludgério só de passagem, isto é, nas ocasiões em que devia pregar retiro no Sul.²

Alegria vestfaliana no Brasil

Os recém chegados imigrantes foram assentados na Região Silvana de Teresópolis, de Vargem Grande e cercanias, recebendo 100 Morgen (= jeiras) de terra. Mas a terra não era fértil. A exigir trabalho duro e de resultado mesquinho. Pouco mais tarde, porém, apareceu o *Pe. Roer*: dotado de senso prático e animado de grande zelo pastoral.

Com a sua vinda estava garantida a prática religiosa, portadora do maior consolo. De início, residia em Vargem Grande, onde já havia modes-

gehört und 36 kl vom Pfarrsitz entfernt ist. Die neue grosse. Porzellanfabrick in unmittelbarer Nähe mit 800 Arbeitern brachte der kleinen katholischen Gemeinde guten Zuwachs.

(Ich habe manche Jahre diese Kapelle besucht und auch das Ludgerusfest geziemend gefeiert. Seit 1932 bin ich in Petrópolis tätig und habe die Ludgerus - Kirche nur auf der Durchreise gesehen, ohne mich aufhalten zu können, wenn ich im Süden Exerzitien predigen musste).

Freude bei den Münsterländern in Brasilien

Sie wurden im Waldgebiet von *Theresopolis*, Vargem-Grande (Grosser Thal) und Umgegend angesiedelt und bekamen 100 Morgen Land zugewiesen. Aber der Boden war nicht fruchtbar, daher die Arbeit schwer und der Erfolg gering. Aber bald erschien *P. Roer* mit seinem praktischen Verstand und seiner treuen Hirtensorge.

Mit seiner Ankunft war die Religionsübung gerettet und dies war der grösste Trost. Er *wohnte zuerst in Vargem Grande*, wo schon eine einfache Kapelle sich befand. Bald aber leitete er den Bau einer grösseren Kapelle in *Theresopolis* und schuf auch ein Pfarrhaus mit einem Nutzgarten, der ein Muster wurde für alle Kolonisten.

Im Unterhaus hatte er sich eine Werkstatt eingerichtet, denn im Elternhause hatte er sich manche Handfertigkeiten angeeignet. So konnte er alte Uhren wieder gehend machen und an der Drehbank hübsche Kerzenleuchter aus Holz verfertigen, auch Kreuze, Rahmen für Bilder und Canontafeln. Wer in unmittelbarer Nähe des Urwaldes wohnt, ist auf sich selbst angewiesen.

Er war ein Priester nach dem Herzen Gottes und durch seine natürliche Frömmigkeit erbaute er alle; ebenso durch seine Praxis in der Entsagung in den einfachsten Lebensverhältnissen in der Anfangsperiode der Kolonie.

Er predigte gern, gut und praktisch und wusste Wahrheitsliebe, Eintracht und aufrichtige Freundschaft dringend zu empfehlen. Venn er merkte, dass das Gegenteil sich bemerkbar machte, trat er auf wie ein gewaltiger Missionsprediger und ruhte nicht, bis alle Missverständnisse oder Entfremdung aufrichtig beseitigt waren.

Darum hatte er Glück mit der Einführung des Laiengottesdienstes

Carlos o convidou, seguidas vezes, para substituí-lo, quando, Representante do Bispo, tinha de visitar outras regiões de colonos de língua alemã.

Vestfalianos em Santa Catarina

Nos anos 1860-63, chegaram a Santa Catarina famílias de agricultores vestfalianos (da Alemanha), e foram assentadas em *Teresópolis* e na sua extensa região serrana. Eis algumas das localidades vestfalianas de origem: Leyden, Caesfeld, Stadtlohn, Holtwick, Abaus, Olpe e outras.

Nessa nova colônia encontram-se nomes, tais como: Bernardo Schlickmann, Henrique Füchter, José Nürnberg, José Rehring, Bernardo Gesing, Antônio Diemon, Leonardo Steen, Henrique Hobold, Bernardo Schlickmann II, José Locks, Waterkämper, Kästring, Stüpp, Exenkötter, Hawerodt, Niehus, Hemkemeier, Brüning, Böing, Eynk, Effting, Bickmann, Heidemann, Kienen, Buss e outros.

Algumas famílias mudaram-se para Blumenau. Residiam no fértil vale do Testo. Somavam cerca de 12 famílias em meio a 400 famílias protestantes. Construíram a pequena *Capela de São Ludgério*. Pe. Carlos Boegershausen a benzeu em 1875, sendo agora uma bonita igreja pertencente à Paróquia de Blumenau, a 36 km da Sede paroquial. A vizinha e grande Fábrica de Porcelana, com cerca de 800 operários, trouxe à pequena comunidade católica notável desenvolvimento.

Por vários anos visitei esta Capela, e também me dediquei aos festejos de São Ludgério. Desde 1932, trabalho em Petrópolis (RJ). De lá para cá, avistava a Igreja de São Ludgério só de passagem, isto é, nas ocasiões em que devia pregar retiro no Sul.²

Alegria vestfaliana no Brasil

Os recém chegados imigrantes foram assentados na Região Silvana de Teresópolis, de Vargem Grande e cercanias, recebendo 100 Morgen (= jeiras) de terra. Mas a terra não era fértil. A exigir trabalho duro e de resultado mesquinho. Pouco mais tarde, porém, apareceu o *Pe. Roer*: dotado de senso prático e animado de grande zelo pastoral.

Com a sua vinda estava garantida a prática religiosa, portadora do maior consolo. De início, residia em Vargem Grande, onde já havia modes-



Pe. Guilherme Roer

Foto: do livro *O Vale do Braço do Norte*, do Pe. João Leonir Dall'Alba, 1973.

ta Capela. Mas não tardou muito, e passou a dirigir a construção de uma Capela maior em Teresópolis, seguida de casa paroquial; e também de uma horta, a servir de modelo para todos os colonos. No andar térreo da casa paroquial, o Padre instalou uma oficina. É que na casa paterna ele havia adquirido várias habilidades manuais: fazia novamente andar relógios; e no torno mecânico: fabricava vistosos castiçais de madeira, bem como cruces, molduras para quadros e sacras do altar. Quem mora na mata virgem tem de virar-se sozinho.

Pe. Roer era um padre segundo o Coração de Deus. Alma naturalmente piedosa, a todos edificava; também edificava pelo seu desprendimento naquelas simples condições de vida, tão próprias da fase inicial de uma Colônia.

Gostava de pregar. Pregava bem e de modo prático. Sabia persuadir os ouvintes, com insistência na necessidade do amor à verdade, da concórdia e da amizade sincera. Quando percebia algo se manifestar adverso, ele tomava atitude de vigoroso pregador de missões. E não desistia, até que todos os desentendimentos ou estranhezas fossem superados.

Foi bem sucedido com a introdução da reza dominical dirigida por leigos, bem como com a nomeação de homens excelentes para a Diretoria da Igreja. Tanto mais, porque demasiado extensas as dimensões da sua Paróquia, e sendo necessária a celebração dominical.

Não raramente, certas visitas a enfermos exigiam, no mínimo, dois

und der Ernennung trefflicher Männer als Kapellenvorstand. Sein Pfarrbezirk war ja ungeheuer gross und der Sonntägliche Gottesdienst notwendig.

Versehänge, die gute 2 Tage zu Pferd erheischten, um das Haus des Kranken zu erreichen, waren nicht selten.

Alle vorstehenden Angaben habe ich erhalten von guten Leuten, die ich ungefähr 30 Jahre lang gekannt habe; seine Kirche und Pastorat habe ich gesehen, als ich von der Nachbarpfarre *Lages* nach einem Ritt von 4 Tagen dort abstieg. Diese Kirche und Pastorat waren im Juli 1891 die erste Residenz der vier deutschen Franziskaner, die den Anfang machen mussten im Auftrage des Papstes die sterbenden alten Franziskanerprovinzen zu beleben.

P. Roer, der umsichtige Kolonisor

Seine Krankenbesuche richteten sich nach allen Himmelsgegenden. So wurde er gegen Ende 1870 zum Versehang nach dem fast unbewohnten *Braço do Norte* in der Pfarrei Tubarão gerufen. Dorthin gab es nur schmale Urwaldspfade für 2-3 Reittage. Er tat seine Pflicht und auf der Rückreise schaute er sich aufmerksam die Gegend an und stellte fest, dass der Boden sehr fruchtbar war.

In *Theresopolis*, nach dem Sonntagsgottesdienst, hielt er den Männern einen begeisterten Vortrag und schlug vor, eine praktische Kommission zu bilden, um eine mögliche Übersiedelung vorzubereiten. Dies geschah und ein kleiner Reitertrupp unter der Führung des Bernhard Schlickmann I machte sich auf den Weg, um das gelobte Land kennen zu lernen. Alle kamen hoffnungsvoll zurück. Darauf suchten sie die Familien im Pfarrgebiet auf, um festzustellen, wie viele zur Übersiedelung bereit waren. Es meldeten sich viele.

dias de viagem a cavalo para lá chegar.

Todos os dados acima, eu os fui coletando junto a pessoas idôneas, as quais eu conhecia há quase 30 anos.

Sua Igreja e Casa Paroquial, cheguei a conhecê-las após uma viagem de 4 dias, a cavalo, vindo de Lages, sua Paróquia vizinha.

Essa Igreja e sua Casa Paroquial de Teresópolis formavam, em julho de 1891, a 1ª residência dos quatro franciscanos alemães que, por incumbência do Papa, deviam iniciar a revitalização das antigas e decadentes Províncias Franciscanas no Brasil.

Pe. Roer, Colonizador de horizontes largos

Suas visitas a enfermos dirigiam-se para todos as direções. Assim, pelo ano de 1870, foi chamado para um enfermo no quase despovoado Braço do Norte, da Paróquia de Tubarão. A viagem? Só a cavalo, e por estreitas veredas pela mata, durante 2 a 3 dias. Cumpria com o seu dever. Na viagem de regresso, foi detidamente observando a região. E constatou ser uma terra de boa fertilidade.

De volta a Teresópolis, após a Santa Missa dominical, o Padre fez aos homens uma conferência repassada de entusiasmo. E acabou fazendo-lhes a seguinte proposta: a de formar-se uma comissão de ordem prática, no sentido de se preparar uma possível migração desta comunidade para Braço do Norte. Dito e feito. Sob a direção de Bernardo Schlickmann I, um pequeno grupo de cavaleiros pôs-se a caminho para conhecer aquela “terra prometida”. Todos voltaram cheios de esperança. A seguir, foram visitar as famílias da Paróquia, para saber quantas se habilitariam para a mudança de território. E foi grande o número de adesões.

Empenho de Pe. Roer

Em apoio à desejada migração, Pe. Roer fez uma visita ao seu amigo Pe. Carlos Boegerhausen em Joinville, de quem logo recebeu o consentimento, e uma carta de recomendação dirigida às Autoridades Provinciais.

Ato seguido, Pe. Roer aportou no Desterro, a Capital do Estado – hoje, Florianópolis – e obteve pleno êxito junto aos Ministérios. Munido de recomendações, embarcou para o Rio de Janeiro. Até conseguiu audiência

Die Unternehmung des P. Roer

Er besuchte seinen Freund P. Boegershausen in Joinville und erhielt gleich dessen Zustimmung und *Empfehlungsschreiben* an die Provinzbehörden.

Nun tauchte *P. Roer in Desterro*, der Staatshauptstadt auf, die jetzt Florianópolis heisst, und hatte bei den Ministerien Erfolg. Mit Empfehlungen versehen reiste er nach Rio de Janeiro, bekam sogar Audienz beim *Kaiser D. Pedro II*, der gut deutsch sprach und aufrichtiger Freund deutscher Kolonisten war. P. Roer erzielte es, dass *den einzelnen Familien 300 Morgen Land zugemessen und günstige Zahlungsbedingungen bewilligt wurden*. Froh kehrte er zurück und die Kolonisation am Braço do Norte verwirklichte sich in den Jahren 1873 bis 1875.

Die Vorarbeiten, Anlegen von Hauptstrassen, Brücken, Stadtplätze für Kirchen und Schulbau, Vermessung der Kolonien musste die Provinzregierung besorgen. Die Münsterländer suchten sich auf den Karten der Landmesser ihr zukünftiges Eigentum aus und dann ging das Werk mit Gottes Segen voran.

Die erste hl. Messe am Braço do Norte

Der dichte Wald lieferte das Material für die ersten Häuser. Bernhard Schlickmann I hatte auf seinem Lande eine *riesengrosse Figueira* mit weitem Laubdach stehen. In dem Schatten baute man den ersten Altar, den Anna Füchter prächtig schmückte. Später, als Frau Gesing, ist sie *Mutter des P. Nicolau Gesing geworden*, des ersten Priesters aus Braço do Norte.

Mit Freude und Dankbarkeit wohnten die Münsterländer dem hl. Messopfer bei, das P. Roer zelebrierte und lauschten aufmerksam den Worten ihres geschätzten Priesters, der sie inständig bat, Glauben, Gebräuche und Sprache der Heimat zu bewahren und durch frommen Laiengottesdienst das zu ersetzen, was er in der neuen Pfarrei, die zu Tubarão gehörte, bei der grossen Entfernung nicht mehr leisten konnte.

Nun *bestimmte er den neuen Vorstand*: Bernhard Steen als seinen Stellvertreter und Bernhard Schlickmann und Heinrich Hobold als Beisitzer. Und diese drei haben in Treue und Einigkeit gewirkt.

Steen starb 1894; Hobold trat für ihn ein und blieb aktiv bis 1929; als dritter trat Hermann Gesing ein.

junto ao Imperador D. Pedro II, bom conhecedor da língua alemã e sincero amigo dos colonos alemães. Resultado da viagem: a cada família destinavam-se 300 Morgen (= jeiras) de terra, e com facilidades de pagamento.

Pe. Roer voltou feliz da vida. E a colonização do Braço do Norte efetuou-se nos anos 1873-75.

Ao governo provincial couberam os trabalhos preparatórios, os traçados das estradas principais, a construção de pontes, a preparação de centros urbanos para a construção de igrejas e escolas e as medições de lotes.

Aos vestfalianos cabia procurar nos mapas dos agrimensores a sua futura propriedade -, e então, com a bênção de Deus, a obra iria em frente.

Primeira Missa em Braço do Norte

A espessa floresta fornecia o material para a construção das primeiras casas. No terreno de Bernardo Schlickmann havia uma enorme figueira com grande e densa copa de ramagens, e a cuja sombra foi construído o altar, e belamente ornamentado por Ana Füchter. Esta moça seria, posteriormente, a Sra. Gesing, e a mãe do Pe. Nicolau Gesing: o 1º padre de Braço do Norte.

Alegres e agradecidos, os vestfalianos assistiram à Santa Missa celebrada pelo Pe. Roer. Atentos ouviam as palavras de seu estimado Pastor. Encarecidamente, rogava-lhes que preservassem a Fé, os Costumes e o Idioma pátrio³.

E que, mediante piedosas rezas dominicais dirigidas por piedosos leigos, procurassem compensar o que ele, na nova Paróquia pertencente a Tubarão – não poderia assumir devido à grande distância.

A seguir, Pe. Roer apresentou a nova Diretoria da Capela: Bernardo Steen, como seu representante; Bernardo Schlickmann e Henrique Hobold como assistentes. Três homens que atuaram com fidelidade e unidos.

Steen morreu em 1894; e foi substituído por Hobold até 1929; o terceiro representante do Padre foi Germano *Gesing*. Seu *encarregado* Vigário residia em Tubarão, a 40 km em direção ao Sul.

Últimas Atividades

Pelo menos uma ou duas vezes ao ano, o Padre visitava, por algumas

Der zuständige Pfarrer wohnte in Tubarão, 40 km in südlicher Richtung entfernt.

Die letzte Tätigkeit des P. Roer

Wenigstens einmal oder zweimal im Jahre besuchte er für einige Wochen seine Münsterländer am Braço do Norte.

Im alten Gebiet gab es immer einen Zuzug von neuen Einwandern. Der nördliche Teil seines Seelsorgsbezirkes waren *Biguassu* und *Pedro de Alcantara*, besiedelt im Jahre 1829 mit Rheinländern, die 34 Jahre lang keinen deutschsprechenden Priester in ihrer Mitte sahen. Den Laiengottesdienst hatten sie treu ausgeübt und durch die Ankunft des P. Roer waren sie hoch erfreut. Er besuchte sie mehrere Male im Jahre immer für 2-3 Wochen und gebrauchte 8-10 Stunden, um zu Pferd von Theresopolis aus dorthin zu kommen.

Die weiten Reisen im Wald und Koloniegebiet, bei Tag und Nacht, bei guten und schlechten Wetter, erschütterten die Kraft und Gesundheit des alternden Priesters, aber nicht seinen Mut. Als er einst müde von S. Pedro d'Alcântara im Pfarrhause ankam, erhielt er die Nachricht, dass in *Rio Novo* der Kolonist Feldhaus schwer krank sei. Bei einbrechender Dunkelheit ritt er ab, nach einer Stunde stürzte das Pferd auf einer beschädigten Brücke und Ross und Reiter landeten im Fluss Cubatão. Mit Mühe gelang es, das Ufer zu erreichen und dann wurde die Reise fortgesetzt.

Der alte Kolonist Heinrich Buss sagte mir einmal: "Unser früherer Pfarrer Roer hat die meiste Zeit des Jahres im Sattel zugebracht".

Die Folgen zeigten sich. Gicht und Schmerzen zerwühlten den geschwächten Körper. Es kam soweit, dass zwei Männer ihn in den Sattel heben mussten. Immer mussten sie mit ihm reiten und ihn stützen, wenn er trotz seiner grossen Schwäche den Sterbenden die hl Sakramente bringen wollte.

Und als er bei seinen lieben Bekannten am Braço do Norte weilte, besiegte die Krankheit seinen starken Willen. Im Hause des Heinrich Hobold musste er sich geduldig pflegen lassen. Nur selten konnte er zelebrieren, aber jeden Abend hielt er gemeinschaftliches Gebet mit Ansprache.

Mit dem Aufwand der letzten Kräfte machte er in treuer Begleitung

semanas, os seus vestfalianos em Braço do Norte.

Na antiga região imigratória de SC sempre ocorriam novos fluxos de emigrados. A parte Norte de sua Paróquia abrangia *Biguaçu* e *São Pedro de Alcântara*, colonizados a partir de 1829 por imigrantes da Renânia. Durante 34 anos ficaram eles privados da presença de um padre de língua alemã. Mas tendo fielmente celebrado as rezas dominicais, sentiram-se muito felizes com a vinda do Pe. Roer, que os visitava algumas vezes ao ano, e lá permanecendo 2 a 3 semanas. De Teresópolis, a viagem a cavalo era de 8 a 10 horas.

As longas viagens pela mata e pela região colonial, de dia ou de noite, fosse bom ou mau tempo, abalaram o vigor e a saúde do envelhecido sacerdote. Não, porém, o seu ânimo. Certa vez, muito cansado de uma visita missionária a *São Pedro de Alcântara*, apenas entrara na Casa Paroquial, eis que recebeu a seguinte notícia de Rio Novo: estava gravemente enfermo o colono Feldhaus. Já anoitecendo, o Padre para lá se dirigiu a cavalo. Após uma hora de viagem, eis que o cavalo tombou numa ponte de madeira danificada. Cavalo e cavaleiro foram parar no Rio Cubatão. Com muito esforço conseguiram alcançar a margem. E a viagem prosseguiu.

Certa vez, o velho colono Henrique Buss me disse o seguinte: "O nosso antigo Vigário, Pe. Roer, passava a maior parte do ano em cima da sela".

As conseqüências vieram à tona. Gota e dores minavam o debilitado corpo. Chegou a ponto de dois homens terem de ajudá-lo a sentar-se na sela. Não obstante a sua grande debilidade, queria levar, aos gravemente enfermos, os Santos Sacramentos. Mas dois homens tinham de cavalgar em sua companhia e dar-lhe apoio.

Quando de sua última permanência junto aos seus estimados conhecidos de Braço do Norte, a doença quebrou a sua indomável vontade. Na casa de Henrique Hobold, teve de, pacientemente, sujeitar-se a tratamentos. Só rezava missa uma que outra vez. Mas toda noite fazia uma oração comum, e com breve mensagem.

Reunindo as suas últimas forças, e apoiado por fiel acompanhamento, o Padre enfrentou a viagem de três dias de volta para Teresópolis.

A seguir, persuadiu o seu amigo Bernardo Steen a escrever uma carta ao Senhor Bispo de Münster (Vestfália), com o pedido de ele providenciar

die dreitägige Reise nach Theresopolis.

Er bewog seinen guten Freund *Bernhard Steen*, eine Bittschrift an den Bischof von Münster zu richten, *um einen Nachfolger für die Seelsorge zu erhalten.*

Im Kirchenblatt wurde dieser Brief veröffentlicht. Er hatte die Folge, dass der noch junge Priester *Francisco Topp* sich anbot und mit Erlaubnis seiner Obern im Jahre 1889 die Reise nach Südbrasilien antrat.

Er traf seinen Vorgänger nicht mehr in Theresopolis. Seine guten Pfarrkinder hatten ihn nach Porto Alegre zum Hospital Sankt Franziskus gebracht wo er an Leib und Seele die beste Pflege erhielt.

Dort verschied er sanft am 8. Oktober 1891 und auf dem Kirchhof São José fand er seine letzte Ruhestätte [...].

Die früheren Pfarrkinder errichteten ihm auf ihren Friedhof ein Denkmal mit der Widmung:

Zum Gedächtnis an den ersten

Pfarrer in Theresopolis

WILHELM ROER

Geb. in Warendorf in Westfalen 1821,

Gestorben im Hospital von Porto Alegre

Am. 8. Oktober 1891.

*ER HAT SICH GEOPFERT FÜR DAS SEELENHEIL SEINER
PFARRKINDER*

R.I.P.

um sucessor para a missão pastoral.

Carta que foi publicada na Folha da Diocese. Eis o resultado: candidatou-se o ainda jovem *sacerdote Francisco Topp*. Assim, no ano de 1889, e com a autorização dos seus Superiores, Pe. Topp empreendeu a sua viagem para o Brasil Meridional.

O novo Missionário não mais encontrou o seu predecessor em Teresópolis. Seus dedicados paroquianos o haviam levado para o Hospital São Francisco, de Porto Alegre. Ali ele recebia os melhores atendimentos, tanto para o corpo como para a alma.

Neste Hospital, faleceu tranqüilamente, aos 8 de outubro de 1891. Foi sepultado no Cemitério São José [...]. Os seus antigos paroquianos erigiram-lhe, no Cemitério de Teresópolis, um monumento com esta dedicatória, que traduzo do alemão:

Em Memória do 1º Vigário de Teresópolis,

Pe. Guilherme Roer.

Nascido em Warendorf, na Vestfália, em 1821.

Morreu no Hospital de Porto Alegre,

aos 8 de outubro de 1891.

Sacrificou-se pela Salvação das Almas de seus Paroquianos.

R.I.P.

ANEXO COMEMORATIVO



Foto: Dom Vito Schlickmann

Padre Valdir Staehelin, Pároco de São Bonifácio, teve a feliz iniciativa de organizar, para 15/11/1996, esse evento comemorativo no Rio Salto, da antiga Paróquia de Teresópolis.

É que o Sr. Pároco ficara encantado ao inteirar-se do heroísmo de toda uma comunidade colonial, comandada pelo Pe. Roer, a transmigrar-se de Teresópolis para Braço do Norte.

Houve missa festiva e concelebrada, com os seguintes sacerdotes, da esquerda para direita: Pe. Valdir Staehelin (organizador), Pe. Eloy Dorvalino Koch scj*, Pe. Afonso Schlickmann, Dom Vito Schlickmann (presidente da missa), Pe. Heriberto Waterkemper, Mons. Agostinho Staehelin, Pe. Nilo Buss. (* a seu bisavô Guilherme Momm, não vestfaliano, pertencia o lote nº 22 do Rio Salto).

Apesar do acesso nada cômodo, o evento contou com a presença de umas 400 pessoas. Algumas em trajés típicos vestfalianos, e portando bandeiras e malas de viagem.



Encenação da chegada dos pioneiros em Braço do Norte - Foto: Dom Vito Schlickmann

Fizeram uso da palavra: Dom Vito, sobre *Fé, Comunidade e Trabalho dos Pioneiros*; Prof^a Elizabete Volpato Alves, Secretária Municipal de São Ludgero, que salientou a *benemerência do tradicional Colégio São Ludgero*, em seu regime de externato e internato, a partir do século XX.

NOTAS DE FIM

- O Tradutor tem doutorado em Educação pela USP, na área de Filosofia e História; é Diretor do Arquivo Provincial Padre Lux (Appal – Brusque).

- A 1^a edição deste artigo do Pe. Stanislaw Schätte ofm foi publicado na revista *Der Wegweiser* (O Indicador de Rumo), Brusque, setembro de 1930). Mas optei pela sua 2^a edição, melhorada em texto mimeografado de 1955, e que me foi enviado por *Dom Vito Schlickmann*.

- Digitação da Historiadora e Secretária do Appal: Karina Santos Vieira.

2 “O autor deste artigo não chegou a conhecer pessoalmente o bom Pe. Roer. Mas reuniu quanto outros lhe transferiram. Nos 29 anos de seu sacrificado trabalho pastoral, deve haver mais acontecimentos dignos de nota. Quem dos vestfalianos se habilitaria a enviar mais informações sobre o heróico Sacerdote?” (Estanslaw Schätte, Revista *Der Wegweiser*, Brusque, 06/08/1930).

3 Pangermanismo? Não. Apenas esclarecido zelo pastoral. Pois a fé religiosa está intimamente “costurada” com a respectiva cultura, notadamente com a língua materna. A alteração profunda de uma cultura não pode, nem de longe, assemelhar-se ao fácil trocar de camisa (Pe. Eloy D. Koch scj).

Fritz Müller – Primeiro termitólogo do Brasil

Luiz Roberto Fontes*

Artigos
**31.III.1822 –
21.V.1897**

*Príncipe dos Observadores – Charles Darwin,
Herói da Ciência – Ernst Häckel*

Fritz Müller viveu os primórdios da ciência biológica moderna. Foi um naturalista, no sentido amplo da palavra, tendo se dedicado a inúmeros temas nos campos da zoologia e da botânica, principalmente sob aspectos biológicos, ecológicos, anatômicos e evolutivos. Formado em Filosofia (área a que se destinavam os interessados em História Natural) e em Medicina na Alemanha, viveu 45 anos no leste do estado de Santa Catarina, sul do Brasil, até o final de sua vida. Distante do mundo europeu, onde se localizavam as grandes instituições de pesquisa científica e se desenrolavam os grandes debates da ciência no século XIX, isolado na nova terra que elegeu por pátria e laboratório natural, investigou temas da natureza brasileira e edificou notável obra científica, de interesse mundial, não apenas no interesse próprio, como também para atender aos inúmeros naturalistas, que a ele recorriam para obter variadas informações.

*Entomólogo especializado em cupins. Rua Loefgren, 1543, apto. 104, 04040-032 São Paulo, SP - BRASIL - e-mail: lrfontes@uol.com.br



Correspondeu-se e ofereceu valiosas contribuições, na forma de detalhadas observações colhidas na natureza brasileira e minudenciadas em longas cartas dirigidas aos naturalistas da época, incluindo grandes nomes como Charles Darwin e Ernst Hæckel, entre vários outros. Seu único e excelente livro, *Für Darwin* (1864), projetou-o na ciência mundial, onde seu nome já



era reverenciado, como o primeiro naturalista a testar no campo, em longa série de observações realizadas com crustáceos marinhos do litoral catarinense, a proposição de Darwin sobre a evolução das espécies, longamente explanada há apenas 5 anos (1859) no magnífico livro, *On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life.*

Figura 1: Fritz Müller em 1886. Até o final da vida, foi um estudioso incansável de animais e plantas do leste catarinense.

O isolamento geográfico, a bela natureza brasileira e a vida rude de simples colono, no local que elegeram por morada, atual cidade de Blumenau, seguramente aquietaram-lhe o espírito, em desalinho com o conservadorismo religioso dogmático e com os resquícios do feudalismo que dominavam o cenário político e social alemão. Também despertaram no sábio toda a plenitude de sua capacidade de observar, interpretar e documentar a fauna e a flora das matas, dos rios e do mar. As frases de Ihering¹, com as quais os autores posteriores são concordes, recordam alguns aspectos de sua personalidade vibrante e exemplar.

Na construção de sua monumental obra científica, Fritz Müller foi verdadeiramente altruísta,

... Jamais um naturalista verdadeiramente aplicado se dirigiu a Müller pedindo-lhe informações ou materiais para estudos das matas de Blumenau sem que tivesse obtido o que era possível conseguir. ... (p. 23)

trabalhador quase incógnito,

... Quase excessivamente gostava Müller de fazer desaparecer sua pessoa por detrás dos resultados do seu trabalho. ... (p. 24)

incansável,

... vivendo na abundância das riquezas tropicais, por tantos anos, dia a dia trabalhava com uma constância sempre incansável e um entusiasmo sempre novo. ... (p. 24)

observador minucioso,

... A observação era o seu trabalho mais querido, e ele a exercia diariamente ... Jamais gostara de fazer trabalhos literários extensos e que o impedissem de observar ... (p. 24)

e mesmo dispondo de recursos materiais escassos, embora até demasiados para complementar o que colhia da natureza catarinense com seu extraordinário senso de observação e inteligência,

... Se se realizar um dia o sonho de uma estação científica no Brasil meridional, o retrato do gabinete de Fritz Müller merece ser ali colocado para sempre a fim de incitar ainda outros a trabalharem incansavelmente também com meios pequenos. ... (p. 25, citando um autor cujo nome não foi revelado no texto)

edificou uma obra maravilhosa, escrita em tinta indelével nos anais da ciência mundial.

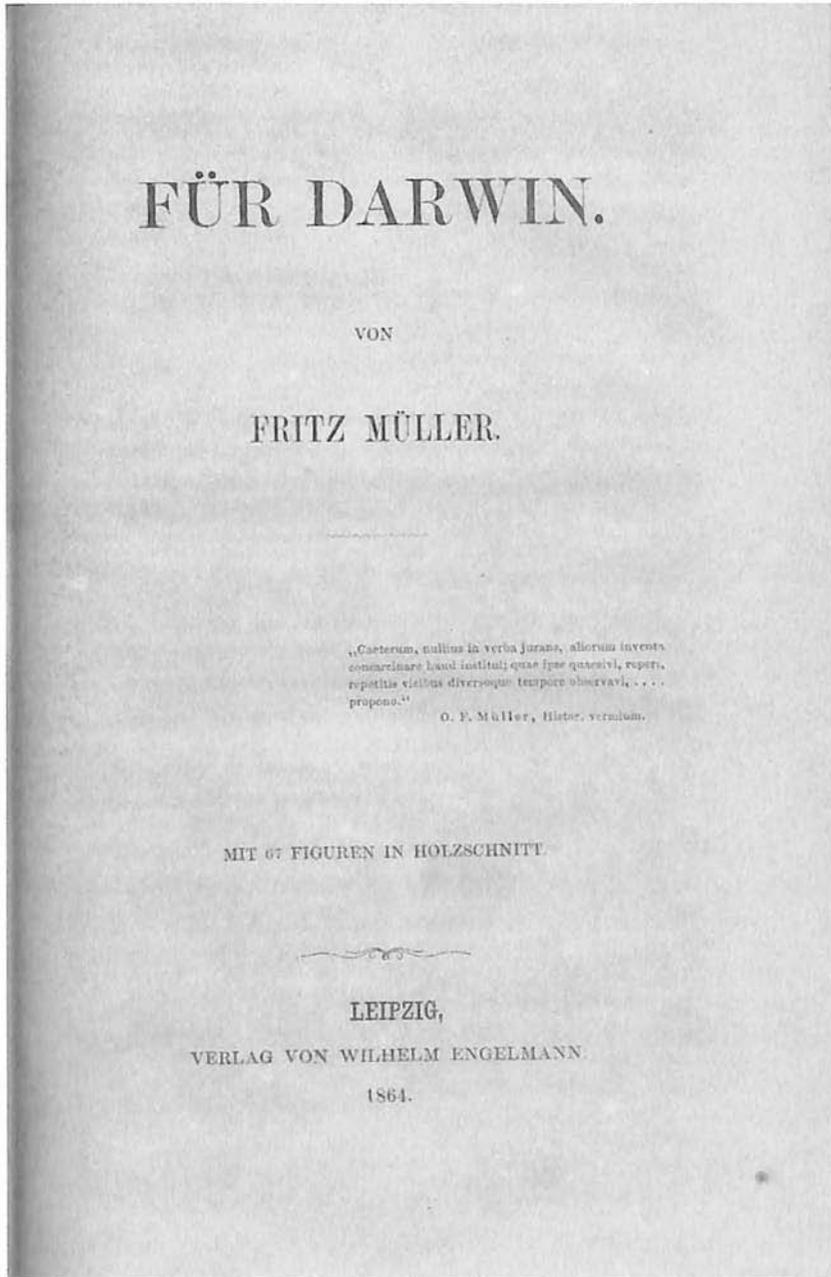


Figura 2: Página de rosto do livro *Für Darwin*. Exemplar da biblioteca de L. R. Fontes.

... um herói da ciência, o modelo do modesto sábio que não trabalha para ganhar fortuna e consideração, mas por gosto de estudos e observações e pela satisfação orgulhosa que o ânimo sente quando lhe é dado levantar em um ou outro ponto o véu que oculta à nossa vista os mistérios admiráveis da natureza. (p. 29)

Finalmente, para resumir a vida do grande homem e cientista, reprisamos a frase² da epígrafe de sua tese de doutorado sobre sanguessugas, na Alemanha, e repetida no seu livro *Für Darwin*:

Caeterum, nullius in verba jurans, aliorum inventa consarcinare haud institui; quae ipse quaesivi, reperi, repetitis vicibus diversoque tempore observavi propono.

“Aliás, o que exponho, sem jurar nas palavras de ninguém, e sem compilar as descobertas de outrém, é o que eu mesmo investiguei, achei e observei por diversas vezes e em diverso tempo.”

Não foi por acaso que Charles Darwin o designou *Príncipe dos Observadores*. Efetivamente, ... o sábio está autorizado a enganar-se nas suas interpretações dos fatos, não na observação desses fatos³. Fritz Müller trouxe à luz tal número de fatos importantes, colhidos na fauna e na flora brasileiras e tão acuradamente estudados, que contribuíram para consolidar a zoologia e a botânica como grandes especialidades dentro das ciências biológicas.

A OBRA TERMITOLÓGICA DE FRITZ MÜLLER

Fritz Müller foi o primeiro a desbravar inúmeros grupos zoológicos e botânicos em nosso país, realizando estudos vastos e profundos, nos limites do conhecimento científico da segunda metade do século XIX. Sua curiosidade, ao que parece, não encontrava limites e a tudo estudava com determinação, até sentir esgotar o que a natureza lhe podia oferecer. Assim, após uma bem sucedida carreira no estudo científico dos crustáceos marinhos, depois de ter publicado o *Für Darwin* e se envolver nas questões evolutivas, que no terreno científico e religioso efervesciam a sociedade européia, o naturalista iniciou sua longa série de publicações entomológicas pelos cupins.

Fritz Müller foi o primeiro termitólogo de nosso país. Não apenas por estudar “algo” sobre os nossos cupins ou por publicar uma notinha pioneira, sobre nossas espécies, mas por apresentar quatro longos textos sobre

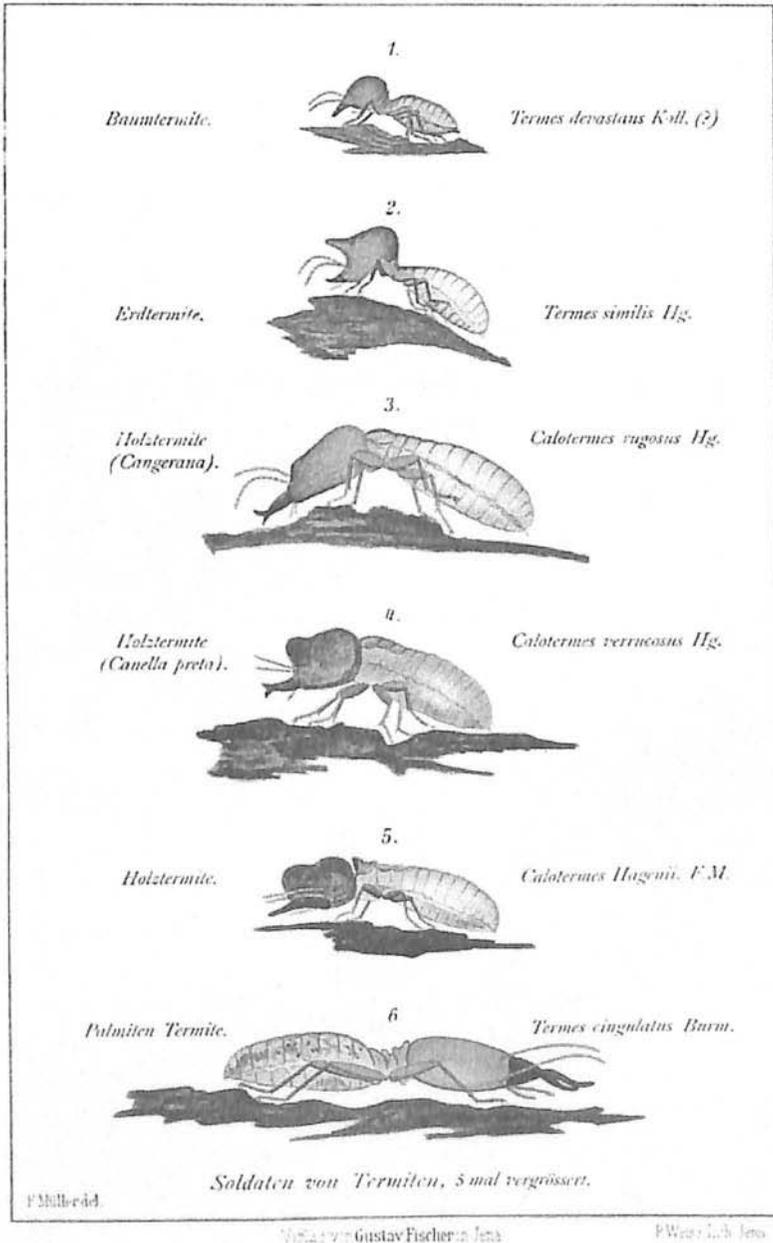


Figura 3: Desenhos coloridos feitos por Fritz Müller para ilustrar a palestra que deu na *Kulturverein* (Clube da Cultura) em 8 de outubro de 1871.

diversos aspectos da biologia e anatomia do inseto. Atualizado na produção literária e correspondendo-se com Hermann August Hagen, ele contou com a excelente monografia⁴ dos cupins, desse autor, publicada em quatro partes entre 1855 e 1860 e que representou uma excelente síntese do conhecimento termitológico mundial. Porém, devemos consignar que um sem número de dúvidas ainda pairavam sobre os cupins: seriam todos sociais? como se organizava a sociedade? e o polimorfismo? os ninhos? Eram muitos os mistérios, e coube a Fritz Müller o mérito de revelar ao mundo inúmeras facetas da história natural do inseto, com sua minuciosa investigação da fauna termitica do leste de Santa Catarina.

O interesse de Fritz Müller pelos cupins também deve ter despertado a curiosidade dos colonos da pequena aldeia em que residia e dos habitantes dos arredores. Tanto que ele ilustrou sua palestra na *Kulturverein* (Clube da Cultura), ministrada em 8 de outubro de 1871, com uma prancha contendo desenhos coloridos de sua autoria, cuja motivação esclarece em carta redigida no dia seguinte ao seu irmão Hermann Müller, residente em Lippstadt, na Alemanha (tradução de Cezar Zillig⁵): ... *a pequena dissertação de cunho popular sobre os cupins, a fim de chamar a atenção de meus conhecidos sobre estes insetos e para que eles não estranhassem quando, durante uma de minhas excursões, eu sem maiores explicações pedisse para que me dessem um machado e me permitissem adentrar suas terras na caça de cupins. Amanhã e depois de amanhã pretendo fazer uma destas excursões para o ribeirão do Encano ... Os desenhos não têm as pretensões da exatidão científica; eles devem apenas ilustrar os hábitos dos diferentes soldados.* Mais tarde, ele receberia cupinzeiros para estudo, como ninhos subterrâneos de *Procornitermes lespesii*, coletados durante o preparo da terra pelos agricultores locais.

A obra termitológica de Fritz Müller foi publicada principalmente em 1873 no periódico alemão *Jenaische Zeitschrift für Medizin und Naturwissenschaft*, em quatro artigos pioneiros, verdadeiros tratados de história natural. Antes houve uma breve nota apresentada na Seção de Entomologia de 26 de janeiro de 1870 da Sociedade de História Natural de Boston, e publicada por intermédio do Dr. Hagen nos *Proceedings* da Sociedade; depois seguiram-se quatro pequenos artigos, dando conta de novas descobertas. Os quatro artigos de 1873 são longos, densos em informações e desvelaram inúmeros fatos da vida dos cupins, atualmente citados nos textos devota-

dos ao inseto. Em realidade, nem se credita a informação original a Fritz Müller, ou porque a história da descoberta perdeu-se no tempo e esse conhecimento pioneiro é usado como se fosse de domínio público, desobrigando-se o usuário de citar o autor da descoberta, ou porque os artigos originais estão publicados em alemão, em periódico científico da década de 1870 (disponível em pouquíssimas bibliotecas), e, a bem da verdade, também aqui como alhures, muito cientista atual cultivava certa preguiça para obter e consultar os textos antigos, ou deliberada vontade de se afamar com a descoberta alheia⁶. Aliás, temos visto artigos que dão conta do *primeiro relato* ou *primeira descoberta* de um ou outro dado sobre a anatomia e biologia de determinada espécie de cupim, que em realidade já são conhecidos desde 1873, por obra do nosso muito competente e modesto Fritz Müller ...

São estes os quatro artigos pioneiros sobre os cupins, os quais oportunamente terão a sua versão completa publicada em língua portuguesa:

1 - Contribuição ao conhecimento dos cupins. I. Os órgãos sexuais dos soldados de *Calotermes*

Müller, F. M., 1873. Beiträge zur Kenntniss der Termiten. I. Die Geschlechtstheile der Soldaten von *Calotermes*. *Jenaische Zeitschrift für Med. Naturwiss.* 7: 333-340, 2 pl. (XIX-XX). [Re-publicado, p. 432-437 in Möller, A., 1915. Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben. Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879. Gustav Fischer, Jena, 800 p. Pranchas XXXVIII-XXXIX in Möller, A., 1915. *ibidem*. Atlas. Gustav Fischer, Jena, 85 pl.]

Na época, discutia-se a possível ocorrência dos dois sexos nas castas não reprodutoras, do soldado e do operário. Lespès havia demonstrado esse fato formidável em *Reticulitermes lucifugus*, porém Hagen fora mal-sucedido ao investigar o tema em outros cupins, e Gerstäcker considerava “difícil de acreditar” que tal fenômeno pudesse suceder nos cupins. Neste artigo, Fritz Müller demonstrou que o fenômeno é real, ao descrever minuciosamente a morfologia externa do abdome terminal e a anatomia dos órgãos sexuais internos, estes com ilustrações magníficas, de soldados machos e soldados

fêmeas de três espécies de calotermitídeos: *Glyptotermes canellae*, *Rugitermes nodulosus* e *Rugitermes rugosus*.

2 – Contribuição ao conhecimento dos cupins. II. As habitações dos nossos cupins

Müller, F. M., 1873. Beiträge zur Kenntniss der Termiten. II. Die Wohnungen unserer Termiten. *Jenaische Zeitschrift für Med. Naturwiss.* 7: 341-358. [Re-publicado, p. 438-452 in Möller, A., 1915. Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben. Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879. Gustav Fischer, Jena, 800 p.]

Fritz Müller descreve padrões de ninhos, materiais de construção, dinâmica da sua modelagem interna e comportamento construtivo de vários cupins. É fato que o ninho dos calotermitídeos se restringe a escavações na madeira. Os ninhos cartonados são construídos com excremento, mas os locais danificados são emergencialmente remendados também com regurgitado e fragmentos do próprio ninho. Rainhas também existem nos ninhos arborícolas e, se até então não se as encontraram nesses ninhos, é porque “requer-se maior habilidade na condução do machado do que naturalistas viajantes costumam ter”, para as encontrar na parte do ninho remanescente no tronco suporte. E ainda três relatos magníficos merecem destaque: (1) existem cupins verdadeiramente destituídos da casta do soldado, sendo *Anoplotermes pacificus* uma espécie comum na região; (2) a variedade de formatos dos ninhos epígeos de *Anoplotermes pacificus*, bem como sua grande abundância, é um fenômeno notável nas matas de restinga de Joinville — esse parece ser um estudo pioneiro sobre matas de restinga ou jundús, fato que até a atualidade segue despercebido dos estudiosos desse tipo de vegetação; (3) os ninhos subterrâneos de *Procornitermes lespesii*, na forma de um cilindro grosso e do tipo policálico ou composto (isto é, cada ninho se compõe de várias unidades, ligadas entre si), apresentam um padrão construtivo muito elaborado, que foi minuciosamente descrito e ilustrado no artigo.

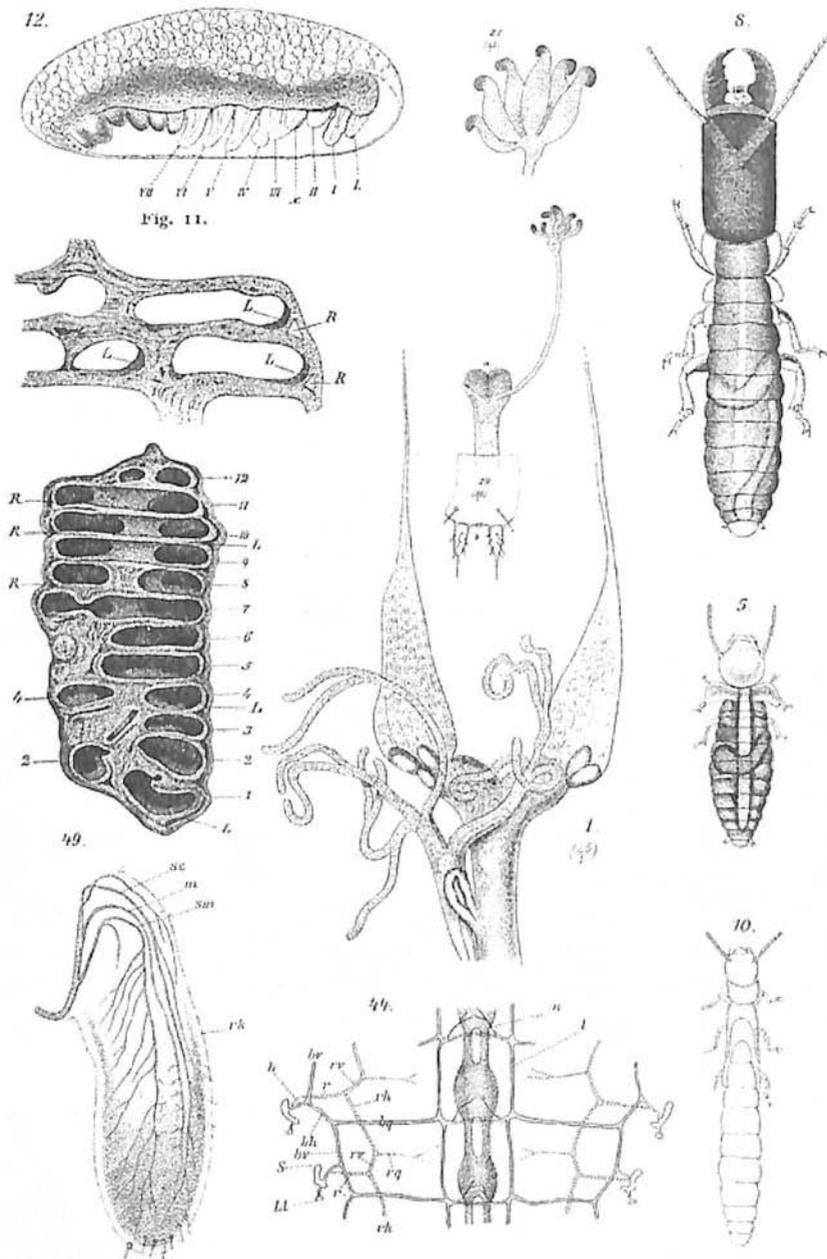


Figura 4: O traço preciso e a beleza gráfica das ilustrações preparadas por Fritz Müller podem ser avaliadas nesta coletânea, obtida de seus diversos artigos sobre cupim.

3 - Contribuição ao conhecimento dos cupins. III. As “ninfas com brotos alares curtos” (Hagen), “nymphes de la deuxième forme” (Lespès). Um sultão em seu harém.

Müller, F. M., 1873. Beiträge zur Kenntniss der Termiten. III. Die “Nymphen mit kurzen Flügelscheiden” (Hagen), “nymphes de la deuxième forme” (Lespès). Ein Sultan in seinem Harem. *Jenaische Zeitschrift für Med. Naturwiss.* 7: 451-463. [Re-publicado, p. 453-463 in Möller, A., 1915. Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben. Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879. Gustav Fischer, Jena, 800 p.]

A vida sexual dos cupins encerrava mistérios e era motivo de fantasia literária promovida por vários autores. Neste artigo, também em apoio às observações confiáveis de Henry Smeathman⁷ na África e apresentadas quase um século antes, em 1781, Fritz Müller discute evidências de que a cópula não ocorre durante a revoada, mas somente após o casal formado estar instalado na morada definitiva. Não solucionou o assunto, mas ofereceu excelente discussão. Curioso é que ele, a despeito de toda a sua experiência de campo e capacidade de observação, também acreditava que os casais formados após o enxameamento não produziam novas colônias, mas procuravam um ninho já estabelecido, necessitado de um par de reprodutores para prosseguir existindo.

Um tema formidável foi esclarecido: em cada colônia, além de reprodutores primários (rei e rainha) oriundos de revoada, definitivamente existem reprodutores de substituição, que jamais conheceram a luz do sol numa revoada! Ainda há dúvidas se o rei pode ser secundário, mas a rainha, essa definitivamente pode. Originam-se das formas então denominadas “ninfas com brotos alares curtos”, atualmente designadas reprodutores secundários (ou de substituição) de padrão ninfóide. Mais uma difícil questão, esclarecida pela genialidade, capacidade de observação e de dissecção de Fritz Müller.

4 – Contribuição ao conhecimento dos cupins. IV. As larvas de *Calotermes rugosus* Hag.

Müller, F. M., 1875. Beiträge zur Kenntniss der Termiten. IV. Die Larven von *Calotermes rugosus* Hag. *Jenaische Zeitschrift für Med. Naturwiss.* 9: 241-264, 4 pl. (X-XIII). [Re-publicado, p. 464-480 in Möller, A., 1915. Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben. Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879. Gustav Fischer, Jena, 800 p. Pranchas XL-XLIII in Möller, A., 1915. *ibidem*. Atlas. Gustav Fischer, Jena, 85 pl.]

Fritz Müller apresenta uma descrição minuciosa da morfologia externa e interna (tubo digestivo, glândulas salivares, túbulos de Malpighi e aparelho respiratório) das larvas mais jovens de duas espécies de “*Calotermes*” (as quais, 28 anos após, foram incluídas no novo gênero *Rugitermes*, descrito pelo naturalista sueco Nils Holmgren). Assinala que o número de artículos antenais permite reconhecer o estágio larval e que a disposição das nervuras nos cotos alares das duas espécies é típica e diferente dos demais “*Calotermes*” (própria do futuro gênero *Rugitermes*). Discute a origem das asas dos insetos e o significativo evolutivo das curiosas expansões laterais do protórax das larvas de 1º instar. As asas dos insetos, ao contrário do que então se pensava, não se originaram de brânquias traqueais, mas são expansões laterais dos notos torácicos. As expansões laterais do protórax, homólogas às do meso e metatórax (que vão resultar nas asas) não foram adquiridas pelas próprias larvas por seleção natural, mas herdadas de seus ancestrais, que viviam sob outras condições externas e nos quais serviriam à respiração em locais úmidos. Portanto, uma adaptação à passagem da vida aquática ao meio terrestre, ocorrida ao longo da história evolutiva dos insetos. As asas, surgidas para a respiração como cotos laterais no tórax, ao evoluir para o vôo receberam o aparato traqueal, que supre as suas necessidades respiratórias.

Esclarecimentos do Príncipe dos Observadores, que estudou tão minuciosamente as diminutas larvas de 1º instar dos cupins-de-madeira-seca.⁸

Além dessas quatro grandes publicações, Fritz Müller publicou uma nota preliminar em 1871 e, depois, mais quatro notas. Três notas resulta-

ram de cartas, cujo conteúdo revelava fatos tão interessantes e inusitados sobre os cupins, que inspiraram os correspondentes de Fritz Müller a encaminhá-las para publicação.

5 - Observações sobre alguns cupins

Müller, F., 1871. [Remarks on some white ants – presented by Dr. H. Hagen]. *Proc. Boston Soc. Nat. Hist.* 13: 205-206. [Re-publicado, p. 404 in Möller, A., 1915. Fritz Müller. *Werke, Briefe und Leben. Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879.* Gustav Fischer, Jena, 800 p.]

Esta breve nota, apresentada por Hagen na reunião de 26 de janeiro de 1870 da *Boston Society of Natural History*, precedeu o conjunto de quatro grandes estudos, publicados em 1873. Em realidade, Hagen comunicou os achados de Fritz Müller, apresentados em carta, e acompanhados de alguns espécimes, que foram assim identificados: alados mal preservados para permitir uma identificação acurada, possivelmente *Termes striatus* ou talvez *Termes similis* [*Procornitermes lespesii*]; um soldado de *Termes similis* [*Procornitermes lespesii*] e um soldado de *Termes cingulatus* [*Neocapritermes opacus*]. No texto publicado apresenta-se uma descrição preliminar do ninho subterrâneo de *Procornitermes lespesii*, e ao final Hagen esclarece: *No description of white ants' nests like this has ever been given before.*

6 - Pesquisas recentes sobre cupins e abelhas melíferas

Müller, F., 1874. Recent researches on termites and honey-bees. *Nature* 9: 308-309. [Re-publicado, p. 486-488 in Möller, A., 1915. Fritz Müller. *Werke, Briefe und Leben. Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879.* Gustav Fischer, Jena, 800 p.]

Carta do autor, apresentada por Darwin a *Nature*, dando a conhecer alguns resultados mais abrangentes, de seus estudos de mais de uma dúzia de espécies de cupins catarinenses. Entre outras informações, confirma-se que em companhia da rainha sempre vive um rei (portanto, um casal), fato já observado por Smeathman há mais de um século, porém ainda motivo de dúvida da maioria dos autores subseqüentes. O mais espetacular, entretanto, é a constatação de que podem existir duas formas sexuadas, em algumas

(se não em todas) as espécies: machos e fêmeas alados, que voam e cruzam com os de diferentes colônias, e machos e fêmeas sem asas, que jamais abandonam a colônia onde nasceram.

7 – Aditamentos ao nosso conhecimento dos cupins

Müller, F., 1875. Addition to our knowledge of the termites. *Nature* 12: 218.

Carta do autor, apresentada pela Sra. Ellen Frances Lubbock a *Nature*, com um relato abreviado das constatações e discussões de Fritz Müller, publicadas no artigo *Beiträge zur Kenntniss der Termiten. IV*, sobre as larvas de “*Calotermes*” e sua importância para a interpretação do ancestral dos cupins, enriquecido com alguns comentários de Lubbock.

8 – A substância orgânica amorfa dos ninhos dos cupins

Müller, F., 1882/1893. Die gefügelose Substanz der Termiten-Nester. *Kosmos* 12: 49-50. [Re-publicado, p. 927 in Möller, A., 1915. Fritz Müller. *Werke, Briefe und Leben. Text-Abteilung 2: Arbeiten aus den Jahren 1879-1899*. Gustav Fischer, Jena, 710 p.]

Fritz Müller esclarece uma dúvida sobre a composição orgânica dos ninhos de cupins, inexplicável em um relato de caso apresentado em reunião da Sociedade Fisiológica de Berlim, em 1882. Esclarece que, no material fecal utilizado na construção interna do ninho, a composição química é similar à da madeira, com perda da estrutura orgânica microscópica, e a densidade do material transformado, homogêneo e sem ar, é maior do que a da madeira.

9 – As ninfas dos cupins

Müller, F., 1887. Die nymphen der Termiten. *Entomologische Nachrichten* 13(12): 177-178. [Re-publicado, p. 1110-1111 in Möller, A., 1915. Fritz Müller. *Werke, Briefe und Leben. Text-Abteilung 2: Arbeiten aus den Jahren 1879-1899*. Gustav Fischer, Jena, 710 p.]

No fascículo 1 do mesmo periódico, Hermann von Ihering, então residente no estado do Rio Grande do Sul, opinou de modo diverso sobre

as “ninfas com brotos alares curtos” (reprodutores secundários ou de substituição, de padrão ninfóide), tema elucidado por Fritz Müller em artigo de 1873 (veja item 3). Fritz Müller comenta a interpretação errônea de Ihering, que confundiu os reprodutores secundários ninfóides, assinalados em várias espécies de cupins, com as ninfas em início de desenvolvimento, presentes em grande quantidade sazonalmente nos ninhos de todos os cupins. Estas são apenas imaturos da linhagem da casta do alado, cujos brotos alares se alongam com as mudas, gradualmente até a última muda, em que finalmente emergem os alados machos e fêmeas. Portanto, a hipótese de Ihering, de que tais ninfas surgiriam sazonalmente por partenogênese, ilustrando uma alternância de reprodutores dentro da espécie (dimorfismo nos reprodutores, ou heterogonia, com alternância de reprodução sexuada e assexuada), era apenas um equívoco.

ATUALIZAÇÃO NOMENCLATURAL

É oportuno apresentar uma atualização da nomenclatura taxonômica dos cupins estudados por Fritz Müller. Assim, o leitor da obra original poderá transportar a informação para a atualidade. Para essa atualização, valemo-nos da tradução criteriosa dos artigos originais para o português, realizada por Dr. Cezar Zillig, que nos permitiu uma análise acurada da informação biológica e morfológica, associando-a aos nomes atualmente válidos.

Nome utilizado por Fritz Müller
(grafia original e nome popular)

nome atual

Anoplotermes pacificus *Anoplotermes pacificus*

Calotermes Canellae *Glyptotermes canellae*

Calotermes Hageni *Eucryptotermes wheeleri*

(Holztermite)

Calotermes nodulosus *Rugitermes nodulosus*

Calotermes rugosus *Rugitermes rugosus*

(Holztermite - Cangerana)

Calotermes Smeathmani **nomem nudum**

Calotermes verrucosus *Glyptotermes verrucosus*

(Holztermite - Canella preta)

Eutermes *Nasutitermes* e *Cortaritermes fulviceps*

<i>Eutermes inquilinus</i>	nomem nudum
<i>Termes cingulatus</i>	<i>Neocapritermes opacus</i>
(Palmiten Termite)	
<i>Termes devastans</i>	<i>Nasutitermes</i>
(Baumtermite)	
<i>Termes dirus</i>	<i>Syntermes dirus</i>
<i>Termes nigricans</i> [lato sensu, não identificado] [mencionando Hagen]	
<i>Termes Rippertii</i>	provavelmente <i>Nasutitermes</i> (várias espécies)
<i>Termes saliens</i>	<i>Neocapritermes opacus</i>
<i>Termes similis</i>	<i>Procornitermes lespesii</i>
(Erdtermite)	

CONCLUSÃO - O PIONEIRISMO DE FRITZ MÜLLER

Fritz Müller foi pioneiro em inúmeras descobertas sobre a história natural dos cupins, ou consolidou conhecimentos, que agora são de domínio público. Seus estudos foram todos realizados com a fauna da região onde excursionava, no leste do estado de Santa Catarina. Essa região está representada na figura obtida da obra de Möller⁹. Curiosamente, nessa figura Möller compôs a cabeça de um soldado nasuto e um esboço de parte do corpo, em perfil. Quem sabe, temos ali uma evidência da forte influência termítica na vida de Fritz Müller ...

Convém ressaltar alguns aspectos do trabalho termitológico desse grande naturalista, que passam despercebidos no meio acadêmico. Fritz Müller foi o primeiro:

- a estudar amplamente os cupins da Mata Atlântica, um bioma hoje ameaçado de extinção;
- a estudar amplamente os cupins da vegetação de restinga (jundú, nhundú), embora não distinguisse as diversas categorias de "matas" em que realizava suas coletas;
- a realizar um amplo levantamento da fauna termítica regional, num trabalho superado apenas um século depois por A. G. Anthony Mathews¹⁰, em 1977. Em realidade, os estudos desses dois naturalistas, ainda sem nenhum outro que se lhes equivalha na profundidade com que abordaram a composição e a biologia da fauna termítica regional, permitem avaliar as

mudanças históricas na composição faunística, motivadas por desmatamento, cultivo, urbanização ou introdução de espécies.

– a notar a enorme abundância de cupins nos troncos mortos e no solo das matas, tema na atualidade ainda pouco estudado em nosso país, com exceção de alguns estudos recentes na região amazônica (curiosamente, também realizados por alemães);

– a valorar aspectos biológicos básicos dos cupins, minuciosa e exaustivamente observados, extremamente importantes para o conhecimento do inseto e que hoje são desprezados na maioria dos estudos acadêmicos, nos quais se prioriza mais o método dito científico (imposição de metodologia rígida de coleta e de análise de resultados, que muita vez redundam em falseamento da realidade, com análises e mais análises estatísticas, instrumento que deixa de ser ferramenta de estudo e passa a dirigir a pesquisa), do que o conhecimento e observação acurada do fenômeno.

Era o que desejava comentar, em memória do primeiro termitólogo de nosso país.

Referências

¹Ihering, H., 1898, Fritz Müller. *Necrológio*. *Rev. Mus. Paulista* 3: 17-29.

²de autoria do naturalista dinamarquês Otto Friedrich Müller, do século XVIII (1730-1784).

³Lecomte du Noüy, P., 1950. *O futuro do espírito*. Editora Educação Nacional, Lisboa, 330 p.

⁴Hagen, H., 1855-1860. *Monographie der Termiten*. I, *Linnaea Entomologica* 10:1-144, 270-325 (1855); 12: 1-342 + 3 pl. (1858, II), 459-461; 14: 73-99 (1860, III); 14: 100-128 (1860, Nachtrag).

⁵Möller, A., 1921. *Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben*. Vol. 2: Briefe. Gustav Fischer, Jena, XVII + 667 pp, 4 pl. [págs. 199-200, prancha 2]

⁶daí ser muito apropriada a frase de O. F. Müller², especialmente nos tempos atuais, em que a praga do plágio assola a produção literária dita científica.

⁷Smeathman, H., 1781. *Some Account of the termites, which are found in Africa and other hot climates*. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London* 71: 139-192. [Carta de Henry Smeathman a Sir Joseph Banks]

⁸O manuscrito é datado de 31 de março de 1874. Conforme notou o Dr. Zillig, ao finalizar a tradução do artigo, *no dia em que completava 52 anos, Fritz Müller concluiu sua série de artigos sobre cupins e se concedeu este presente!*

⁹Möller, A., 1920. *Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben*. *Fritz Müllers Leben*. Gustav Fischer, Jena, 163 p.

¹⁰Mathews, A. G. A., 1977. *Studies on termites from the Mato Grosso State, Brazil*. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 267 p.

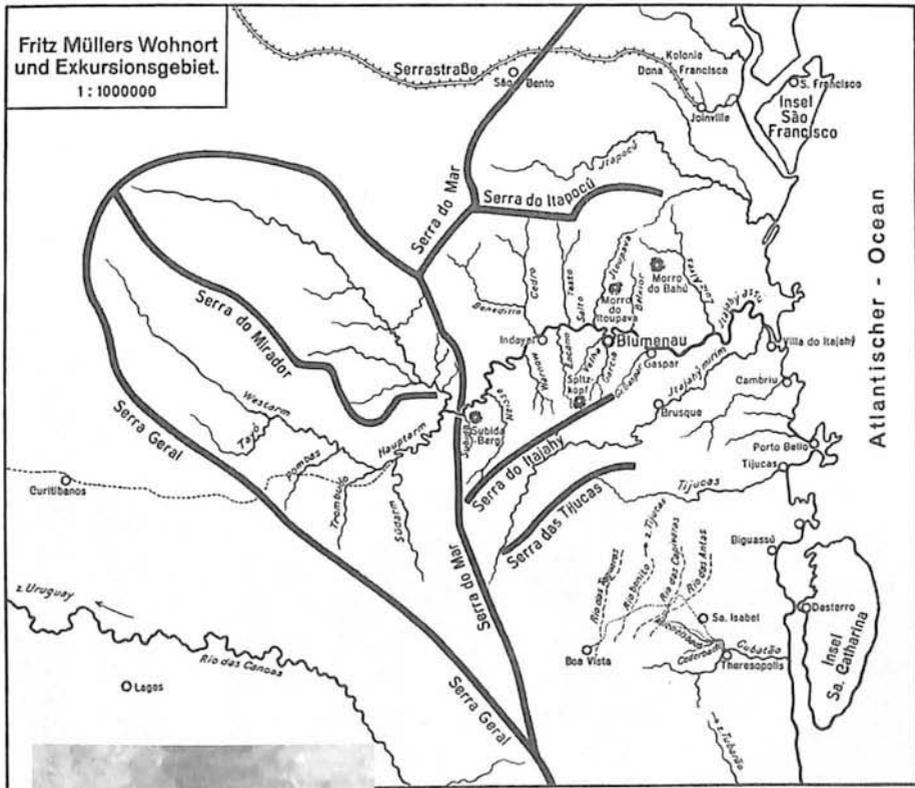


Figura 5: Mapa de região de Santa Catarina, onde Fritz Müller realizou suas excursões científicas. A figura, curiosamente, reproduz a cabeça de um soldado nasuto e um esboço de parte do corpo, em perfil.

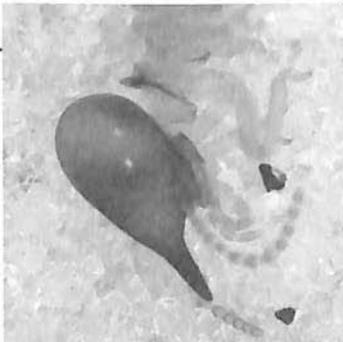


Figura 5a: Soldado nasuto de *Cortaritermes fulviceps*, cabeça e parte do tórax em vista lateral. Veja a semelhança com o traçado apresentado na Figura 5. Esse cupim habita o estado de Santa Catarina e seguramente é um dos "Eutermes" mencionados por Fritz Müller.

Formação de professores em Santa Catarina

Isabel Cristina Gonçalves²
Rosinéte Gaertner³

Artigos

O Ensino da Matemática no Curso Complementar no período de 1938 a 1945¹

O curso complementar e suas origens

Nas décadas de 1940 e 1950, a maioria das pequenas escolas isoladas catarinenses era regida por professores complementaristas.

O Curso Complementar foi resultante de diversas reformas no ensino catarinense iniciadas em 1911, no governo do Coronel Vidal José de Oliveira Ramos, que implantou uma revolução no sistema de instrução pública, tendo como apoio físico o Grupo Escolar, e como pedagogia, o “ensinar a fazer”. Essa reorganização foi idealizada por Orestes Guimarães - professor paulista nomeado Inspetor Geral do Ensino Público de Santa Catarina pelo Governador Vidal Ramos através do Decreto n. 597, de 08 de junho de 1911 - e seguiu o modelo de ensino do Estado de São Paulo.

A estrutura organizacional do ensino idealizada por Guimarães seria mantida até 1935, ano em que ocorre uma nova reformulação educacional no Estado, conhecida como Reforma Trindade, na qual o professor Luís Sanches Bezerra da Trindade, então na chefia da Diretoria de Instrução Pública, procurou reorganizar o sistema administrativo do ensino, baseando-se nas reformas operadas no Distrito Federal.



No Estado de Santa Catarina, a partir de 1911 até a reforma Trindade, os estabelecimentos escolares, segundo Moreira (1954), se distribuía em: Escolas Isoladas, Escolas Reunidas, Grupos Escolares, Escolas Complementares e Escolas Normais.

As Escolas Isoladas, situadas nas zonas rurais dos municípios, eram pequenas, para 30 ou 40 alunos, sendo regidas por professores vitalícios ou efetivos, não normalistas. Ofereciam três ou quatro séries de estudo, todas em uma única sala de aula, tendo apenas um só professor. Os Grupos Escolares eram os estabelecimentos criados nas cidades mais populosas do Estado, compostos de quatro ou mais classes com um professor responsável por cada classe (geralmente com formação na Escola Normal). Para iniciar a reforma do ensino no que diz respeito à estrutura física, foram criados inicialmente no Estado, através do Decreto nº 614, de 12 de setembro de 1911, seis Grupos Escolares nas cidades de Florianópolis, Joinville, Lages, Blumenau, Laguna e Itajaí, destinados a funcionar como escolas-modelo de ensino para as respectivas regiões.

Anexas aos Grupos Escolares, foram criadas as Escolas Complementares, que tinham por objetivo dar continuidade ao ensino ministrado nos grupos escolares (quatro anos de escolaridade), e funcionavam nos prédios dos Grupos Escolares, geralmente no 2º turno (à tarde). Seus professores não se encarregavam de turmas, mas sim de grupos de matérias. Sua duração era de dois anos e tinha por finalidade preparar os professores que atuariam nas numerosas Escolas Isoladas catarinenses, sendo que seus egressos podiam matricular-se no terceiro ano fundamental da Escola Normal.⁴

Em 1931, acontece uma reforma nacional no ensino secundário⁵, conhecida como Lei Francisco Campos, na qual o ensino passaria a ter o Curso Primário com 4 anos, o Fundamental com 5 anos e o Complementar com 2 anos. Assim, o ensino secundário dividia-se em dois níveis, com sete anos de duração total. Nesta organização, o Curso Complementar tinha por finalidade preparar os candidatos aos cursos superiores, enfatizando o estudo de disciplinas de acordo com o curso superior pretendido. Mas, em Santa Catarina, a nova estrutura não fez desaparecer a Escola Complementar criada em 1911, com finalidade diferente do curso criado pela Lei Francisco Campos.

Em 1935 ocorre uma reorganização do ensino catarinense, a Refor-

ma Trindade, assim denominada por causa do seu idealizador: professor Luiz Sanchez Bezerra da Trindade. Nesta reforma as antigas escolas complementares são transformadas em Escolas Normais Primárias, com o objetivo de preparar os professores para as zonas rurais, com três anos de estudos, nas quais passam a ser ensinadas noções de pedagogia e psicologia. Para Moreira (1954), as escolinhas isoladas tinham que se satisfazer com os professores complementaristas ou com os formados pelas Escolas Normais Primárias.

No 1º ano de estudo do curso Normal Primário foi mantido o programa que até então era adotado nas Escolas Complementares; no 2º e no 3º anos foram adotados os programas da primeira e da segunda série do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. Havia cinco aulas diárias em cada ano do curso, com duração de 45 minutos cada uma. O Decreto nº 713 de 05 de janeiro de 1935 determinava a grade curricular do curso, sendo que a matemática nestas séries era distribuída da seguinte forma: o 1º ano tinha três aulas semanais de Aritmética; o 2º ano tinha três aulas semanais de Aritmética, duas aulas semanais de Álgebra e uma aula semanal de Geometria, e o 3º ano tinha duas aulas semanais de Geometria e três aulas semanais de Aritmética e Álgebra, sendo estas duas desenvolvidas concomitantemente. Os alunos que concluíam o curso Normal Primário recebiam um diploma de habilitação para o magistério primário rural.

Mas a reorganização de 1935 durou pouco, talvez por ter sido basicamente criada uma superestrutura administrativa e que de novo nada introduziu. Em 1938, leis e decretos foram derrubando a Reforma Trindade. Agora as Escolas Normais Primárias são transformadas em Cursos Complementares, com dois anos, voltando ao modelo de Guimarães de 1911, seguindo os programas da primeira e da segunda série do Ginásio do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro⁶.

Em Blumenau, as escolas públicas estaduais ofereceram durante toda a sua existência, até o ano de 1938, apenas o curso primário, estando a cargo das escolas privadas (católicas ou alemãs) a oferta do ensino secundário.

A grande necessidade de se formar professores para as pequenas escolas públicas rurais, municipais e estaduais aumenta por conta da nacionalização do ensino que ocorre no estado de Santa Catarina, em 1938, que

fechou centenas de escolas mantidas pelas comunidades de imigração estrangeira. Novas escolas públicas são criadas e, conseqüentemente, precisava-se de muitos professores em um curto espaço de tempo para atuar nas pequenas escolas rurais, municipais e estaduais. Para suprir esta necessidade, neste momento, é que são abertas dezenas de Cursos Complementares no Estado de Santa Catarina, mesmo estes preparando de forma sofrível o professorado. No período de 1938 a 1947, centenas de professores foram formados nesse curso e habilitados a lecionar nas escolas isoladas catarinenses⁷.

No ano de 1946, com a promulgação da Lei Orgânica Estadual do Ensino Normal, são implantados os “Cursos Normais Regionais” com quatro anos de estudo, que habilitava seus egressos a exercerem docência em Escolas Isoladas e Escolas Reunidas, mediante concurso. Este novo modelo acaba definitivamente com o Curso Complementar.

O curso complementar em Blumenau

Em Blumenau, entre os anos de 1938 a 1945, existiam quatro grupos escolares que ofertavam, além do curso primário, o Curso Complementar. Eram eles: Grupo Escolar Luiz Delfino, Grupo Escolar Pedro II, Grupo



Figura 1: Grupo Escolar Luiz Delfino. Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Escolar José Bonifácio e Grupo Escolar Santos Dumont, sendo os dois últimos criados especialmente neste período para atender a demanda crescente de alunos no município.

No Grupo Escolar Luiz Delfino, o primeiro da região de Blumenau, o Curso Complementar é implantado em 1939, fato que é verificado através de livros-ponto da Escola, nos quais há registros dos professores do Curso Complementar anexo ao Grupo Escolar. O Grupo Escolar Luiz Delfino formou aproximadamente 150 professores complementaristas no período de 1940 a 1947, quando há registro dos últimos formandos.

Segundo depoimento do ex-aluno Heinz Sasse, as aulas eram no período vespertino e tinham duração de 55 minutos com intervalos de 10 minutos de descanso entre cada duas aulas para troca de disciplinas e/ou professores. Para efetuar matrícula o estudante não precisava prestar exame de admissão; era exigida apenas a apresentação do boletim de conclusão do 4º ano Primário.

Em cada ano do curso lecionavam quatro professores, incluindo o diretor. As turmas do 1º ano eram grandes com aproximadamente 30

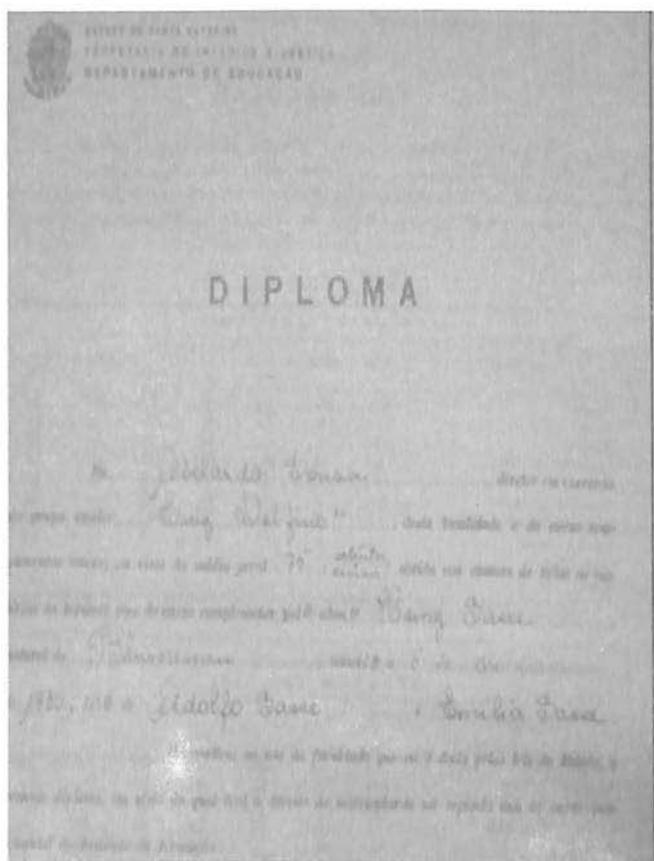


Figura 2: Diploma de conclusão do Curso Complementar em 1945 de Heinz Sasse. Fonte: livro de Diplomas do Curso Complementar do Grupo Escolar Luiz Delfino, pertencente ao acervo da Escola de Educação Básica Luiz Delfino

alunos; já no 2º ano esse número, muitas vezes, era reduzido praticamente pela metade. Isto provavelmente ocorria pelo sistema de avaliação adotado, sendo que a média geral anual para aprovação era 50 (numa escala de 0 a 100). A disciplina era rígida, com aplicação de castigos para aqueles que deixavam de cumprir as tarefas ou as normas da escola.

Os alunos do Grupo Escolar usavam uniformes nas cores azul e branco. Para haver uma diferenciação entre os meninos do Primário e do Complementar adotava-se “calça curta” para os do Primário e “calça comprida” para os do Complementar. Para as meninas não havia diferenciação: saia pregueada azul e blusa branca.

A Escola Particular Dom Pedro II surge em 1938, quando a nacionalização do ensino transforma os estatutos da *Deutsche Schule de Blumenau* – criada em 1889, pela comunidade luterana. Quatro anos mais tarde, a escola é doada ao governo estadual e passa a ser denominada Grupo Escolar Pedro II.

Neste período de transição, alunos que em 1938 cursaram o 1º ano da Escola Normal Primária, em 1939 não foram matriculados no 2º ano Nor-

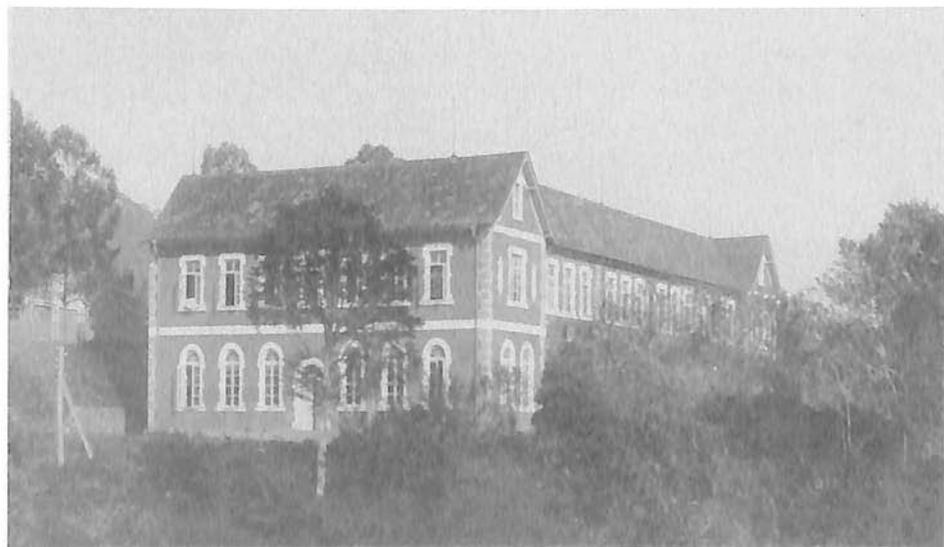


Figura 3: Grupo Escolar Pedro II na década de 1930. Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

mal Primário, mas sim, no 1º ano do Curso Complementar, este sendo chamado de equiparado, pois o 1º ano era equiparado ao 1º ano do Ginásio e o 2º ano também era equiparado ao 2º ano do Ginásio do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro.

No ano de 1939 foi adotado uniforme: saia vermelha e blusa bege para as meninas e calça comprida vermelha e blusa bege para os meninos, com estrelinhas na blusa: uma estrelinha, primeiro Complementar, duas estrelinhas segundo Complementar. Mais tarde, na época da II Guerra Mundial, quando a escola foi doada ao Estado de Santa Catarina, a cor vermelha foi substituída pela azul.

Poucos professores lecionavam as diversas disciplinas do Curso Complementar tendo destaque o professor Joaquim de Sales que lecionou Português, Matemática, Francês e Ciências Físicas e Naturais. Ele era formado em Filosofia, os outros professores eram normalistas. Todas as disciplinas eram ensinadas em Português; era proibido falar alemão no interior da escola.

A Escola Complementar, anexa ao Grupo Escolar Pedro II, formou aproximadamente 100 complementaristas no período de 1940 a 1947, quando há registro dos últimos formandos.

Sobre o Curso Complementar do Grupo Escolar José Bonifácio, localizado no distrito do Rio do Testo (atual município de Pomerode), nenhum registro escrito foi encontrado. Informações foram obtidas através do ex-aluno Gerhard Ehlert, formado em 1942. Para ingressar no Curso Complementar era necessário fazer uma prova de admissão ao Curso; poucos eram aprovados. A primeira turma, a qual pertencia o depoente, tinha poucos alunos, sendo que no 2º ano havia apenas cinco.

As aulas no Grupo Escolar José Bonifácio eram no período vespertino, com quatro horas de aula, tendo quatro ou cinco disciplinas diárias, ministradas por quatro diferentes professores que lecionavam diversas disciplinas. As matérias de Português e Matemática eram estudadas todos os dias, enquanto que as outras eram em dias alternados. Os professores eram advindos de Florianópolis, sendo que Português era lecionado sempre pelo diretor da escola.

O depoente relata da dificuldade que teve para iniciar o exercício do magistério após terminar o Curso Complementar. Afinal, os rapazes da época

só podiam ser contratados como professores depois que tivessem prestado serviço militar ou, ainda, possuísem o certificado de reservista, o que ocorria quando tinham quase 20 anos. As moças tinham a vantagem de poder dar aulas logo após a conclusão do Curso Complementar, com aproximadamente 15 anos de idade.

Não foram encontrados dados referentes ao número de complementaristas formados pela Escolar Complementar, anexa ao Grupo Escolar José Bonifácio, mas este curso formou complementaristas até 1947.

O Grupo Escolar Santos Dumont foi criado pelo Decreto nº 6924 de 23 de outubro de 1939, localizado no bairro Garcia. No dia 10 de dezembro de 1939 deu-se o lançamento da pedra fundamental, sendo construído durante o ano de 1940 e inaugurado em 20 de abril de 1941, tendo como primeiro diretor Antonio Cordeiro. Em 1942 é criada a Escola Complementar, anexa ao grupo escolar. Infelizmente, não foram encontradas documentações relativas a este curso Complementar, tais como relações de alunos, registros de professores ou qualquer outra informação que auxiliassem na composição de sua história.



Figura 4: Primeira Turma de Formandos da Escola Complementar, anexa ao Grupo Escolar José Bonifácio – 1942. Fonte: Acervo particular de Gerhard Ehlert.

O ENSINO DE MATEMÁTICA NO CURSO COMPLEMENTAR

O Curso Complementar tinha duração de dois anos e continha em seu programa as seguintes disciplinas: Português, Francês, Aritmética, Álgebra, Geometria, Ciências Físicas e Naturais, Desenho, Geografia Geral e do Brasil, História da Civilização e do Brasil, Trabalhos Manuais, Música e Educação Física. Neste novo modelo não há mais as disciplinas de Pedagogia e Psicologia que existiam nas Escolas Normais Primárias, o que prejudica a formação do professor complementarista. No curso, as disciplinas eram divididas em três secções. A 1ª secção era composta pelas disciplinas de Português e Francês, a 2ª secção por Matemática, Ciências e Desenho, e a 3ª secção era composta por Geografia Geral e do Brasil, História da Civilização e do Brasil e Trabalhos.

As notas no Curso Complementar eram dadas de 0 a 100, sendo graduadas de cinco em cinco. Estas notas tinham os seguintes conceitos: 100 = ótima, 90 = muito boa, 80 e 70 = boa, 60 e 50 = regular, 40 e 30 = sofrível, 20 e 10 = má, e zero = péssima.

A avaliação no curso era mensal, com uma nota para cada mês, de fevereiro a novembro, que resultavam em uma média anual. Havia exames nos meses de maio, agosto e novembro com os respectivos pesos 1, 3 e 5. A Média Geral era obtida através da soma da média anual com as notas dos exames multiplicadas por seus pesos; esta soma final era dividida por dez, obtendo assim a média geral do aluno, ou seja:

$$\text{Média Geral} = \frac{\text{média anual} + \overset{\text{exame}}{\text{maio} \times 1} + \text{agosto} \times 3 + \text{novembro} \times 5}{10}$$

O estudo da Matemática ocorria nas disciplinas de Aritmética, Álgebra e Geometria, e um só professor lecionava as três. Como no Curso Complementar, adotou o programa de ensino do 2º e 3º anos da antiga Escola Normal Primária. A sua carga horária semanal no 1º ano era de três aulas de Aritmética, duas aulas de Álgebra e uma aula de Geometria, e no 2º ano havia duas aulas de Geometria e três aulas de Aritmética e Álgebra, sendo estas disciplinas dadas em conjunto.

Estes dois anos de curso eram equiparados aos 1º e 2º anos do Ginásio do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro.

Com relação ao estudo da Matemática, especificamente, de 1938 a 1942, existiam as disciplinas de Aritmética, Álgebra e Iniciação Geométrica e um só professor lecionava as três. Os programas de ensino de Matemática do Ginásio do Colégio Pedro II deste período encontram-se na obra de Vecchia e Lorenz (1998). Os conteúdos matemáticos ensinados nos primeiros e segundos anos do curso Complementar contemplavam conceitos de geometria, aritmética e álgebra:

PRIMEIRA SÉRIE

Iniciação geométrica

- ✓ Principais noções sobre as formas geométricas.
- ✓ Áreas do quadrado, retângulo, paralelogramo, triângulo e trapézio; circunferência e área do círculo.
- ✓ Volumes do paralelepípedo retângulo, do cubo, do prisma triangular, do cilindro e do cone circular (retos). Fórmulas.

Aritmética

- ✓ Prática de operações fundamentais. Cálculo abreviado. Exercício de cálculo mental.
- ✓ Noção de Múltiplo e de divisor. Caracteres de divisibilidade.
- ✓ Decomposição em fatores primos: aplicação ao m.d.c. e ao m.m.c.
- ✓ Frações ordinárias e decimais. Operações com frações. Explicação objetiva pelo fracionamento de objetos ou de grandezas geométricas.
- ✓ Sistema métrico decimal. Prática das medidas de comprimento, superfície, volume e peso.
- ✓ Operações com números complexos: unidades de tempo e de ângulo.
- ✓ Sistema inglês de pesos e medidas.
- ✓ Quadrado e raiz quadrada de números inteiros e decimais: aproximação no cálculo da raiz. Traçado de gráficos.

Álgebra

- ✓ Símbolos algébricos; fórmulas; noção de expoente.
- ✓ Números relativos ou qualificados. Operações. Explicação objetiva das regras dos sinais.
- ✓ Cálculo do valor numérico de monômios e polinômios. Redução de termos semelhantes; adição e subtração.
- ✓ Multiplicação de monômios e polinômios, casos simples. Explicação objetiva pela consideração de áreas.
- ✓ Potências de monômios. Quadrado de um binômio. Primeira noção de equação com uma incógnita.

SEGUNDA SÉRIE

Iniciação geométrica

- ✓ Noção de ângulo e de rotação; ângulos adjacentes, complementares, suplementares, opostos pelo vértice.
- ✓ Medida dos ângulos. Uso do transferidor.
- ✓ Paralelas e perpendiculares; problemas gráficos sobre seu traçado.
- ✓ Triângulos: alturas, medianas, e bissetrizes; soma dos ângulos internos e externos.
- ✓ Estudo sucinto dos quadriláteros.
- ✓ Noções sobre figuras semelhantes: escala.
- ✓ Medida indireta das distâncias
- ✓ Razões entre lados de um triângulo retângulo. Seno, co-seno e tangente de ângulo agudo.
- ✓ Uso de tabelas de senos, co-senos e tangentes naturais.

Aritmética e Álgebra

- ✓ Noção de função de uma variável independente. Representação gráfica.
- ✓ Estudo das funções $y = ax$ e $y = \frac{a}{x}$; exemplos.
- ✓ Proporções e suas principais propriedades.

- ✓ Resolução de problema sobre grandezas proporcionais. Porcentagens, juros, desconto (comercial), divisão proporcional, câmbio.
- ✓ Equações do 1º grau com uma incógnita. Problemas. Interpretação das soluções negativas.
- ✓ Sistemas das equações do 1º grau com duas incógnitas. Problemas.
- ✓ Representação gráfica da função linear de uma variável. Resolução gráfica de um sistema de duas equações com duas incógnitas.
- ✓ Divisão algébrica. Expoente zero. Expoente negativo.
- ✓ Decomposição em fatores.
- ✓ Frações algébricas. Simplificações.

Entre 1943 e 1946, nova grade curricular é adotada, sendo que na disciplina de Matemática passam a ser abordados conceitos de geometria e aritmética, ocorrendo a eliminação dos conceitos de álgebra. O foco é no ensino de uma matemática básica e utilitária, sendo dada especial atenção ao desenvolvimento do cálculo mental. Abaixo, estão descritos os programas de ensino para as duas séries:

PRIMEIRA SÉRIE

Geometria intuitiva

Unidade I – Noções fundamentais: 1. Sólidos geométricos, superfícies, linhas, ponto. 2. Plano, reta, semi-reta, segmento. 3. Ângulos. 4. Posições relativas de retas e planos; paralelas; perpendiculares e oblíquas.

Unidade II – Figuras geométricas: 1. Polígonos; triângulos e quadriláteros. 2. Círculo. 3. Poliedros; corpos redondos.

Aritmética prática

Unidade III – Operações fundamentais: 1. Noção de número inteiro; grandeza; unidade; medida. 2. Numeração. 3. Adição, subtração, multiplicação e divisão de inteiros. 4. Cálculo Mental e cálculo abreviado.

Unidade IV – Múltiplos e divisores: 1. Números primos; decomposição em fatores primos. 2. Parte alíquota de duas grandezas; m.d.c. e m.m.c.

Unidade V – Frações ordinárias: 1. Frações de grandezas; noção de fra-

ção. 2. Comparação, simplificação ao mesmo denominador. 3. Operações fundamentais. 4. Problemas sobre as frações de grandezas.

Unidade VI – Números complexos: 1. Unidades de ângulo e de tempo. 2. Moeda inglesa e unidades inglesas usuais de comprimento. 3. Operações com os números complexos.

Unidade VII – Frações decimais: 1. Noção de fração e de número decimal. 2. Operações fundamentais. 3. Conversão de fração ordinária em decimal e vice-versa.

SEGUNDA SÉRIE

Geometria intuitiva

Unidade I – Áreas: 1. Área de uma figura plana; unidade de área. 2. As unidades legais brasileiras e as inglesas mais usuais. 3. Áreas das principais figuras planas; fórmulas.

Unidade II – Volumes: 1. Noção de volume; unidade de volume. 2. As unidades legais brasileiras e as inglesas mais usuais. 3. Volumes dos principais sólidos geométricos; fórmulas.

Aritmética prática

Unidade III – Sistema Métrico: 1. Diferentes espécies de grandeza; medição direta e indireta. 2. Grandezas elementares; unidades fundamentais; noção de grandeza compostas. 3. Unidades legais de comprimento, área, volume, ângulo, tempo, velocidade, massa, densidade; múltiplos e submúltiplos.

Unidade IV – Potências e raízes: 1. Definições. 2. Operações com potências. 3. Quadrado da soma de dois números. 4. Potências das frações. 5. Regra prática para extração da raiz quadrada; aproximação no cálculo da raiz. 6. Uso de tábuas para obtenção do quadrado, do cubo, da raiz quadrada e da raiz quadrada e da raiz cúbica dos números inteiros e decimais.

Unidade V – Razões e Proporções: 1. Razão de duas grandezas. 2. Proporções; médias. 3. Grandezas proporcionais.

Unidade VI – Problemas sobre grandezas proporcionais: 1. Divisão proporcional. 2. Regra de três. 3. Porcentagem. 4. Juros Simples.

Professores de alguns grupos escolares utilizavam livros nas aulas de Matemática, mas não foram encontrados registros sobre quais seriam e quem seriam seus autores. Possivelmente, eram utilizados os livros de Euclides Roxo, adotados pelo Colégio Pedro II na década de 1930, e os de Cecil Thiré, Julio César de Melo e Souza e Euclides Roxo, utilizados na década de 1940. Estas obras foram usadas em outras escolas secundárias brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados e informações encontradas sobre a Escolar Complementar no período entre 1938 e 1946 indicam que o Curso Complementar não tinha as características necessárias para ser um formador de professores como delineado, uma vez que não havia em sua grade curricular disciplinas de cunho pedagógico. Entretanto, centenas de jovens professores foram habilitados neste curso para lecionar nas escolas rurais de Blumenau e de outros municípios, sendo os responsáveis pela alfabetização das crianças residentes nas zonas rurais de Santa Catarina. Do ponto de vista sociológico, sua implantação foi importante, pois era ele o único curso disponível nas escolas públicas de Blumenau (especificamente) para a continuação dos estudos das crianças que concluíam o curso primário. Atendia, desta forma, o clamor da população que exigia do poder público a oferta de continuação dos estudos de seus filhos. Ele era, ainda, um “facilitador” para os que pretendiam cursar um Curso Normal, ofertados em poucos educandários do Estado (nenhum em Blumenau), uma vez que seus egressos podiam matricular-se no segundo ano fundamental deste curso.

Dados obtidos junto ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro permitiram a definição dos conteúdos estudados em Matemática, distribuídos entre as áreas de Aritmética, Álgebra e Geometria. Depoimentos de ex-alunos possibilitaram o conhecimento sobre as práticas pedagógicas adotadas pela Escola Complementar sendo que, na disciplina de Matemática, nas aulas de Geometria, eram utilizados compasso e transferidor, e através das entrevistas pode-se concluir que já nesse período os alunos iniciavam os estudos da Álgebra.

Escrever a história do Curso Complementar mostrou não ser tarefa

fácil devido à falta de informações e documentação referentes ao mesmo. Isto se deve ao fato de que os órgãos públicos e as pessoas envolvidas não guardaram esta documentação e/ou ela está em estado de conservação precário.

REFERÊNCIAS

a) Bibliográficas:

MOREIRA, J. R. **A Educação em Santa Catarina**: sinopse apreciativa sobre a administração, as origens e a difusão de um sistema estadual de educação. Rio de Janeiro: Campanha de Inquérito e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar (CILEME), 1954.

VECCHIA, A.; LORENZ, K. M. **Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951**. Curitiba: Edição dos autores, 1998.

b) Leis e Decretos:

BRASIL. Decreto n. 19 890, de 18 de abril de 1931. Dispõe sobre a organização do ensino secundário.

SANTA CATARINA. Decreto n. 597, de 08 de junho de 1911. Nomeando o professor Orestes Guimarães para o cargo de Inspector Geral do Ensino Público. **Coleção de Decretos, Leis e Portarias de 1911**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1911.

SANTA CATARINA. Decreto n. 604, de 11 de julho de 1911. Cria Escolas Complementares. **Coleção de Decretos, Leis e Portarias de 1911**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1911.

SANTA CATARINA. Decreto n. 614, de 12 de setembro de 1911. Cria os seis primeiros grupos escolares públicos de Santa Catarina. **Coleção de Decretos, Leis e Portarias de 1911**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1911.

SANTA CATARINA. Decreto n. 713, de 05 de janeiro de 1935. Reorganiza os Institutos destinados a formação do professorado. **Coleção de Leis e Decretos de 1935**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1935.

SANTA CATARINA. Decreto-lei n. 244, de 08 de dezembro de 1938. Dá a nova organização aos Grupos Escolares e aos Cursos Complementares. **Coleção de Decretos-Leis de 1938**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1938.

SANTA CATARINA. Decreto-lei n. 304, de 27 de fevereiro de 1939. Estabelece normas para o provimento interino de escolas isoladas que o não tenha sido por concurso, na época legal; autoriza o Poder Executivo a expedir regulamento para aquelas escolas e para cursos noturnos, e determina que os exames para professores particulares sejam feitos de acordo com este decreto-lei. **Coleção de Decretos-Leis de 1939**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1939.

c) Fontes Orais – Depoimentos:

SASSE, Heinz. Blumenau. 08/09/2005. Depoimento concedido a Isabel Cristina Gonçalves. Acervo das autoras.

EHLERT, Gerhard. Blumenau. 27/08/2005 e 01/12/2005. Depoimento concedido a Isabel Cristina Gonçalves. Acervo das autoras.

NOTAS DE FIM

¹ Pesquisa desenvolvida no ano de 2005 vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIPE/ Artigo 170 da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

² Licenciada em Matemática pela Universidade Regional de Blumenau. E-mail: belawitch@yahoo.com.br

³ Doutora em Educação Matemática pela UNESP/Rio Claro (SP). Professora do Departamento de Matemática da Universidade Regional de Blumenau e Orientadora da pesquisa. E-mail: gaertner@furb.br

4 Decreto n. 604 de 11 de julho de 1911.

5 Decreto n. 19 890 de 18 de abril de 1931.

6 Decreto-lei n. 244 de 08 de dezembro de 1938.

7 Decreto-lei n. 304 de 27 de fevereiro de 1939.

A criação do Núcleo Rio Novo e os migrantes japoneses em Itajaí*

André Souza Martinello
Dr. João Klug

Artigos

Resumo: Esse artigo apresenta algumas propostas públicas e concepções políticas que envolveram a criação do Núcleo Rio Novo, em Itajaí. Quando a comunidade foi criada nos idos da década de 1970, formada predominantemente por agricultores japoneses, esteve envolvida em concepções agrícolas, rurais e urbanas daquele período.

Para o historiador catarinense Walter Fernando Piazza, o registro histórico da imigração japonesa no “território catarinense é muito vago”,¹ devido às poucas informações não compreendidas do estabelecimento dos japoneses no núcleo Tritícola de Curitibanos e da mesma etnia no planalto norte de Santa Catarina. Mas Piazza limita-se às histórias dos japoneses em Itajaí, relatando a atuação do Presidente do IRASC (Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina) e do prefeito municipal, ambos com seus interesses específicos, ao criarem a colônia Rio Novo. Outros registros também

* André Souza Martinello (andresoumar@gmail.com) é graduando em História na Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e em Geografia na UDESC. Esse artigo é uma versão modificada e reduzida do capítulo três, da monografia de final de curso em História intitulada: “Política agrária e imigratória nas colônias japonesas de Santa Catarina (1961-1978)”, sob orientação do professor Drº João Klug.



ênfaticamente a coragem, a determinação e até mesmo uma espécie de capacidade de organização do poder executivo de Itajaí, o qual conseguiu atrair agricultores japoneses para seu município. Nesse caso, a eleição do “forte”, do “capacitado” e do “bem-sucedido” (adjetivos comuns nos relatos de memórias de imigrantes), não se refere aos orientais, mas naqueles que os trouxeram:

Há uma imensa procura de imigrantes japoneses para guarnecer os ‘cinturões verdes’ das pequenas e grandes cidades brasileiras. Mas já hoje os japoneses sabem que são disputados, conheceram o seu grande valor como abastecedores de feiras e mercado e não estão se oferecendo por aí. Pelo contrário. De cada dez pedidos que o serviço de imigração japonesa de Porto Alegre (JAMIC) recebe, nove são nem sequer estudados. Porque há poucos colonos japoneses para atender a essa enorme demanda.

Centenas de prefeituras de todo o Brasil desejam fixar no seu meio rural os experimentados nipônicos para garantirem um abastecimento regular e farto de hortigranjeiros, como fez São Paulo, onde a colônia japonesa contribuiu com a maior parte das verduras e hortaliças que alimentam os seis milhões de paulistas da capital e arredores.

Por isso, não seria fácil à Prefeitura de Itajaí atrair famílias japonesas para a nossa zona rural. No entanto, os japoneses estão aí.

· Mas eles somente vieram para Itajaí porque ao empenho do prefeito Júlio César se juntou o prestígio de outro itajaiense, o Sr. Hélio Guerreiro, presidente do Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina (IRASC) [...]”².

Parece-nos que a imagem “vendida” ou publicada é de um governo muito capaz e “inteligente”, pois para trazer tão escassos, trabalhadores e bons imigrantes, era necessário um prefeito superior a esses adjetivos, um “verdadeiro administrador”, afinal “os japoneses não estavam se oferecendo por aí”. Divulgava-se que a concorrência para atrair os orientais era grande. Não estamos querendo negar que ocorreram e existiram pedidos de diferentes prefeituras, para a instalação de núcleos japoneses em seus municípios. Mas a excessiva ênfase no poder executivo local, acaba por reforçar uma idéia de competência através da história política³, em detrimento da memória, experiência e ação dos japoneses, além de “publicizar” a figura de um prefeito pela “conquista de toda uma cidade” ou simplesmente eleger figuras ilustres (ídolos locais).

Contudo, lembramos que segundo nossas investigações, parece ter

existido solicitação de japoneses em Blumenau e Chapecó, por exemplo, mas a implantação de colônias dessa etnia talvez não tenha ocorrido nessas regiões. Registrou o jornal O'Estado em março de 1973, que Blumenau recebia uma missão japonesa composta por vinte e cinco pessoas, responsáveis por estabelecerem as possibilidades de instalações de uma colônia agrícola em seu município. Segundo o jornal,

O Sr. Saburo Nakatsukasa, que chefia a missão, disse que a instalação de uma colônia de agricultores japonesa em Blumenau dependerá dos resultados dos contatos que manterá com as autoridades municipais. Afirmou que vai depender mais da qualidade da terra, área disponível, custo dos lotes, amortização e juros, além da participação da Prefeitura, IRASC, ACARESC e Secretaria da Agricultura⁴.

Nas páginas do jornal, Saburo Nakatsukasa era apresentado como revelador da importância do apoio dos governos para a formação do núcleo de Itajaí e esperava as mesmas condições para a eventual colônia de Blumenau: “se os Governos estadual e municipal facilitarem, a implantação da colônia como ocorreu em Itajaí, onde japoneses já estão cultivando extensas áreas de terra, não haverão outros obstáculos”⁵. Contudo, os jornais dos meses e anos seguintes não revelam a formação dessa colônia, mesmo as mensagens de Governo não fazem referência a ela. Nas entrevistas e conversas com imigrantes japoneses, quando questionados da existência de um núcleo nipônico em Blumenau, a resposta sempre foi negativa.

Em janeiro de 1974, o jornal O'Estado divulgava que as expectativas agrícolas voltavam-se para a criação de colônias japonesas em todo o território catarinense. Havia o projeto de atração e instalação de dez famílias japonesas em Criciúma, para trabalharem com horticultura e fruticultura, e dizia-se que mais de cinquenta famílias formariam um núcleo nipônico no município de Porto União, onde se dedicariam ao cultivo de frutas da região. Houve ainda, a “solicitação para a formação de núcleos em todo o Estado e provavelmente será feito um núcleo na região da Grande Florianópolis, para o abastecimento de hortaliças, que até agora têm vindo de São Paulo em grande quantidade”⁶, registrou o jornal. Já em agosto de 1974, no extremo oeste de Santa Catarina, o município de Chapecó era apresentado como a mais recente possibilidade para formação de um nú-

cleo de agricultores japoneses, com o objetivo de cultivar frutas cítricas: “Chapecó também quer criar um, às margens do Rio Uruguai, estando a JAMIC, entidade que coordena a imigração japonesa no Brasil, analisando o assunto, procurando aprimorar cada vez mais a colonização”⁷.

Assim, podemos observar que houveram diferentes planejamentos, visitas “de autoridades” e solicitações municipais, para a instalação de japoneses em colônias agrícolas, na época da criação do núcleo japonês em Itajaí. Quando iniciaram os trabalhos de organização e preparação dos terrenos desse núcleo, o presidente do IRASC declarava “que está havendo grande número de pedidos de vários municípios catarinenses, no sentido de que também neles a Secretaria da Agricultura determine a implantação de núcleos idênticos”⁸. O presidente do IRASC também confirmava que já haviam sido selecionadas, pela JAMIC, as oito famílias japonesas que iriam fixar-se no núcleo de horticultura às margens da BR-101, em Itajaí. Segundo os discursos da época, os japoneses estavam sendo recrutados para modernizarem a agricultura, produzirem alimentos e ensinarem técnicas de cultivos aos brasileiros. Naquele contexto, afirmava um “colunista agrícola” de jornal, sobre a colonização nipônica: “oxalá existam condições para que outros núcleos venham satisfazer a solicitação dos municípios que se dirigiram à Secretaria da Agricultura”⁹.

Dois anos antes da proposta de criação do núcleo agrícola, habitado por japoneses e alguns brasileiros, a Prefeitura de Itajaí já demonstrava o interesse em remodelar a Feira que vendia alimentos na cidade. Inclusive, no ano de 1970 treinou alguns agricultores com o objetivo de modificar a comercialização dos produtos agrícolas, implantando – segundo jornal do período – outros moldes na pequena cidade: “Os agricultores que faziam feira em Itajaí receberam treinamento na Escola Agrícola de Camboriú, ocasião em que o vice-prefeito afirmou que a Prefeitura de Itajaí pretende organizar a feira livre nos moldes das realizadas em grandes cidades”¹⁰. Portanto, a municipalidade de Itajaí buscava realizar uma política de comercialização agrária que atendesse aos interesses urbanos, e representasse uma modernização, assim, uma feira livre “de cidade grande”¹¹.

Política governamental para imigrantes japoneses e agricultura.

Paralelamente à modernização da Feira livre e da atração de imigrantes japoneses para Itajaí, a Política Rural do governo do Estado de Santa Catarina abandonava a possibilidade de realização de Reforma Agrária, e adotava a modernização do campo que atendesse a demandas de mercado ou produzisse matérias-primas (para a indústria ou não). Os projetos do mundo Rural visavam a “ação catarinense de desenvolvimento”, lema do governo Colombo Machado Salles, responsável por acentuar práticas agrícolas que atendessem o consumo e possibilitassem industrialização dos excedentes. Vale recordar que, após o golpe militar de 1964, o engenheiro Colombo M. Salles foi o “primeiro governador catarinense nomeado por Brasília”¹². Estava anteriormente na Direção Geral do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, quando “recebeu com ‘sentimento de surpresa’ sua direção para o cargo”¹³ de governador do Estado. Esse momento era de ascensão de tecnocratas ao poder e de forte fechamento político, comandado pela ditadura Médici.

No governo federal, o presidente Médici lançava o I PND – Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico (1972-1974). “Esse é o primeiro plano a não acusar os problemas estruturais na agricultura”¹⁴ e assim como as mensagens de governo estadual, apresentadas por Colombo M. Salles à Assembléia Legislativa catarinense, no I PND a “expressão **reforma agrária** [passa a] ser abolida do texto”¹⁵. Portanto, o governo estadual estava “imbricado” e seguia as políticas do governo federal¹⁶, como a extinção das propostas de (e do próprio termo) Reforma Agrária, por exemplo. Segundo o historiador Wenceslau Gonçalves Neto¹⁷, os governos pós-1964 marcados pela ortodoxia liberal, adotavam um papel secundário para a agricultura brasileira, embora tenham reservado importantes tarefas para a continuidade do processo de desenvolvimento, como garantir o abastecimento urbano.

Segundo entrevista com o prefeito de Itajaí da época e também um dos idealizadores da colônia japonesa no município, a proposta de criação de um núcleo que produzisse hortigranjeiros surgiu, no período de campanha eleitoral para o cargo de prefeito, sendo implantado com agricultores japoneses no Núcleo Rio Novo, com apoio do IRASC:

Quando fui candidato a prefeito de Itajaí em 1969, mês de novembro, eu fui fazer minha campanha normal. E fui um dia de manhã, visitar a Feira livre em Itajaí. Vendia verduras, legumes. E lá, eu me lembro que eu subi em uma caixa destas, tudo no meio da rua, ao lado da Igreja matriz. E tinha ali quatro caminhões destes Ford parado, tudo com placa de Curitiba. E eu perguntei para as pessoas ali, se nós éramos uma cidade com uma área grande de terras, por que nós não plantávamos aquelas verduras e aqueles legumes para vendermos para nós mesmos?

Eu sei que tínhamos que importar de Curitiba, pagar um preço caro, porque tinha que trazer de caminhão, e disse para eles, se eu fosse eleito, eu ia tomar uma providência. Aconteceu então, quando eu fui eleito prefeito, eu procurei um amigo meu que cuidava de uns negócios de terra aqui em Florianópolis, era um órgão Estadual. Eu disse para ele: olha eu estou com um problema aqui e tu tens lá em Curitiba um monte de japoneses que plantam nectarina. Aí o Hélio Guerreiro disse: “eu não sei, mas eu vou falar com o Cônsul japonês de Porto Alegre, quem sabe ele até arranja lá uns japoneizinhos de sobra”. Passou-se um tempo, ele me disse olha: - “eu acho que nós vamos fazer aquele negócio de japonês, ta bom?” Ta bom, mas aonde é que eles estão? eu perguntei. - “Estão no Rio Grande do Sul, lá tem umas oito ou dez famílias que estão plantando abacaxi e estão passando mal, quer fazer negócio com eles?” Eu disse: quero.

Eu comprei a terra de um dentista de Itajaí, Havelino Wagner, conhecido como “netinho”. Aí eu comprei uma casinha para cada um, demarqueei os lotes, eu e o Hélio Guerreiro juntos, meu amigo gordo. Aí botei eles ali, em casinhas simples, eles não tinham muitos filhos. Botei trator para tirar os tocos. Eles começaram a trabalhar. Antes, ali tinha muitas árvores e toco¹⁸.

Devido à grande parte dos produtos comercializados na feira procederem de outras regiões, o transporte e o combustível até Itajaí era somado ao valor do alimento, alega o ex-prefeito, sendo esse o principal motivo para a proposta de produção e comercialização local. Inclusive, parte da produção agrícola catarinense primeiramente era comercializada em outros estados, como Paraná e São Paulo, e em seguida, retornava para Santa Catarina. Esse fora pelo menos, o caso dos produtos do núcleo Celso Ramos em Curitiba, em que os agricultores japoneses estavam “produzindo e exportando tomates, cenouras e beterrabas para os mercados de Porto Alegre, São Paulo e Curitiba”¹⁹. Geralmente considerados produtos de muito boa qualidade, segundo jornal da época, “tão boa a qualidade do produto que os atacadistas paulistas recolocam o artigo em outras praças, já tendo

ocorrido o retorno de uma carga de tomate colhida em Curitibaanos, para ser vendida nesta mesma cidade”²⁰. Por isso, a meta da criação de uma agrovila em Itajaí, responsável por diminuir de certa forma a importação de alimentos em Santa Catarina (nesse caso litoral centro e norte) e abastecer as cidades com produtos de menor valor agregado:

Visando evitar esse retorno, nocivo à economia catarinense o Governo do Estado em convênio com a JAMIC – Colonizadora oficial japonesa – Prefeitura municipal de Itajaí e ainda, o INCRA, iniciou os trabalhos de desmatamentos, preparo do solo, construção de estradas e demarcação dos lotes às margens da BR-101. O empreendimento tem por objetivo instalar ali, as dez primeiras famílias japonesas para dar partida à produção de hortaliças, com vistas ao abastecimento dos centros de consumo litorâneos²¹.

A criação dessa vila rural visando produção de horticultura, foi considerada a “primeira célula produtora de hortaliças, com vistas ao futuro abastecimento dos principais centros urbanos do litoral catarinense”²². As cidades eram consideradas importadoras, como dito anteriormente, de produtos agrícolas de São Paulo e Paraná. Contudo, Mitsugi Takahashi, um dos primeiros moradores do núcleo, afirmou que no início, a dificuldade de comercialização do que produziam foi grande, pois a população da cidade não estava acostumada a consumir “saladas”. Na oportunidade de entrevistar esse imigrante japonês, anotei em meu caderno de campo: Ao se fixarem no núcleo Rio Novo, iniciaram o cultivo de folhas e hortaliças: pimentão, couve, tomate e outras leguminosas. Diz o imigrante que ocorreram dificuldades porque as pessoas não estavam acostumadas a consumir este tipo de alimento. No início, recorda Mitsugi Takahashi, “o consumo em Itajaí era pouco, somente após cinco anos de trabalho começou a vender-se mais”²³.

Na comparação das fontes, observamos diferentes personagens com diferentes discursos. Partindo do princípio de que não havia mercado para o consumo do que era produzido, porque segundo o imigrante japonês, os moradores de Itajaí não tinham no cardápio alimentar “a salada” - a finalidade de produzir para resolver o problema do abastecimento, portanto, não justificava a criação dessa colônia. Não estamos buscando construir uma verdade sobre a formação desse núcleo, mas “confrontando memórias”. Ao que diz o prefeito de Itajaí na época da formação no núcleo colonial Rio

Novo: “Olha estes japoneizinhos são meio garganta, meio papudo. Isso é bobagem, não põem isso no teu trabalho porque é bobagem... as pessoas não podiam conhecer inhame, gengibre, mas o resto já tinha em Itajaí”²⁴. Para o ex-prefeito é lógica a existência em Itajaí, naquela época, de alimentos considerados “saladas” pelos japoneses, e por isso, havia um mercado que consumia a produção dos “orientais”. Com essa perspectiva, a questão levantada aos japoneses seria, de onde veio a sobrevivência nos primeiros cinco anos de estabelecimento do núcleo, já que a não comercialização significava a não renda para os colonos? Em outras palavras, não estamos concordando com o político e ex-prefeito da cidade quando classifica os japoneses de “mentirosos”, mas o que nos faz pensar é se não ocorre o “discurso de vitimização” dos próprios japoneses ao “maximizarem” as dificuldades, relatando suas histórias como “desafios” quase impossíveis de serem realizados. Ao mesmo tempo, lembramos outras possíveis dificuldades encontradas pelos agricultores orientais, mas não relatadas pelos mesmos, como: o pagamento do financiamento das suas propriedades (com a peculiaridade de terem quitado nos primeiros quatro anos o financiamento de doze anos no total); a concorrência com aqueles que já comercializavam na feira antes da sua chegada; o domínio dos produtos mais procurados pelos consumidores; diferenças culturais como língua ou períodos e estações do ano mais favoráveis para determinado cultivo.

Em uma pesquisa sobre a História de Itajaí, realizada por José Ferreira da Silva e Norberto Silveira Júnior, a implantação do núcleo japonês e a primeira comercialização dessa na Feira da cidade, foram consideradas um “evento histórico”. O livro organizado por Norberto apresenta o camponês Hajime Katsurayama como “o primeiro colono da agrovila Rio Novo a ir à feira livre de Itajaí vender as prenúncias* do seu trabalho neste município, no dia 07 de outubro de 1972, segunda feira”²⁵. Continua a publicação, ressaltando a importância do dia em que a primeira família japonesa comercializou sua produção a cidade:

“Nós levamos 18 molhos de mostarda, 30 molhos de couve-flor e uma dúzia de molhos de rabanetes, que vendemos por Cr\$55,00” – informa a bela Zuzu Katsurayama, filha de Hajime.

Como este é um registro que consideramos histórico, vamos converter para dólares os Cr\$55,00, que representaram a primeira renda da agrovila Rio Novo: mais ou menos 9 dólares²⁶.

De fato, a criação desse núcleo estava associada à fundação de uma nova aldeia que mais tarde poderia dar origem a uma nova cidade, pois se acreditava no trabalho dos japoneses como propulsores do desenvolvimento, capazes de edificarem uma cidade ao lado de Itajaí. A imagem dessa chamada agrovila, também estava ligada a outras obras de modernização e de “crescimento” de Itajaí, como apresentou o prefeito aos vereadores da cidade em 1972, segundo um jornal local:

Bastante concorrida à reunião que o Prefeito Júlio César realizou na nova Prefeitura com os vereadores. Depois de conhecerem todas as dependências do Palácio Emílio Garrastazu Médici, formou-se uma caravana de automóveis em visita às demais obras que estão sendo executadas na cidade. Pena que um dia foi pouco para mostrar tudo.

Entretanto, as principais obras foram visitadas pelos ilustres representantes do povo com assento na nossa Câmara Municipal. Viram a nova rodoviária. Visitaram o Distrito Industrial, em franco andamento. Conheceram a pista olímpica e duas piscinas. Depois foram visitar o núcleo Rio Novo. Ali, fiquem certo os itajaienses, nascerá uma nova cidade²⁷.

Como demonstra o recorte de jornal acima, com toda a publicidade e certa ostentação possível, foram apresentadas diversas “construções” e obras “do prefeito”, entre elas, a colônia japonesa, local em que, segundo previsão jornalística, nasceria “uma nova cidade”.

O governador do Estado da época, na sua mensagem anual, denominada “ação catarinense de desenvolvimento”, dirigida ao poder legislativo, afirmava, em 1974, que a criação de um núcleo colonial em Itajaí representava o resultado do constante desafio em produzir hortaliças e frutas no litoral, mas que a grande parte dos produtos consumidos ainda permanecia originada de outros estados. A partir da experiência de Itajaí, segundo essa mensagem, se instalariam outros núcleos ou agrovilas habitados por japoneses em Santa Catarina:

Tem sido constante desafio a produção de hortaliças e frutas, para o abastecimento do litoral catarinense. Grande parte da produção consumida é importada dos estados vizinhos. Daí a iniciativa do Governo, instalando um núcleo colonial às margens da BR-101, no município de Itajaí, em 1971, o qual teve início com dez famílias sendo oito japonesas e duas nacionais, visando à produção hortícola.

Os primeiros resultados foram animadores e o outro núcleo foi instalado em 1973, em Caçador, para a produção de fruta, hortaliças e flores. Outra

unidade colonial será implantada no sul do Estado, neste ano. Desta forma pretende o Governo, nos próximos cinco anos, produzir o suficiente para o consumo do Estado, além de prover a industrialização dos excedentes não comerciáveis in natura²⁸.

Parece-nos que o desafio não foi alcançado, pois segundo apontou Cécile Raud no final do século XX, “enquanto o Estado importa alimentos (mais de 90% das frutas consumidas por sua população urbana, por exemplo), os agricultores [catarinenses] passam por uma forte descapitalização, encontrando-se carentes de novas alternativas economicamente viáveis [...]”²⁹.

Considerações Finais

Os projetos para a criação de uma comunidade agrícola em Itajaí, formada por agricultores japoneses na sua maioria, influenciou diretamente na atração de migrantes nipônicos a Santa Catarina que se encontravam nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. No caso de Itajaí, a maioria das famílias instaladas em Rio Novo encontrava-se anteriormente no Rio Grande do Sul. Muitas delas naturais de Hokkaido, Kumamoto, Osaka e Hochi³⁰.

Os objetivos dos poderes públicos municipais e estaduais (em diálogo com os planos do governo federal) objetivavam o desenvolvimento de uma agricultura nos perímetros urbanos da cidade, que deveria em primeiro lugar, abastecer os núcleos urbanos. Portanto, analisando o contexto da formação do Núcleo Rio Novo, observamos propostas e ações no meio rural, vindas do urbano, e tornando o primeiro submetido (e subestimado) ao segundo.

A eleição dos japoneses, como aqueles responsáveis por ensinamentos de técnicas aos agricultores brasileiros, também acabava por idealizar, senão construir, uma imagem dos nipônicos, como os “bem sucedidos” e portadores do desenvolvimento de técnicas modernas. Embora o núcleo seja conhecido por ser formado predominantemente por japoneses e seus descendentes, houve famílias brasileiras ali instaladas, sendo das dez inicialmente fixadas, oito eram famílias denominadas japonesas. Assim, em vários momentos, técnicos agrícolas, funcionários do governo ou políticos consideravam (nas páginas dos jornais ou não) os japoneses “superiores”,

conhecidos por serem aqueles que trabalhavam, em oposição aos outros, geralmente chamados brasileiros, considerados desorganizados, preguiçosos e ociosos. Segundo experiência de Glauco Olinger, os japoneses instalados em Itajaí trabalhavam muito mais por estarem ao lado dos brasileiros. Lembra o ex-secretário da agricultura de Santa Catarina, a seguinte anedota sobre a competição dos brasileiros com nipônicos em Itajaí:

Eu me lembro que houve um momento que um horticultor brasileiro, que estava instalado ao lado de um japonês, ele dizia que não dava para competir com o japonês porque o japonês levantava de noite para matar grilo na horta. E que “a noite era para dormir e não para matar grilo”. Isso eu ouvi de um brasileiro que estava ao lado de um japonês para imitar às mesmas técnicas que os japoneses realizavam. E eu até brinquei com o camarada e disse: - pois é, o japonês levanta de noite e mata grilo, mas está se queixando que não adianta ele matar o grilo na propriedade dele, porque de um lado tem um brasileiro que não faz a mesma coisa³¹.

Para Júlio César, prefeito da Itajaí na época da formação do núcleo Rio Novo, os japoneses dessa agrovila “são muito unidos! Ah se brasileiro fosse como o japonês! Eles pegam junto, ficam ricos juntos ou morrem pobres agarrados. Ou uma coisa ou outra. Muitos dali compraram essas F-1000, camionete, e o brasileiro ali do lado se f...”³².

Contudo, situação diferente foi apresentada no jornal O’Estado em novembro de 1973, sobre as relações *interétnicas* no núcleo Rio Novo. A primeira família do núcleo a despertar, acordava próximo às cinco horas da manhã e trabalhava todos os dias da semana, essa família brasileira, também abastecia todas as outras famílias com o leite produzido pelos seus bovinos:

Incluindo os sábados e domingos, o dia de trabalho dos agricultores de Agrovila Rio Novo inicia-se às 5h30 min. Das cinco famílias já instaladas, é a de Osvaldo Luna quem desperta primeiro. Ele é dono de duas vacas e fornecedor de leite de todo o grupo. Os japoneses acreditam que o leite vendido por Osvaldo é superior ao da Usina e numa pequena concessão aos hábitos de vida brasileiros bebem café com leite pela manhã³³.

Portanto, as imagens e os preconceitos acerca dos agricultores nipônicos e dos brasileiros influenciaram sensivelmente nas políticas governamentais, sendo o esperado ensino da “ideologia do trabalho moderno” por parte dos japoneses, aos “colonos nacionais”. Estamos diante de

um exemplo de “colonização pedagógica”, idéia fortemente presente na formação do Núcleo Rio Novo, bem como nos demais núcleos coloniais japoneses criados pelos governos.

Referências Bibliográficas

ALVIN, Zuleika. “Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo”. In: NOVAIS, Fernando A (coordenador geral da coleção) e SEVCENKO, Nicolau (organizador do volume). “História da vida Privada no Brasil. República: da belle époque à era do rádio”. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 215 a 287.

AURAS, Marli. “Poder oligárquico catarinense: da guerra aos ‘fanáticos’ do contestado à ‘opção pelos pequenos’”. Tese de doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) de São Paulo. São Paulo: 1991.

NETO, Wenceslau Gonçalves. “Estado e Agricultura no Brasil: política e modernização econômica brasileira 1960-1980”. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

PIAZZA, Walter Fernando. “A colonização de Santa Catarina”. 3ª edição. – Florianópolis: Lunardelli, 1994.

RAUD, Cécile. “Indústria, território e meio ambiente no Brasil: perspectivas da industrialização descentralizada a partir da experiência catarinense”. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1999.

SAKURAI, Célia. “Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941)”. In: FAUSTO, Boris (org). “Fazer a América”. 2ª edição. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. pp.201-238.

SILVEIRA JR, Norberto. “Itajaí”. São Paulo: editora Escalibur; Itajaí (SC): prefeitura municipal de Itajaí, 1972.

SIMIAND, François. “Método histórico e ciência social”. Tradução José Leonardo do Nascimento. Bauru (SP): EDUSC, 2003.

Periódicos:

Jornais de Florianópolis:

Jornal O’Estado. Florianópolis de 1963 a 1978.

Jornal A Gazeta. Florianópolis, sábado, 12 de outubro de 1963. nº7.485.

Jornal A Gazeta. Ano XXX. Florianópolis, sábado. 25 de abril de 1964, número 7.610.

Artigos

Jornal de Itajaí:

Jornal do Povo. Itajaí (SC), 17 de junho de 1972. Ano XXXVII. Nº1.715.

Documentos de Arquivos e Acervos:

Mensagens de Governo a Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina de 1952 a 1980. (consultados no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina - APESC).

Fontes orais/entrevistas:

Conversa informal com Mitsugi Takahashi, imigrante japonês morador do Núcleo Reio Novo em Itajaí. Trabalho de campo em 09/12/2005 na propriedade de Mitsugi em Itajaí.

Conversa informal com Osni Machado (ex-)funcionário do IRASC, em 22/03/2006 São José - SC.

Entrevista concedida a André Souza Martinello por Júlio César, ex-prefeito de Itajaí. Gravada em fita em 04/04/2006, Florianópolis (acervo do autor).

Entrevista de Glauco Olinger a André Souza Martinello, gravada em 30/05/2006 na Biblioteca da EPAGRI em Florianópolis (acervo do autor).

NOTAS DE FIM

1 PIAZZA, Walter Fernando. "A colonização de Santa Catarina". 3ª edição. – Florianópolis: Lunardelli, 1994. p.334.

2 SILVEIRA JR, Norberto. "Itajaí". São Paulo: editora Escalibur; Itajaí (SC): prefeitura municipal de Itajaí, 1972. p.52.

3 François Simiand, com sua obra "Método histórico e ciências sociais" criticou a eleição de temas que predominavam na historiografia da sua época. Um deles era, segundo o historiador francês, o ídolo político.

4 Jornal O'Estado. Florianópolis, domingo, 18 de março de 1973. nº17.156. p.07.

5 Jornal O'Estado. Ibidem.

6 Jornal O'Estado. Florianópolis, 16 de janeiro de 1974. nº17.450, p. 06.

7 Jornal O'Estado. Florianópolis, 04 de agosto de 1974. nº17.745, p. 16.

8 Jornal A Gazeta. Florianópolis, sábado, 11 de março de 1972. nº8.872. Ano XXXVIII. P.08.

9 "Colonos japoneses em Santa Catarina" por Gustavo Neves. No Jornal O'Estado. Florianópolis, 3ªfeira, 14 de março de 1972. nº16.843, p.04.

10 Jornal O'Estado. Florianópolis, 5ªfeira, 05 de novembro de 1970. nº16.509. p.05.

11 Outro exemplo da política agrícola (“rurbana”) de Itajaí na época: Jornal O’Estado. Florianópolis, domingo, 23 de agosto de 1970. n.º16.459. p.01: “O prefeito Júlio César enviou projeto de Lei à Câmara de Vereadores propondo a criação do Conselho Municipal de Incremento Agro-Pecuário, visando aumentar e coordenar toda a produção agropecuária do município. Segundo o projeto, o Ciape será composto por onze membros ligados as atividades agropecuárias e nomeados pelo Chefe do Executivo”.

12 AURAS, Marli. “Poder oligárquico catarinense: da guerra aos ‘fanáticos’ do contestado à ‘opção pelos pequenos’”. Tese de doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) de São Paulo. São Paulo: 1991. p.85.

13 AURAS, Marli. *Ibidem*.

14 NETO, Wenceslau Gonçalves. “Estado e Agricultura no Brasil: política e modernização econômica brasileira 1960-1980”. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. p.132.

15 NETO, Wenceslau Gonçalves. *IBIDEM*. Grifo meu.

16 Cécile Raud aponta que o “Projeto Catarinense de Desenvolvimento (PCD), abriu doze prioridades, procurando ajustar-se com o IPND nacional”. RAUD, Cécile. “Indústria, território e meio ambiente no Brasil: perspectivas da industrialização descentralizada a partir da experiência catarinense”. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1999. p.103.

17 NETO, Wenceslau Gonçalves. *Op.cit.* p.138.

18 Entrevista concedida a André Souza Martinello por Júlio César, ex-prefeito de Itajaí. Gravada em fita em 04/04/2006, Florianópolis. Arquivo do autor.

19 Jornal O’Estado. Florianópolis, 4ªfeira, 26 de abril de 1972. n.º16.874, p.12.

20 Jornal O’Estado. *Ibidem*.

21 Jornal O’Estado. *Ibidem*.

22 Jornal O’Estado. Florianópolis, 6ªfeira, 03 de março de 1972. n.º16.836, p.12.

23 Conversa informal com Mitsugi Takahashi, imigrante japonês morador do Núcleo Reio Novo em Itajaí. Trabalho de campo em 09/12/2006 na propriedade de Mitsugi em Itajaí.

24 Entrevista concedida a André Souza Martinello por Júlio César, ex-prefeito de Itajaí. Gravada em fita em 04/04/2006, Florianópolis. Arquivo do autor.

*Seria primícias[sic].

25 SILVEIRA JR, Norberto. “Itajaí”. São Paulo: editora Escalibur; Itajaí (SC): prefeitura municipal de Itajaí, 1972. p.53.

26 SILVEIRA JR, Norberto. *IBIDEM*.

27 Jornal do Povo. Itajaí (SC), 17 de junho de 1972. Ano XXXVII. N.º1.715, p.12. (Disponível no arquivo público municipal de Itajaí).

28 Estado de Santa Catarina – Mensagem de Governo. Ação catarinense de desenvolvimento, ano 03. Governador Colombo Machado Salles. Florianópolis, Abril de 1974. pp.146-147. (núcleos coloniais).

29 RAUD, Cécile. “Indústria, território e meio ambiente no Brasil: perspectivas da industrialização descentralizada a partir da experiência catarinense”. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1999. p.157.

30 Segundo SILVEIRA JR, Norberto. “Itajaí”. Op.cit. p.53: “As cinco primeiras famílias que se fixaram na Agrovila, no mês de julho de 1972, foram as seguintes: Lote nº10 – Hajime Katsurayama, sua esposa Iso Katsurayama e três filhas: Suzue de 24 anos, Sekiko de 17 anos e Yoshie, de 15 anos. Esta família é natural de Hokkaido, Japão. Lote nº09 – Katao Funai, sua esposa Sumiko e três filhos brasileiros: Ana, de 10 anos, Flávio, de 8 anos e Roberto, de 6 anos. Katao e sua esposa são naturais de Kumamoto, Japão. Lote nº08 – Fumio Sakuragi, natural de Hochi, Japão e sua esposa Nitsuko, de Osaka, Japão. Lote nº07 – Toji Takahashi, sua esposa Kano Takahashi e três filhos: Mitugi, 22 anos, sexo masculino; Sumiko, 20 anos, sexo feminino e Yukiya, 18 anos, sexo masculino. Esta família é natural de Hokkaido, Japão. Lote nº06 – Takashi Takahashi, sua esposa Fujyo Takahashi. Este casal é natural de Hokkaido, Japão”.

31 Entrevista concedida a André Souza Martinello por Glauco Olinger, ex-secretário da Agricultura do governo do Estado de Santa Catarina. Gravada em fita em 30/05/2006 na EPAGRI em Florianópolis. Acervo do autor.

32 Entrevista concedida a André Souza Martinello por Júlio César, ex-prefeito de Itajaí. Gravada em fita em 04/04/2006, Florianópolis. Acervo do autor.

33 Jornal O’Estado. Florianópolis, 2ªfeira, 05 de novembro de 1973. nº17.382. p.04. (reportagem de Raimundo Caruso: “Em Rio Novo, a terra é boa”).

Reminiscências de família

Viegas Fernandes da Costa

Crônicas do
Cotidiano

I

Corria a década de 1940, quando a família do Seu Artur e Dona Aurora, meus avós, resolveu tentar vida melhor na cidade grande. Era o êxodo rural, que já naquele tempo abrigava os sonhos para matá-los logo depois. Saíram de Covilhã, no interior de Portugal, para morar de aluguel em uma pequena casa de alvenaria nos subúrbios de Lisboa, onde nasceu e se criou meu pai. Meu avô, reumático que sempre fora, esfalfava-se na extração de saibro de uma pedreira; e minha avó fazia seus bicos nos restaurantes da cidade, de onde trazia saborosas sobras que alimentavam a família de quatro filhos. Benesses da cidade grande: as sobras dos restaurantes e o pó do saibro a permear duros valores de austeridade moral e material. Uma história como tantas outras, não fosse tocar-me tão próxima, afinal, filho que sou deste passado, ainda que tão distante no tempo e no espaço.

Não conheci meus avós. Assim como estes, também meu pai emigrou, mas para este lado do Atlântico, onde nasci. Por que veio já é outra história, que ainda conto outro dia, mas antecipo que havia



– como sempre há – um coração perdido em amores, enfim. Mas como dizia, não conheci meus avós, não houve tempo e dinheiro para uma viagem de visita, e tudo que deles sei me chegou aos olhos pelas antigas cartas que encontrava perdidas nas gavetas de casa e pela boca do meu pai. Eram por demais católicos, e a Deus pedia minha avó a chance de nos conhecer, meu irmão e eu, seus dois netos homens, coisa que muito a orgulhava. Mas não deu, foi-se cedo a Dona Aurora, mais tarde Seu Artur, e quando da morte deste lembro-me bem, porque a notícia chegou pelas mãos do carteiro na forma de um telegrama urgente de além mar, coisa rara então. E foi neste dia que soube do passado futebolístico do meu pai, já que toda morte remete a reminiscências.

Na sua infância de pobreza sonhava com a glória no campo do Benfica, e nisto em nada diferia dos seus pares brasileiros que sonhavam em brilhar no antigo Maracanã. E assim como cá, também lá havia os campos de várzea e as bolas de meia disputadas pelos meninos, depois da escola. Tinha lá seus dez, onze anos, e invariavelmente perdia-se na hora esquecido nos dribles, o que lhe custava alguns puxões de orelha do Seu Artur, que exigia-lhe ajuda nos afazeres da casa. Também não diferiam os seus pés descalços dos descalços pés dos meninos daqui. Sapatos, calçava-os em dias de muita pompa: um casamento, um velório. Em dias comuns usava mesmo os rudes tamancos de madeira que o próprio pai fabricava, tão rudes quanto rudes eram as mãos acostumadas à pedra e ao saibro. E com estes mesmos tamancos, chacota entre os alunos da escola primária, no Palácio de Queluz, abria caminho nos campos de várzea, invadindo com a bola o gol. E não havia quem desafiasse a fúria de pés tão atamancados! Isto me contou naquele dia de triste telegrama; falou-me de cada bola que chutou, de cada puxão de orelha que lhe tirara do campo, e naquele seu jeitão fechado de europeu, deu-se a conhecer no alento da lembrança e no desamparo do irremediável: o pai se fora, com seus tamancos e suas mãos ásperas do saibro, e só na distância pudera entendê-lo.

Como disse, uma história como tantas outras, não fosse tocar-me tão próxima, afinal, filho que sou deste passado, ainda que tão distante no tempo e no espaço.

Blumenau, 20 de março de 2007.

II

Em outra crônica já disse que meu pai é português. Cresci naturalizando este fato, e não sei em que momento me dei conta de que ser português significava ter nascido em uma terra distante, do outro lado do mar. Também cresci naturalizando o fato de que ele participara de uma guerra em uma exótica África, coisa que também não sabia muito bem o que significava, mas que o menino que eu era corria a contar para todo mundo porque despertava curiosidade e popularidade, já que não era lá muito comum alguém em Blumenau ter um pai português que lutara numa África que só aparecia nos filmes e nas histórias de caça ao tesouro do Tio Patinhas. Só mais tarde fui compreender que ele servira ao exército em Angola, então uma colônia portuguesa, que lutava por sua independência, e confesso que muito do meu orgulho se dissipou com este entendimento. Afinal, era ele o cabo do exército de um país que colonizava e explorava os angolanos, algo bastante injusto para aqueles meus olhos já mais crescidos e não tão inocentes. Mas foi em Angola, também, que comecei a nascer, e é disso que quero contar.

Como a sua especialidade militar era tocar o clarim, sobrava-lhe muito tempo livre no quartel, e para preenchê-lo começou a se corresponder com jovens de diferentes países de língua portuguesa. Dentre os jovens que lhe escreviam estava um brasileiro que, passado o entusiasmo inicial de poder trocar idéias com um soldado em combate, rareava suas missivas. O Cabo Carlos Alberto, no entanto, continuava enviando as suas cartas, contando das tabas no interior angolano, dos perigos na selva, das saudades de casa, e eram tantas as cartas enviadas e sem resposta que minha mãe, irmã do tal moço brasileiro, resolveu assumir para si a tarefa de respondê-las. Escrevia com a simplicidade esperada de uma jovem do interior de Santa Catarina, criada em um ambiente austero e recém entrada na adolescência. Respondia como podia, contava dos seus, perguntava pelos dele, e assim ia tecendo uma amizade que lhe abria a janela para um mundo muito maior do que aquele que lhe podia oferecer o vale onde nascera. A janela e o coração, que fique bem dito, porque pouco a pouco a formalidade esperada de um bom lusitano ia dando lugar à ternura das confissões, das palavras de carinho e para os declarados desejos de um dia poderem se ver e falar pes-

soalmente. O carteiro passou a ser aguardado com um anseio cada vez maior por esta Anneli, seu nome, e peço desculpas se a imagem de uma moça correndo todas as manhãs à caixa de correio está por demais explorada no cinema e na literatura; cumpro apenas meu dever de narrar os fatos tais como minha consciência afirma verdadeiros, ainda que correndo o risco de não contar nada de extraordinário. E assim as palavras – que antes cruzavam o Atlântico mensalmente – passaram a quinzenais, semanais... e se não chegaram a diárias foi porque assim o exército não o permitira.

Passados dois anos, o Cabo Carlos Alberto recebeu baixa e retornou a Portugal, mas o namoro postal continuou. Começaram a trocar fotos, pequenas lembranças e fitas cassetes onde vozes nervosas e ansiosas diziam do que sentiam um pelo outro. Ansiedade que esperou por quatro anos, até chegar aquele dia em que a jovem Anneli foi informada pelo carteiro de que a correspondência que chegara não estava remetida para si, mas para o senhor seu pai, e que vinha registrada e em caráter de urgência. O que podia ser senão o pedido de casamento? Nunca até então coubera tanta alegria em seu peito de dezesseis anos, nem tampouco tanta vergonha por ser o centro de todas as conversas na família e na vizinhança. “A filha do Seu Paulo vai se casar com um português rico” – diziam todos. Carlos Alberto não era rico, mas tinha palavra, e em janeiro de 1976 despediu-se dos seus, em Lisboa, sem dizer que não voltava mais, para constituir família e vida em Blumenau. Namoro mesmo, deste de poder pegar na mão, olhar nos olhos e passear lado a lado, durou menos de um mês. Casaram-se em dia de verão escaldante, na igreja luterana abarrotada dos olhos curiosos por ver aquele português, de quem tanto ouviram falar, suando em seu pesado terno europeu. Já lá se vão mais de trinta anos!

Tem aquele poema do velho e sempre presente Drummond chamado “*Infância*”, onde o poeta conclui que não sabia que sua história era mais bonita que a de Robinson Crusóe. Pois então, talvez eu não tenha lido tanto a Crusóe como o fez o poeta sob a sombras das mangueiras de sua antiga Itabira, mas por muito tempo pensava que as histórias que lia nas insones noites de menino eram tão mais bonitas que todas as histórias reais que eu vivera ou conhecera. E se Drummond pôde se lembrar do bucólico

da sua infância, do pai a cavalo, da mãe cosendo as roupas e do café preto que perfumava a cozinha, por aqui me ocorreu compartilhar um pouco da minha história, desta história parida em terras africanas, e julgá-la, também, tão mais bonita que as muitas que li nos avançados das madrugadas de um tempo que apenas recupero nos fragmentos da memória.

Blumenau, 25 de abril de 2007.



O casamento: Anneli e o cabo Carlos Alberto.

Contos

A luz misteriosa

José Curi¹

Conto literário

Giuseppe Campestrini, mãos espalmadas sobre o livrinho de orações “Massime Eterne”, jurava que a luz misteriosa deveria ter algum ser inteligente a bordo, pois ouvia vozes humanas e compassadas saindo dela, todas as vezes que ela passava mais baixinho sobre a picada que ele fizera na floresta. - Não seria música, professor? - Não, vozes humanas. Teríeis coragem - completava o velho e culto professor - de duvidar de mim? De mim que sou o vosso prevosto, que vos explica o Evangelho; que recita a ladainha de Nossa Senhora em latim (“Mater Dei, ora pro nobis!, Mater divinae gratiae, ora pro nobis!”); que pede aos santos ajuda em todos os vossos problemas; que orienta vossos filhos e os prepara para a primeira comunhão; que abençoa vossos jovens quando se casam, e que os educa e instrui? - Mas, há pouca diferença entre sons musicais e vozes humanas; além do mais, a voz humana não é o mais perfeito órgão musical que possuímos? - Não! Não e não! São vozes humanas, incompreensíveis, mas vozes humanas e não sons de órgãos. E Giuseppe Campestrini, sempre com as mãos



¹ Membro da Academia Catarinense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

espalmadas sobre o “Massime Eterne”:³ Madona mia! ghé gente inteligente nntela Luce Misteriosa. Duvidais de mim? ...

Estaria o velho, culto e boníssimo professor caducando? – Esta seria uma suposição injusta e descabida, pois suas aulas de italiano são perfeitas, suas idéias mais do que claras e despidas de qualquer símbolo, e seu coração um verdadeiro asilo para todos nós – aduzia Ferdinando Valandro quando alguém duvidava das asserções do seu professor.

A luz misteriosa aparecia todas as noites. Saía ela de um grotão, tomava certa altura, bailava sobre a floresta, vinha ao encontro do professor, iluminava-lhe a picada e só desaparecia, bailando sempre, quando ele entrava em casa. Ele não levava consigo o ⁴ferale, pois tinha certeza que a luz misteriosa não o deixaria no escuro. E mais, sempre vozes e vozes saíam dela, deixando-o atordoado com a certeza de haver alguém inteligente a bordo. E por que não haveria alguém inteligente nessa luz, hein! descrentes? E por que só a terra, este corpúsculo do espaço, deveria ser o único lugar de um ser humano inteligente? – ⁵Ma, orcocanel! Dizia Frei Lucínio Korte, (cultíssimo vigário, que apesar de ser alemão falava o dialeto trentino além do português, do latim, do alemão e do italiano padrão) – que se saiba, dos corpos celestes até ao momento conhecidos, só a terra se mostrou apta a seres corpóreos inteligentes, apta a receber os humanos. Os demais astros têm composição menos nobre que a terra, e apesar de maiores, com sua solidariedade gravitacional e radioativa ajudam a terra e a própria vida na terra. Parece que tais astros estão aí exclusivamente para o homem. E olha, caro Giuseppe, meu verdadeiro coadjutor e prevosto, na matéria do Sistema Solar não achamos seres inteligentes iguais a nós. Mercúrio não possui atmosfera; Vênus não tem vapor áqueo e nem oxigênio, é um planeta coberto de gás carbônico; Marte tem uma temperatura fria com média de menos quarenta graus Celsius, e uma atmosfera muito tênue. Até que este planeta poderia pelas condições ter alguma forma de vida. Júpiter tem uma atmosfera pestilencial e fétida de metano e amoníaco. Saturno, Urano, Netuno, o pequenino Plutão, acham-se em condições iguais ou piores que Júpiter. Quem sabe em galáxias e são milhares, talvez pudéssemos, abstratamente falando, é claro, admitir uma forma de vida inteligente como a que temos na terra. E eu te pergunto, caro Giuseppe, que astro Deus escolheu para que seu Filho Predileto pusesse os pés?

Giuseppe Campestrini era um homem de fé inconcussa e muita coragem. Dizia que o sobrenatural o acompanhava desde Torcegno, seu paeselo natal lá da Itália. Quando estudava no seminário de Trento, apareceu-lhe em sonhos uma figura feminina, uma “Madonna Bruna”, linda e mimosa, dizendo-lhe que lhe daria cinco filhos. Procurou-a nas vizinhanças de Trento. Achou-a. Casou-se com ela em 1857, e por não ter onde morar, foi trabalhar com o pároco no lugarejo chamado Madonna de Piné. E a paróquia de Piné, com o tempo, foi enriquecida com cinco abençoados fiéis, os filhos de Giuseppe. As dificuldades aumentavam dia a dia, e o salário que o padre lhe dava era sempre os mesmo, isto é, uma miséria. E o pior: seu pai, viúvo, teve que buscar abrigo na casucha do filho Giuseppe. E com isto, a família transformou-se numa ninhada de oito pessoas. Mas o Anjo do Senhor apareceu-lhe em sonho e lhe disse: Giuseppe, não temas ir para o Brasil, pois lá encontrarás comida em abundância para a tua família.

E Giuseppe se lançou à aventura. Reuniu seus parques pertences, e com sua família tomou o navio de nome Gabriella na cidade de Trieste rumo ao Brasil. Ele não pensava em outra coisa a não ser encontrar um lugar em que pudesse alimentar sua grande e amada (são palavras dele) família.

Um dia, aflitíssimo, em pleno mar, ao olhar para o horizonte perdido entre a água e o céu, pensou ter visto a figura hierática de São José andando sobre as águas. São José! São José! Tu que és o santo predileto de minha devoção, se me lebares a um lugar em que eu possa trabalhar para alimentar e criar com um espaço de amor a minha família, aí, a primeira coisa a fazer será erguer-te um oratório para que teu nome seja lembrado e para que tu sejas o protetor do lugar.

Após uma enjoativa, vomitante e longa viagem chegou Giuseppe ao porto de Itajaí em Santa Catarina. Aí, uma pessoa que orientava os imigrantes falou-lhe de uma terra fértil e bela chamada Rio Cedro, habitada por italianos. Tal terra, segundo o orientador de imigrantes do porto, produzia tudo em exagero: milho, feijão, batata doce, aipim, arroz, cana-de-açúcar, café e até azeitonas. Era isto que o Giuseppe buscava. No percurso entre Itajaí e Rio Cedro, uma misteriosa mão o guiava, e tal mão o fazia esquecer as dúvidas e as tristezas de poder achar ou não um lugar propício, a sonhada Cucanha de leite e mel.

Ao chegar ao local indicado pela mão invisível, Giuseppe encontrou construída uma casinha de madeira num pequeno desmatamento. Esta casinha, quase a última do lugar, pertencia a um outro imigrante italiano de nome Segismondo Menestrina. Ele chegara quatro anos antes de Giuseppe, e abandonara o lugar por causa dos ataques dos índios famélicos e destruidores. Teria São José feito sair do lugar o Menestrina para dar lugar a Giuseppe?

A primeira construção que Giuseppe fez foi o oratório dedicado a São José, e como não tivesse em mãos a imagem dele, moldou em barro vermelho a figura de um homem barbudo segurando numa das mãos o martelo e noutra a torquez. De uma lasca de madeira tirou a canivete um serrote com um que outro dente quebrado e o colocou aos pés do altar do santo. E São José, ainda que apavorante, passou a ser venerado por todos os colonos da comunidade. E era belo ouvir aos domingos, enchendo o pequeno oratório e o espaço ao redor dele, lindos cantos de Trento e Tirolo.

Quando a noite caía, lá vinha a luz misteriosa a bailar sobre as cabeças apavoradas dos devotos de São José, e para iluminar os sendeiros a todos, ela se colocava a uma altura um pouco acima das copas das árvores. Vozes da luz misteriosa só as ouvia o professor Campestrini. E por que – perguntou Fortunato Leitempergher- o professor não pergunta que luz é essa? – Pode parecer uma profanação, mas se um dia eu tiver a oportunidade obrigarei a luz a me dizer quem é, e se não mo quiser dizer, recitarei as orações Deprecatórias do Ritual Romano.

Num domingo os fiéis voltaram para casa após as vésperas e ainda com o sol no horizonte, e Giuseppe viu-se só no oratório. Como estivesse absorvido pela oração nem se apercebeu que a noite o envolvera todinho, e a fogueira que sempre era feita para espantar os mosquitos e as onças, não deixou sobrar vivo nem um tição. E o professor viu-se só na noite sem luar, pesada, negra, de breu. A luz misteriosa esqueceu-se de sair do grotão. Mesmo a esmo, com seus inseparáveis livros numa sacola de pano, procurou Giuseppe voltar pela picada até sua casa. Pediu a São José que lhe mandasse a luz misteriosa, mas São José não lhe deu ouvidos, e ela não apareceu. Tropeçou o professor nas raízes insepultas das árvores, e por pouco não espatifou a cabeça num tronco de uma árvore. A sacola de pano com seus preciosos livros, voou-lhe da mão. Parou, ajoelhou-se, e ao invés de rezar,

começou a amaldiçoar a luz misteriosa: - ⁶ Maledeta luce se te vir outra vez dir-me-ás quem és, caso contrário, apagar-te-ei de vez com as orações Deprecatórias, aquelas terríveis que sei de cor.

Como por encanto a luz misteriosa apareceu, iluminou como um sol a picada. Giuseppe levantou-se e encarou-a. E ela não o cegou. Encarando-a sempre, pôs-se a recitar as orações Deprecatórias, intercaladas com a pergunta: - quem és? A luz, porém, permaneceu silenciosa e foi se apagando lentamente à medida que a oração deprecatória aumentava. Mesmo antes de a oração chegar ao fim, a luz sumiu e o velho professor, sem se aperceber começou a afundar lentamente, ficando com lama até ao pescoço. Gritou por ajuda, e um braço musculoso o arrancou do lodo e o encostou numa árvore. Giuseppe, cuspiendo lama, gritou mais forte ainda e os familiares acudiram. Encontraram-no enlameado até a boca. Quando a luz do feral caiu sobre um bodoque que apareceu no meio da picada, o professor disse: - ⁷ Madona mia! L'è stá em benedeto búghero a torme for dela pacioca? E i me libri?

A partir daquela noite a luz misteriosa não apareceu mais... Sobre uma pedra, às margens do Rio dos Cedros, distante da casa de Giuseppe Campestrini uns dois mil metros, o nono Daltroso encontrou empilhados em forma de cruz: o Ritual Romano, Le Massime Eterne, Il Libro di Lettura de Albino Bertamini e la Storia Sacra de Schuster.

NOTAS DE FIM

2 Mãe de Deus, orai por nós! Mãe da divina graça, orai por nós!

3 Nossa Senhora! Há gente inteligente na luz misteriosa.

4 Feral: lampião de fabricação caseira.

5 Ma, orcocane (é uma expressão e não uma blasfêmia, e significa “diabo cão!”)

6 Maldita luz

7 Nossa Senhora! Foi um abençoado índio a tirar-me da lama? E os meus livros?

Autobiografia "História de vida"

Selma Scheidt¹

Biografia
Um recuo ao
passado

Esta autobiografia foi escrita por uma descendente de imigrantes alemães estabelecidos na Colônia São Pedro de Alcântara e regiões próximas. De forma simples, porém envolvente, a autora busca, na reconstrução das suas lembranças, relatar no âmbito das relações sociais e do convívio com os grupos da sua localidade sua trajetória de vida. Por tratar-se de um texto longo, publicaremos esta autobiografia em partes, obedecendo a ordem de pensamento emitida pela autora. A cópia desta autobiografia foi enviada pelo pesquisador e prof. Toni Vidal Jochem. Eis o que relatou Selma Scheid.

Fui convidada para escrever alguns fatos da minha vida. Então, perguntei-me: o que foi a minha vida? Então lembrei-me de alguns versículos do Salmo 90 da Bíblia Sagrada que diz o seguinte: "Os dias de nossa vida alcançam 70 anos, ou tendo vigor vão até os 80, e se foi deliciosa, foi cansativa e trabalho". E assim foi a minha vida, entrecortada por poucos momentos de alegria e divertimentos como alguns raios de sol entre as nuvens.



¹Estes relatos foram escritos por Selma Scheidt Rassweiler no segundo semestre de 1997 e entregues ao historiador Toni Vidal Jochem em 02 de janeiro de 1998. .

Biografia

Nasci em Santa Isabel em 13 de fevereiro de 1925. Sou filha de Luiz Carlos Felipe Scheidt e Sophia Quint Scheidt. O meu nascimento foi uma necessidade para salvar a vida de minha mãe, sempre doente desde o nascimento do meu irmão, havia 7 anos, quando ficaram restos da placenta no corpo dela; este problema resolveu-se e minha mãe tornou-se novamente uma mulher saudável. Não havia médico nem parteira naquela época, e as mulheres eram assistidas por uma vizinha a quem chamavam de “Baas” (curiosa) e que não tinha nenhuma noção de higiene. Contava minha mãe que elas vinham, às vezes, da roça com as unhas cheias de terra. Muitas mulheres morriam naquela época.

Ainda me lembro que aos 4 anos tinha cabelos loiros e cacheados, mas como não gostava muito quando me penteavam, meu pai cortou rente à cabeça, e depois cresceram na cor preta. Tinha muito pavor de fogo porque sempre me ameaçavam, quando fazia artes, que o fogo vinha pegarme.

Meu pai tinha um engenho de farinha de mandioca e as galinhas vinham pôr seus ovos ali. Certo dia meu irmão chamou-me e disse-me para eu abrir meu avental que ele iria jogar os ovos do alto, mas jogou um gambá no meu avental, eu fui berrando como louca e a minha mãe assustou-se. Tínhamos também uma criação de cabras e um bode velho que subia pelas calhas de água até a “cumieira” do engenho. Um dia, meu pai, zangado porque ele quebrara as telhas, pegou a espingarda e lhe deu um tiro. O bode caiu do telhado, sacudiu-se, fez “bééé...” e saiu abanando o rabo; meu pai olhou atrás dele com cara de bobo e disse: “Esse diabo não morreu”.

Fui uma criança muito solitária. Meu irmão era sete anos mais velho que eu e não havia crianças na vizinhança. Meus amigos e companheiros eram os cachorros do meu pai. Lembro-me, também, que o chão da cozinha era de terra batida, e atrás do fogão rústico havia um cesto com sabugos, com os quais brincava. Numa noite os cachorros e os gatos pularam na porta da cozinha e foram para perto do cesto com os sabugos, com os pelos eriçados, como que anunciando um perigo. Quando meu pai foi olhar o que havia de estranho, deparou com uma enorme jararaca enroscada ali no canto e a matou com um tiro certeiro.

Também gostava muito de andar a cavalo quando criança, e isso continuou durante toda a vida. Pouco antes de completar 8 anos, um membro

da diretoria da igreja visitou-nos, pedindo que meu pai me mandasse para a nova escola que o pastor Stoer instalou ali. Meu pai ainda hesitou, porque a mensalidade era de 3 contos e 500 réis, que naquela época era muito dinheiro, mas, enfim, ele consentiu que eu fosse à escola.

No primeiro dia de aula já fui de castigo, porque no livro de leitura a primeira letra era o “i” e tinha como ilustração um porco-espinho, e quando me perguntaram que bicho era aquele respondi: “Stachel Schwein” (porco-espinho), mas que na língua alemã era “Igel”. Mas eu teimei em dizer que era “Stachel Schwein”, até que recebi um puxão de orelha. Chegando em casa, afirmei que não iria mais à escola. Meu pai ameaçou tirar a cinta e me dar uma surra, e, como temia muito esse cinto, continuei na escola. Em pouco tempo sabia ler, mas só que a minha letra era terrível. Escrevíamos numa lousa de pedra que quebrava muitas vezes. Assim que soube ler, só vivia procurando livros para ler, o que naquele tempo era difícil. Lia muito à noite com luz de querosene, e de manhã estava com a cara toda preta devido à fumaça da luz. Freqüentei a escola durante 4 anos e aprendi muito. Também fazíamos festas para a comunidade, representando peças de teatro e contos.

O Natal era festejado com muita alegria, com pinheirinho enfeitado. Apresentávamos teatro e semanas antes escrevíamos uma carta ao papai Noel pedindo um presente. Ainda lembro-me da alegria quando ganhei um livro de histórias.

Aos 12 anos fui confirmada após anos de ensinamentos religiosos, e tomei isso muito a sério, pedindo perdão pelos que magoei. Também foi um momento muito especial porque fui aceita como membro da comunidade e participei pela primeira vez da Santa Ceia. Mas no dia anterior ao da confirmação, o pastor reuniu-nos para dar conselhos, exortou-nos a levar uma vida casta e honesta e ser sempre um exemplo bom para os que nos rodeiam, e que as moças deveriam conservar-se virgens até o casamento.

Depois da confirmação, trabalhei duro, ajudando o pai em todo serviço que um rapaz fazia, no engenho de farinha, na construção de casas, fazendo até tijolos, consertando relógios e máquinas de costura, arando as terras, guiando os cavalos. E se não saía certo, meu pai ameaçava-me com um chicote.

Sentia muita solidão e aos 14 anos comecei a namorar o meu futuro

marido. Ele sempre foi meu ídolo e o amei muito. Aos 16 anos fiquei noiva e aos 17 anos casei. Era virgem e nunca havia beijado um homem. Acho que devo contar um pouco do nosso casamento. Na semana que antecedeu ao casamento chovia muito com ventos frios, e a estrada tornou-se um lamaçal. Fiquei apavorada e orei a Deus que ele mandasse tempo bom, nem que fizesse frio e tudo ficasse branco de geada. Ele ouviu minhas preces, pois na sexta-feira o tempo melhorou, e sábado estava tudo branco de geada. Os morros mais altos estavam brancos, os palmitos que enfeitavam o pátio também estavam brancos, o lamaçal da estrada estava congelado, podendo-se passar por cima. O casamento realizou-se às 8 horas da manhã e eu tremi um pouco no meu vestido branco. Ao meio-dia houve um almoço, para o qual eu mesma havia feito a salada de batatas, ainda não havia maionese, e a salada era feita com nata e ovos.

Ainda não existia o costume do bolo de noivos na região, mas como eu lia muito, sabia desse costume e fiz um bolo branco e coloquei um casal de pombos para enfeitá-lo. Bolos e doces foram feitos por mim. Os convidados tomaram café, depois todos dançaram um pouco. Foi o dia mais feliz da minha vida, pois os nossos sonhos se realizaram.

Éramos pobres e não tínhamos dinheiro, mas tínhamos um grande amor. Vivemos durante 4 anos juntos com meus pais e trabalhávamos nas terras de outras pessoas, pagando a terça parte da colheita ao dono. Após 4 anos de trabalho, poupando cada vintém que ganhávamos, pudemos dar entrada na compra de um terreno com uma casa relaxada. Continuamos a pagar por mais 4 anos as prestações. Depois reformamos a casa, e o meu marido serrou à mão as tábuas para o forro da casa. Ele estudou para ser professor de alemão, mas lecionou pouco tempo, porque veio a Segunda Guerra Mundial, e ele perdeu sua profissão e teve que permanecer no anonimato para não ser preso.

Tivemos 7 filhos e trabalhamos duro na roça. Levávamos as crianças junto conosco para a roça, e o serviço de casa era feito à noite. Costurava tudo para a família. Também de noite eu e minhas filhas lavávamos a cozinha e a sala de jantar, com música sertaneja, dançando com as vassouras. O nosso primeiro rádio conseguimos comprar após 20 anos de casados, em 1962. Cinco dos sete filhos foram estudar fora. Não foi fácil. O mais velho estudou 10 anos, em São Leopoldo, primeiro no instituto pré-teológico e

depois na faculdade de teologia. A mais nova também estudou em São Leopoldo, morou na casa das irmãs religiosas e estudou no Colégio Evangélico. Os outros três estudavam à noite e trabalhavam durante o dia. Todos estão numa situação financeira estável.

Foi muito difícil nossa vida, trabalhando só à mão, até que deu para comprar um micro-tractor. Foi o primeiro na nossa localidade e a nossa vida melhorou muito, pois não precisávamos carregar tudo nas costas. No início, aqui no nosso terreno, ajudei a derrubar árvores com o machado.

Também foi difícil quando tive que ser operada, pois teve que ser paga. Logo depois um filho também teve que ser operado, devido a uma queda do cavalo, e formou-se um abscesso no rim. Sobreviveu por um milagre. Levamos anos para pagar as duas operações. E assim fomos levando a vida. Não éramos ricos, mas vivíamos um grande amor e uma boa vida familiar. De noite fazia trabalhos manuais e meu marido contava ou lia histórias para as crianças. No inverno, toda a família se ajeitava na cama grande e ali todos ficavam escutando as histórias, e também cantávamos muito. Meu marido acompanhava os filhos nas tarefas da escola e ensinou a todos a ler e escrever em alemão.

E um dia, resolveu plantar algum produto que não passava pela mão do intermediário que enriquecia rápido às custas dos colonos. Com a ajuda do primeiro prefeito de Águas Mornas, Sr. Paulo Esser, os colonos foram para Urussanga, buscar mudas de uvas. Muitos plantaram uvas, mas poucos continuaram porque dava muito trabalho, e levava muito tempo até dar frutos.

Mas nós continuamos e hoje temos uma pequena vinícola, onde fabricamos vinho caseiro, totalmente puro e sem produtos químicos. Este vinho é muito procurado por turistas, e temos fregueses que, a cada ano, vêm buscar seu vinho aqui.

Quando começamos a colher os frutos do nosso trabalho, meu marido adoeceu, e ao saber do diagnóstico do médico quase enlouqueci, pois era câncer no pulmão. Como era triste ver a pessoa que mais se ama morrer aos poucos, sem poder ajudar. Ajoelhei-me, pedi forças a Deus e cantei o hino “Segura Na Mão de Deus”, e ele me deu forças para cuidar do meu marido. Quando viu que ia morrer, pediu para ser internado. Antes sempre dizia que queria ficar ao lado da esposa.

No último dia em que o visitei, ainda estava de pé, pedindo para tomar banho. Fiquei com ele até às 5 horas e ainda pediu para telefonar para os filhos. Quando me despedi, ele abraçou-me e beijou-me dizendo: “Eu te agradeço por todo amor que me deste, e por tudo que fizeste por mim nesta vida”.

Esta foi a despedida para sempre. Poucas horas depois veio a falecer, e na hora da morte eu acordei em casa, e fui procurar a roupa dele e deixei tudo pronto para quando ele voltasse.

Isso aconteceu no dia 22 de fevereiro de 1987. Durante a doença toda ele não parava de trabalhar. Voltávamos ao meio-dia da Capital onde fazia quimioterapia, almoçávamos, ele descansava um pouco e depois pegava um enxadinha e ia trabalhar na plantação de uvas. Parou somente na última semana quando estava muito fraco. Ele sempre ficará na minha memória.

Estou sozinha há 11 anos. Às vezes sinto muita saudade e solidão, mas vou levando a minha vida. Agora achei um novo motivo para viver: estou escrevendo. Também copiei todos livros de registros de batismo, confirmações, casamentos e óbitos da Paróquia de Santa Isabel, que datam desde 1860, e muitos ainda estão escritos em letras góticas, que pouca gente sabe ler. Trabalhei 3 anos para conseguir transcrevê-los, e às vezes pensava que não iria conseguir, pois tinha muitas folhas sem numeração.

Quando consegui terminar este trabalho, passava da meia-noite fria de inverno. Tomei um banho quente, vesti uma camisola quente, liguei uma música alegre e dancei pela casa. Depois agradei a Deus pela oportunidade de ser útil. E assim vou levando a vida, trabalhando sempre, limpando meu quintal, o meu pátio, minha casa e plantando muitas flores, bordando e escrevendo. Gosto muito de ler. Toda semana vou ao clube dos idosos onde me divirto. Agradeço a Deus por cada dia que ainda posso viver. Há tanta coisa bonita nesse mundo de Deus! É só abrir os olhos. Às vezes, de noite, sento-me na porta da minha casa para admirar as estrelas e as silhuetas das árvores contra o céu, parecendo um quadro.

O lema da minha vida é um versículo da Bíblia, que me acompanha desde a minha confirmação, casamento, bodas de prata, 40 anos de casamento e consolou-me na morte do meu marido e será lido na minha morte:

“Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida...”

Ser fiel a Deus, fiel ao marido, à família, aos amigos e à verdade.

FILHOS

1. O primeiro filho recebeu o nome Elmo, por causa do elmo no brasão da família.

2. Nilo: sempre lembrei do estadista Nilo Peçanha.

3. Marly: porque era um nome de que gostávamos.

4. Marlene Sofia: eu admirava a atriz Marlene Dietrich, e Sofia em homenagem a minha mãe que morrera 14 dias antes dela nascer.

5. Carlos Roberto: em homenagem aos avós Carlos que era meu pai e Roberto que era o pai de Cristiano.

6. Cristiano Filho: eu sempre queria um filho com o nome do meu marido, mas ele achava seu nome feio. Quando foi registrá-lo ainda perguntou: “Que nome?” Eu respondi “Se não queres o teu nome, escolhe outro.” Quando voltou jogou a certidão no meu colo e quando voltou e disse: “Agora vê como vais chamar teu filho!” O chamávamos pelo apelido de “Crissi”.

7. Foram as irmãs que escolheram esse nome porque o nome delas começava com Mar: Mariete.

FAMÍLIA

Ascendentes: O meu bisavô era João Philippi Scheidt, ou, como escreviam na ocasião, Scheidt. Ele veio de Münsterappel, região de Hunsrück. O avô era João Scheidt. Meu pai chamava-se Luiz Carlos Felipe. Lembro-me do meu avô. Ele tinha uma barba grande, e tinha reumatismo. Ele sempre dizia: “Werm dat been net wár”. (se não fosse essa perna). Faleceu no ano 1936. Tinha câncer no nariz e conviveu com isso durante 3 anos, usando emplastro de figos. Meu avô materno era Henrique Quint e se separou de minha avó por causa do alcoolismo e morreu pobre. Lembro-me também da avó materna que se chamava Maria Pichler Quint, de origem austríaca. Era alta e muito orgulhosa, calçava os sapatos, e de sombrinha aberta andava pela casa.

Do meu pai lembro muito. Era baixo, usava bigode, sabia fazer muita

coisa. Construía, trabalhava de ferreiro e eu ajudava colocar ferraduras nos cavalos, ferraduras que fazíamos. Era músico nas horas vagas, dirigia um conjunto de trombones e tocava “bandonion”. Consertava relógios e todos os objetos estragados. Para uma gaita velha fazia um fole novo e afinava os tons musicais. Tudo praticamente de graça. Mas, como pai era muito severo e duro!

Minha mãe era baixinha, pessoa muito bondosa que só vivia em função do marido. Não guardava rancor e sim pagava com bondade. Nós duas gostávamos muito de cantar juntas e o hino preferido dela era “Minha terra tem palmeiras” e “Oh que saudade da aurora de minha vida” e os hinos “Guia-me Jesus” e “Feliz a casa que te deu abrigo”. Trabalhou muito durante toda sua vida e morreu jovem, com 64 anos, de apendicite. Quando, afinal, chegou ao médico já era tarde.

Nossa família era muito unida, embora meu pai fosse muito severo. Mas minha mãe, com sua bondade, tudo consertava. Meu pai dirigia uma orquestra e quando havia uma festa religiosa os membros da comunidade festiva vinham ensaiar os hinos com a orquestra. Às vezes cantavam desafinados. Eu escutava tudo do terreiro com os cachorros. Eles levantavam a cabeça, olhavam a lua e choravam com os cantos desafinados, pois eles tinham ouvido melhor para música do que algumas pessoas. E quando o Bispo visitava a comunidade, a orquestra vinha na frente, em seguida o bispo, e após, a comunidade.

Os músicos tocavam uma marcha, o povo cantava Ave Maria e os fogos espocavam no céu. Isto era tudo muito festivo, há mais de 60 anos. Um dia meu irmão disse: “Atiramos uma marcha, e tocamos uns foguetes”. Esse fato aconteceu há muitos anos e ainda hoje é comentado. Festejávamos muitos aniversários, fazendo surpresas. Fazíamos um poema que era cantado ao som de uma melodia conhecida, e se não havia bolos, à meia-noite comíamos um pirão com carne seca frita.

As relações entre vizinhos eram de amizade. Aos domingos se visitavam, tomavam café e colocavam-se as fofocas em dia. Também havia o lado bom da vizinhança. Quando um colono adoecia, os vizinhos faziam mutirão e iam limpar ou colher os seus produtos. Quando nascia um bebê, uma vizinha vinha fazer o serviço e dava banho no bebê. Naquela época, a parturiente ficava 10 dias na cama, comendo canja e pão de trigo, e, quan-

do levantava estava muito fraca e só podia andar segurando nas paredes.

As famílias eram abençoadas pelo matrimônio, seus membros eram o pai, a mãe e os filhos. Naquela época tomávamos a sério as palavras “na alegria e na tristeza até que a morte os separe”. As relações entre os membros da família eram de respeito e amizade. Agora há dificuldades, e muitos casais se separam. Sem respeito entre o marido e a mulher e os filhos não existe amor, e sem amor a vida não tem valor para ser vivida.

Uma boa relação de amizade e amor entre famílias e parentes é uma fonte de muita alegria e satisfação.

O namoro naquela época era bem diferente de hoje. Acho que havia mais amor. Hoje em dia há mais paixão que amor. O nosso namoro começava com olhares e dizíamos: “Jogar o laço e laçar um amor”. O coração batia mais forte ao ver o seu amor, depois, na dança acontecia um aperto de mão. E assim, às vezes, surgia um grande amor que durava para toda vida. Nada de beijos. Só às escondidas se arriscava dar uma beijadinha. Abraçar e agarrar-se nem pensar. A moça que namorava muito era chamada de vas-soura.

Namorados ou noivos só se viam na presença de outras pessoas, mas também havia aqueles que se encontravam às escondidas e enganavam os pais. O resultado era um casamento apressado, com um bebê a caminho, com muito desgosto e vergonha dos pais.

Se o namorado não morava na mesma localidade, ele vinha ver sua namorada aos sábados e permanecia até o domingo de tardinha.

O moço pedia a moça em casamento aos pais.

Naquela época não se fazia festa de noivado.

Os casamentos se realizavam sempre aos sábados. De manhã bem cedo eram encilhados os cavalos e enfeitados com flores e fitas, e em caravana, os noivos, as testemunhas e alguns amigos seguiam ao cartório mais próximo, onde se realizava o casamento civil. O escrivão, a esposa e alguns amigos cantavam uma canção e cavalgavam de volta, com alegria e brincadeiras. Em seguida todos se dirigiam até a igreja, onde as pessoas presentes cantavam um hino quando os noivos entravam seguidos pelas testemunhas. Os noivos faziam os votos de fidelidade, trocavam os anéis e eram abençoados pelo Pastor. Ao saírem da igreja, os noivos recebiam os parabéns. Depois que todos saíam da igreja, eram atirados alguns foguetes e,

então, o pessoal de casa sabia que os noivos estavam vindo e preparavam o almoço.

Este almoço constava de todos os quitutes de uma casa de colonos: galinhas assadas, pernil de porco, carne de vaca assada em um tacho enorme, e, também, não podia faltar o arroz doce. Também se fazia bastante quentão, que era chamado de gambá, e ainda havia cachaça. A casa onde se realizava o casamento era enfeitada com flores, guirlandas, estando o pátio cheio de palmitos e flores. Na porta, uma moça oferecia dois cálices de vinho aos noivos e declamava alguns versos, às vezes cheios de malícias, desejando também felicidades.

A noiva sempre se vestia de branco, com sapatos brancos, véu, grinalda e um buquê de flores brancas. O noivo vestia um terno preto, com camisa branca e gravata. Depois do almoço, os noivos abriam o baile, dançando a valsa dos noivos. Depois se juntavam os pais e testemunhas. Todos, inclusive os mais velhos. Às 3 horas da tarde era servido um farto café, o e baile continuava noite adentro. A festa começava de manhã e continuava até os convidados se cansarem e irem para casa.

Havia brincadeiras com os noivos: colocavam-se espinhos debaixo do lençol, faziam-se bonecos com massa de pão que eram colocados na cama ou um urinol cheio de flores debaixo da cama, um despertador escondido, ou às vezes um galo dentro de um cesto. Só que o galo se enganava nas horas e cantava antes da hora. Os noivos iam morar na própria casa ou às vezes na casa dos pais. O inusitado acontecia: havia muitas fugas de noivos, as quais causavam um bom reboliço.

PARENTES e ESCOLA

Por parte do meu marido tivemos muitos parentes, mas todos moravam longe. De umas primas gostávamos muito e íamos visitá-las regularmente. Dos meus tios, pelo lado do meu pai, também gostávamos muito, e os irmãos do meu pai faziam o papel de Papai Noel para nós.

Eu freqüentei a escola por 4 anos e meio. Entrei com 7 anos e meio e estudei somente na escola Evangélica Alemã, que ela era particular. Não havia outro tipo de escola naquela época.

A escola aqui serviu de igreja até quando esta fosse reformada. O

professor lecionava em alemão. Era membro da comunidade, especializado e formado. Eram diversos professores. O Pastor Stoer era diretor da escola, e sua esposa e a irmã ensinavam serviços manuais, e gostávamos muito delas.

O professor Arnaldo Mertens era muito severo e não era muito simpático, mas tinha um jeito para ensinar teatro. Tenho lembranças muito boas dos meus professores, contavam muitos contos de fadas para nós.

Os alunos recebiam castigo como um puxão de orelha, tapas, uma régua no traseiro e expulsão da sala de aula.

As escolas tiveram professores diplomados aqui depois da Segunda Guerra Mundial.

A família dava muita importância à escola, e todos na família estudavam o suficiente para ler e escrever. Não existiam séries naquela época.

Houve um colega meu que foi estudar fora. O pastor Lindolfo Weingärtner. Foi em 1937 para São Leopoldo, Rio Grande do Sul, onde fez a faculdade de teologia e, mais tarde, fez o doutorado de teologia na Alemanha.

Primeiro usamos uma lousa de pedra; mais tarde compramos uns cadernos para fazer caligrafia. Era usado o primeiro livro de leitura, livro de aritmética e livro de histórias bíblicas, dos quais ainda possuo alguns. O diretor nomeava os professores. Não me lembro de algum professor que foi demitido.

O Pastor dirigia a escola e fazia de tudo para ela funcionar, inclusive com donativos.

RELIGIÃO

A primeira capelinha foi construída no ano de 1860 pelo meu bisavô. Era de madeira e ele vendeu-a para a comunidade por 1 conto de réis.

Não sei quem compôs a primeira diretoria: acho que foi um mutirão. Ainda contam que eles amassaram o barro com os pés para fazer tijolos. Não encontrei dados exatos da construção desta igreja, mas foi feito como está escrito no começo. Conforme está escrito no documento da doação do terreno da igreja, os doadores eram: Valentino Kolb, Georg Friederich Bauer, Johann Philippi Scheidt.

Autobiografia

Quando havia Pastor, os membros da comunidade faziam muitos cultos de leitura. Eu mesma participei de alguns, também em outras comunidades. Uma pessoa lia a liturgia inicial, outra pessoa lia a prédica, e a que fez a liturgia fazia o encerramento. Meu marido e eu íamos às comunidades distantes e também fazíamos enterros, às vezes em português e outras em alemão.

No início da imigração os batismos eram feitos por um sacerdote católico, em São José, e os casamentos também. Os batizados aqui só de emergência: um leigo podia fazer, mas este tinha que ser confirmado por um Pastor. As orações rezadas na igreja eram o Pai Nosso e a Ave Maria, e o Pastor fazia uma oração incluindo as necessidades da comunidade. E o credo apostólico, as orações eram feitas em alemão. Uma senhora certa vez perguntou a minha mãe: Sofia o que significa o que eles estão rezando na igreja católica: “Maria da Grota e Braba de onça”. Era Maria Mutter Cotes e Vater Unser. Em português: Maria Mãe de Deus e Pai Nosso.

O ensino confirmatório era sempre dado pelo Pastor ou por um membro da diretoria. No católico, eu não sei, mas na nossa comunidade o ensino confirmatório era obrigatório e sem isso as crianças não eram confirmadas. Na igreja, os catequistas eram o Pastor, o professor ou um membro da diretoria. A prática da religião era exercida em casa, aos domingos á noite, pelos membros da família. Para ler a Bíblia e orar, a hora era pela manhã e à noite.

Não me lembro de ter havido algum desentendimento entre o Pastor e membros da comunidade. O relacionamento entre Pastor e comunidade era de amizade e muito respeito. O Pastor muitas vezes era solicitado para dar conselho ou acalmar brigas familiares.

Diversas vezes, ou melhor, quase sempre, havia um coro na igreja. Havia diversos dirigentes para as diversas etapas e, às vezes, pastores dirigiam um coral feminino. O Pastor Goering dirigiu um coro com muita eficiência. Ele era o seu fundador. Só não lembro mais o ano em que ocorreu. Depois, durante muitos anos, o Sr. Evaldo Weingartner dirigiu o coral. Lembro-me de muitos hinos e, às vezes, os canto como oração. Também o nosso coral prestigiava as festas em outras comunidades.

Havia a festa de Natal, sendo que na sua véspera vinham muitas pessoas para vê-la na nossa comunidade. O coral cantava e era apresenta-

do um teatro representando o nascimento de Cristo. Havia um pinheirinho enfeitado e, às vezes, crianças e idosos ganhavam doces e balas. Uma vez por ano havia a festa da igreja em que se faziam muitos jogos, tais como boca grande, jogos com bolas, roleta e outros. Cantávamos muito e as festas eram muito freqüentadas. Uma vez até houve tiro ao alvo.

Em caso de falecimentos, o morto era velado durante a noite, e era oferecido um café aos presentes. Ele era acompanhado pela comunidade que muitas vezes cantava durante a caminhada. O caixão era carregado por quatro homens. Os amigos acompanhavam e amparavam os familiares, e um carpinteiro, ajudado por alguns vizinhos, fazia a urna funerária.

Nos casamentos, primeiro se ia ao cartório legalizar, depois, os noivos se dirigiam à igreja para fazer os votos de fidelidade e receber a bênção de Deus. Quem não casava primeiro no civil, devia trazer uma licença, pois sem isto a igreja não podia celebrar o casamento.

Durante a quaresma não havia festas ou bailes, nem casamentos. Este costume terminava com a Páscoa. Na Sexta-feira Santa não se trabalhava. Só se tratava dos animais, nada de varrer a casa, as crianças deviam permanecer quietas, sem subir em árvores. Cozinhava-se uma panela de pinhão, e não se comia carne nesse dia. Na época de Advento, antes do Natal, não se festejava nem dançava.

Os sinos dobravam três vezes quando havia culto: a primeira vez para chamar os visitantes, a segunda vez anunciava que o culto iria começar, e na terceira vez o culto começava. Também dobrava quando o culto terminava. Houve uma época em que dobravam ao meio-dia e às 18 horas. Os sinos também dobravam quando alguém falecia.

POPULAÇÃO

As estirpes mais tradicionais eram a família Scheidt, Schütz, Weingärtner e a família Bauer. Muitos migravam daqui (seus nomes não me recordo) e o faziam porque achavam a região muito montanhosa. Os primeiros habitantes da região eram os índios, depois vieram os imigrantes alemães para povoar a região. A primeira colônia foi Santa Isabel, depois outras localidades.

LAZER

Antigamente havia corridas de cavalo. Atualmente joga-se futebol. Havia também uma cancha de bocha, em frente à casa comercial, a qual era freqüentada pelos homens e moços.

A comunidade, a bem da verdade, incentivada pelo pastor Nelso, para que a juventude não ficasse nos botecos, começou a jogar futebol no ano de 1962, no terreno de “Nilvo Weingärtner”.

Primeiro os jogos eram por divertimento, depois, competiam com outros times. Mais tarde construíram um campo nos terrenos da comunidade onde realizavam muitos festivais, com partidas de futebol. Também participavam de campeonatos municipais, sendo que no primeiro campeonato tornou-se vitorioso. De 1975 em diante passaram a ter atas, e foi dado o nome de Santa Isabel Esporte Clube. Quando eu era criança, faziam-se corridas de cavalo numa reta da estrada. Os concorrentes eram quase sempre das famílias Kuhnen e Jasper. Mas não me lembro mais dos anos em que isso ocorreu.

A festa mais comum era a “Kermess”, para a qual vinham muita gente de Anitápolis, Rio Abaixo, Palhoça e outras localidades. Esta festa durava dois dias e havia muita música, fogos e baile. Vinham vendedores de guloseimas e os visitantes vinham a cavalo.

Também se comemoravam eventos religiosos. No início, era a festa do dia da igreja evangélica e depois da igreja católica. Eu acho que foi por causa da escolha dos festeiros. Estes festeiros iniciavam a festa com uma valsa, e ainda me lembro de uma senhora que treinou durante semanas para dançar a valsa. Outras festas religiosas eram: de Natal, da Páscoa e de Pentecostes, o Dia da Reforma, Ascensão do Nosso Senhor, Quinta e Sexta-feira Santas.

Quinta e sexta-feira, antes da Páscoa, eram considerados dias santificados: a quinta porque neste dia Cristo instituiu a Santa Ceia, e sexta-feira porque era o dia da morte de Cristo e se passava o dia no maior silêncio e não se trabalhava nada. O dia da Páscoa era a festa da alegria porque Cristo ressuscitou e diziam que o sol nesta manhã dançava. Eram dados ovos coloridos para as crianças, como símbolo de que como o pinto sai da casca do ovo, Jesus sai do sepulcro. Ascensão é o dia em que Jesus subiu ao céu, deixando-nos a promessa de que ele irá nos preparar um lugar lá junto ao

pai, e que manda o Espírito Santo para nós, o que acontece em pentecostes. O dia da reforma significa o dia em que Dr. Martin Luther pregou as 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, iniciando a reforma.

REMINISCÊNCIAS

Como em todas comunidades, a nossa também tinha suas rixas. Mas convém citar que nunca houve um assassinato. O pessoal da região era muito supersticioso e acreditava em mau olhado, benzeduras. Como não havia médico naquela época, recorriam às benzedoras.

Quando chegava o carnaval, algumas pessoas se fantasiavam e passavam pelos mais velhos fazendo um barulho tremendo. Acho que sobre festas já falei, mas havia, ainda, os aniversários que se festejavam noite adentro.

Já a culinária era bem simples. Usava-se muito a carne-seca, criava-se porcos e galinhas para o uso doméstico, cozinhava-se aipim, feijão, batata-doce e fazia-se muito chucrute, biju, cuscuz e roscas de polvilho. E quem tinha engenho de açúcar, fazia rapadura e doces de frutas.

No parto de um bebê, a mulher era assistida por uma vizinha e por uma parteira, quando havia. Depois da criança nascer matava-se uma galinha (as galinhas eram engordadas) e fazia-se uma canja para a mulher ter bastante leite. Ela ficava 10 dias de cama e depois que ela se recuperava era feito um café para amigas e vizinhas que levavam presentes (kindche caffe). No batismo era feito um almoço para os pais e padrinhos.

Para ser confirmada, a criança freqüentava a doutrina durante 2 anos e tinha que saber, no mínimo, o Pai Nosso, os 10 Mandamentos, o Credo Apostólico e saber ler a Bíblia.

Antes do casamento, os noivos iam convidar os parentes e amigos pessoalmente. O casamento começava de manhã e ia noite adentro. Ao meio-dia era servido um farto almoço. Às 3 horas era servido um café, de noite havia um jantar, e soltavam-se muitos foguetes.

Quando havia um enterro, os vizinhos vinham ao velório do morto na sua casa e ali ficavam até o enterro. Então o caixão era carregado por quatro homens, até o cemitério. Durante o velório era costume servir-se cachaça e comida aos vizinhos.

Os mais velhos, geralmente, morriam de fraqueza, outros de mordida de cobra, de câncer e de problemas de coração.

Meu pai e meus irmãos caçavam muito. Meu pai tinha mata virgem em suas terras, onde ele caçava veados, pacas, jacu, jacupemba, pombinhas e outros animais. Naquela época, se plantava mandioca para fazer farinha e polvilho, plantava-se milho para fazer pão e tratar os animais, batata-doce, abóbora, cará e batata inglesa. Vinham alguns compradores para adquirir as mercadorias.

As diversões eram as festas de igreja e, sem elas, aos domingos os vizinhos visitavam uns aos outros, e ali as mulheres colocavam as fofocas em dia, e os homens jogavam cartas ou dominó. Só havia futebol e boliche. Ia se regularmente à igreja, ensaiava-se no coral e freqüentava-se estudos bíblicos.

Superstições havia muitas: A do gato preto. Um vizinho que acreditava que a irmã era feiticeira porque as vacas dela davam mais leite, chamava-a de “Butter hex” (feiticeira de manteiga) e sempre se dizia que ela colocava um pano preto debaixo do barril, e, por isso, ela tinha tanta manteiga. Essa mulher certo dia foi à venda levando ovos e, para não quebrá-los, colocou palha desfiada. Quando voltou para casa, ela colocou montinhos dessa palha ao lado da cerca do irmão, e esse ficou revoltado, dizendo que ela fez feitiço para suas vacas não darem mais leite.

No meu tempo de criança havia somente uma escola particular alemã. Uma escola do governo só criada depois da Segunda Guerra Mundial. Tivemos professores eficientes, mas que não vacilavam em puxar orelhas ou dar umas palmadas.

A nossa terra, quando a compramos, era cansada e improdutiva, mas a regeneramos plantando árvores que soltavam muitas folhas para formar húmus, e hoje ela é produtiva e fértil.

O que marcou muito a nossa região foi a construção do Instituto de Ensino, e também o fato do diretor da colônia ter morado aqui. Ainda hoje o monte onde ele morou, chama-se morro do Cocoroca. Vendas, botecos, bares, mercado não havia ali.

Os primeiros imigrantes construíram o cemitério no terreno que hoje é de Lourenço Hammes. Atualmente, ele está completamente destruído. Depois, um filho do meu bisavô doou um terreno para a igreja. Isto aconte-

ceu no ano de 1860. Os católicos têm o seu cemitério ao lado da igreja, no morro.

Não havia escravos na região porque os alemães estavam proibidos de tê-los. Na nossa vila só moram descendentes de alemães.

PROPRIEDADE PATERNA

Compramos nossas terras do Sr. Reinaldo Schütz. Meu pai media as terras com uma bússola que meu bisavô trouxe da Alemanha. Havia somente capoeirão em nossas terras, que derrubávamos com machado.

Ali, meu pai e minha mãe tinham vacas, somente para o consumo próprio, e porcos, que matávamos, do qual vendíamos o toucinho. Das galinhas que eram criadas vendíamos também os ovos. Os que não consumíamos, um ou diversos negociantes vinham comprá-los e eram levados para a capital. O pagamento era feito em dinheiro.

Não possuíamos maquinário agrícola: era tudo feito à mão e toda família o executava. Levávamos o milho colhido ao moinho que pertencia a meu pai, moíamos também para terceiros. Cobrava-se um mil réis e vinte vinténs por saco. Eu acho que o moinho foi fechado porque passou a ser exigido imposto mais alto sobre os produtos nele processados.

Também me lembro de uma praga dos gafanhotos. Quando o enxame passou por aqui já estava casada. O céu ficou bastante escuro e os colonos se reuniram batendo latas e dando tiros. A grande maioria dos insetos foi desviada das pastagens, e só alguns pousaram na beira do rio. Mas algumas árvores grandes chegaram a cair de tanto peso dos gafanhotos que nelas pousaram.

De manhã, o povo se reuniu novamente, fazendo barulho, mas só levantaram vôo depois que o sol nasceu. Não fizeram muito estrago, mas nos galinheiros não se podia entrar, pois fedia a gafanhotos de tanto que as galinhas comeram.

MORADIA

Não trabalhei pessoalmente na construção de nossa moradia, só ajudei a reformá-la. Meu marido serrou a madeira à mão para fazer o forro da casa. Ajudei a fabricar tijolos. Meu pai e meu tio os faziam, para construção

da escola e a casa de Nelso Müller. A minha cozinha não era separada da casa. Conservávamos a água em baldes.

No início, tínhamos poucos móveis. Na falta deles, eu pregava caixinha de sabão na parede e botava uma cortina para as crianças guardarem suas roupas. Tinha um guarda-roupa de peroba para o qual meu marido serrou as tábuas à mão. Ele foi feito por um carpinteiro, assim como a cama. Na frente havia um quarto de dormir. Era o quarto de visitas. Do lado direito a sala onde tinha uma mesinha com quatro cadeiras de palha. Depois, mais dois quartos com um corredor no meio, um era o quarto das meninas, o outro era o nosso de casal. Cada quarto tinha uma cama e uma cadeira. Depois, vinha a sala de jantar com uma mesa e dois bancos. Do outro lado a cozinha com um velho fogão à lenha e uma mesa para lavar a louça. Na parede umas tábuas para guardar a louça. Os rapazes dormiam no sótão. Na falta de luz elétrica, a casa era iluminada por lampião a querosene. As velas eram muito importantes e eram compradas.

Em redor de casa havia um espaço grande: de um lado um grande quintal, do outro, um galinheiro. Atrás dele, os chiqueiros de porcos e havia um lugar para os pintos e um galpão grande para guardar a colheita. As crianças cuidavam das galinhas, meu marido, dos porcos e eu tirava leite.

ATIVIDADE ECONÔMICA E COMUNITÁRIA

A mulher devia ser uma boa dona de casa, além de ajudar o marido na lavoura. Também era ativa na comunidade: ia à reunião de senhoras, cantava no coral, trabalhava nas festas gratuitamente, fosse de dia ou de noite. No domingo, cozinhava ou lia um livro, ia ao culto, e à tarde ia visitar os vizinhos.

Aqui não se fazia filó, mas outros trabalhos manuais como bordado, crochê e tricô. Eu fazia muito crivo, em casa, nas horas vagas. Nas reuniões de senhoras, uma vez na semana, no tempo em que o Pastor Dübbers trabalhava aqui, as moças reuniam-se semanalmente às terças-feiras e a senhora do pastor ensinava tudo, até como cuidar de um recém-nascido. Essas reuniões aconteciam na casa pastoral.

O homem era o chefe da família. Era ele quem planejava o serviço a ser feito em casa e na propriedade. O meu marido esteve durante toda vida

na diretoria da comunidade, seja como presbítero, secretário ou tesoureiro, e, todo esse seu trabalho era feito sem remuneração. Durante muitos anos ele dava culto dominical para as crianças.

Construíam-se galpões ou faziam-se cabos para as ferramentas e servava-se madeira, tudo à mão.

COMUNICAÇÃO E AS GUERRAS

Mandava-se um mensageiro a pé ou a cavalo. Por aqui também passavam tropeiros, mas raramente levavam gado. Vinham de Lages e iam para Florianópolis. Às vezes negociávamos com eles, comprando carne seca, queijo ou pinhão. Às vezes passavam caixeiros viajantes, sendo que alguns para mim eram trapaceiros. Não se sabia de onde vinham, mas vendiam fazendas e quinquilharias. Quase sempre vinham montados em mulas, tendo ainda uma mula de carga, e nunca se sabia para onde iam. Pagava-se tudo com dinheiro.

No tempo em que eu era criança, há mais de 65 anos havia carreteiros na região. Lembro que o meu pai tinha uma carreta puxada por 4 cavalos.

Os tropeiros usava mulas porque estas eram mais resistentes. Sempre me contam que meu bisavô tinha 70 mulas para levar frete para Florianópolis, mas nunca vi mula puxar carroça. Na minha casa só havia cavalos para montar. Mais tarde, os rapazes compraram bicicletas. Lembro-me do primeiro caminhão aqui, eu tinha 7 anos.

Meu pai lia muitos livros: a bíblia, os anuários e muitos outros na hora da sesta e de noite, na cama. Lembro-me de muitas histórias que li, mas das que mais gostei foram “Pássaros feridos”, que já vi 3 vezes na televisão, e “E a Bíblia tinha razão”.

Lembro-me da revolução de 1932, quando meus pais esconderam coisas de valor debaixo do assoalho e fizeram uma barraca no mato, onde minha irmã, que já era moça, foi se esconder, levando a máquina de costura e outros aparelhos de valor. Os homens, de noite, iam para Vargem Grande comprar sal e querosene. Os revolucionários passaram por nossa casa, pedindo ao meu pai para mostrar o caminho para Löffelscheidt, e o pessoal que viu meu pai com os revolucionários pensaram que eles o prenderam.

Autobiografia

Durante o Estado Novo meu marido perdeu seu emprego, por ser professor de alemão. Foi para Florianópolis levar seu pai para ser operado. O pai dele não falava nada em português. Meu marido foi visitar um conhecido que estava operado, sozinho, porque nem ele, nem sua família falavam português. Meu marido perguntou se podia fazer alguma coisa por ele, ou se faltava alguma coisa. Neste instante passava um caboclo e foi dar queixa ao guarda. Meu marido percebeu isso e passou para outro corredor e sentou-se na cama do pai onde não foi perturbado. Alguns Pastores foram presos. O Sr. Leonardo Sell foi levar doentes ao hospital e falou com eles em alemão, porque não sabiam falar português, e ele acabou preso. Sua família passou trabalho para tirá-lo da cadeia. As escolas que lecionavam a língua alemã foram fechadas.

Aqui ninguém denunciou os vizinhos. Da Segunda Guerra Mundial lembro de algumas coisas, por exemplo: Não se deveria ligar o rádio para ouvir notícias alemãs, não se podia falar em alemão. Escondíamos todos os livros em alemão. Depois de certa hora da noite não se podia acender a luz ou devia-se cobrir a luz com papel escuro.

Burocracia & Governo

Burocracia &
Governo

611

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Tenho a honra d'apresentar á V.^a Ex.^a o incluso quadro dos trabalhos executados em esta colonia no mez de Julho de 1865.

Deos Guarde á V.^a Ex.^a - Colonia Blumenau,
31 de Agosto de 1865.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Francisco Jozé de Oliveira

D.^{mo} Vice Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg

Colonia Blumenau

Trabalhos no mez de Julho de 1865



Burocracia & Governo

	<u>Estrada do Garcia para a Itoupava.</u>		
Julho 1/30	Jornaes, concerto da estrada da Velha até Sprengel		Rs (?)\$500
" 10/29	Ditos de pedreiros, argamassar as paredes interiores do canal perto do Franck		8\$000
	<u>Caminho na margem esquerda do rio, acima de Badenfurt</u>		
" 1/14	Jornaes, accabeamento da ponte perto do Reith		12\$000
	<u>Caminho na margem esquerda do rio, debaixo de Badenfurt</u>		
" 14	Jornaes, 3 boeiros e atterros, factura e concerto do caminho Perto do Petters, concerto do atterro perto do Zimmer etc.		113\$500
	<u>Estrada para o littoral</u>		
" 1/30	Jornaes, 136 br. corr. de estrada e factura de 3 boeiros		373\$800
" 15/30	Ditos, picadas no ribeirão do Gaspar para o traço do caminho		38\$500
" 20.	Rosemann, transporte de instrumentos dos trabalhadores e de carrinhos de mão p ^a Souza		5\$000
" 28.	Hoschl, roçar e alimpar o caminho no Gaspar		3\$000
" 29.	Fey, 60 br. corr. De caminho no Gaspar á 600 rs		36\$000
" 30.	Libarth C ^{ia} concerto de 2 atterros e 1 ponte provisória		15\$750
" "	Harbs, erecção dos canaes perto do Leander e Flores:		
	710 p ^{as} corr. de madeiras á 150 rs	106\$500	
	trabalho de excavação no leito do ribeirão	20\$000	
	cobrir 7 canaes com pranchões	42\$000	168\$500
	<u>Estrada no Valle Fresco.</u>		
" 14/27	Jornaes, 2 boeiros perto do Siebert		16\$000
	<u>Caminho do Encano</u>		
" 20/29	Jornaes, factura do caminho na ponte do Encano		9\$600
	<u>Estrada do Salto</u>		
" 18.	Constantino, procurar e derrubar e excavar 4 páos á 25 palmos p ^a boeiros e factura da picada para puxar		28\$500
	<u>Estrada do Passo Manso</u>		
" 1/31.	Aplainar a estrada, 120 br. cub. de terra, 9 C ^{ias}		506\$850
	<u>Estrada na margem esquerda do Garcia</u>		
" 30.	Grafemann, 60 br. corr. de caminho no seu lote á 300 rs		18\$000
			Rs: 1372\$800

<u>Canal no ribeirão do Retiro</u>		
Julho 1/26	Jornaes, remover a terra desmoronada no canal	67\$500
" 1/30	Ditos de carpinteiro, factura do fundamento	174\$875
" 23.	Bugmann, collocar 1 br. cub. de pedras de alvenaria	3\$000
<u>Canal no ribeirão fresco</u>		
" 14/20	Jornaes de pedreiro, argamassar as paredes interiores do canal com cimento	48\$500
<u>Casas de hospedagem</u>		
" 11	Michel(?) cobertura do (?) da casa de deposito em Badenfurt inclz materiaes	38\$480
<u>Casa d'escola p^a o sexo feminino</u>		
" 20/29	Jornaes de pedreiro, factura das pilares para a cozinha	18\$400
		Rs: 1723\$335

Colonia de Blumenau, 31 de Agosto de 1865.

O Director interino

H. Wendeburg.

612

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr

Para occorrer às despezas d'esta colonia no proximo trimestre de Outubro a Dezembro, venho respeitosamente rogar, V^a Ex^a queira dignar-se de mandar pagar ao meu procurador a quantia de Rs: 135\$000, quarta parte da importancia que o Governo Imperial concedeo para a mesma colônia no corrente exercicio.

Além d'isto cumpre-me sollicitar a entrega ao mesmo procurador da quantia de Rs: 200\$000 que me compete por este trimestre de Julho á Setembro como quinta parte dos vencimentos do Director em quanto eu interinamente o substituo, segundo o aviso do Ministério dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas de 28 de Janeiro do corrente anno.

Deos Guarde á V^a Ex^a - Colônia Blumenau, 4 de Setembro de 1865.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Francisco Jozé de Oliveira

Burocracia & Governo

D.^{mo} Vice Presidente da Provincia
 etc. etc. etc.

O Director interino
 H. Wendeburg

613

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Tenho a honra d'apresentar á V.^a Ex.^a o incluso quadro dos trabalhos executados em esta colonia no mez de Agosto de 1865.

Deos Guarde á V.^a Ex.^a - Colonia Blumenau, 18 de Setembro de 1865.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia
 etc. etc. etc.

O Director interino
 H. Wendeburg.

Colonia Blumenau
 Trabalhos no mez de Agosto de 1865

<u>Caminho no ribeirão do Gaspar</u>		
Agosto 1/30	Jornaes, picadas no ribeirão do Gaspar para o traço do caminho	Rs: 86\$000
" 28.	60 braças correntes de caminho	33\$500
<u>Estrada para littoral</u>		
" 7.	Carpinteiro Harbs, 5 jornaes no canal triangulatr perto do Leander	10\$000
" 26.	Zimmermann, transporte dos intrumentos dos trabalhadores da estrada p ^a Souza	3\$000
" "	R. Maafs, transporte dos pranchões para 6 canaes triangulares do rio para o lugar	50\$000
<u>Estrada do rio do Testo</u>		
" 7.	Carpinteiro Harbs, canal no seu lote:	
	4 pranchões 23 p ^{os} 14" 3", ditos 23 p ^{os} 9" 3"	19\$000
	jornaes pela factura do canal	8\$880
		27\$880

	<u>Estrada do Passo Manso</u>	
" 1/15.	Jornaes, concerto e alargamento da estrada	145\$250
" 5/7.	Aplinar a estrada á talho 29½ Br. cub. 2 C ^{ma}	147\$000
" 26.	Id. id. id. 1 br. cub., e factura d'hum canal de pedras	13\$500
	<u>Estrada do Garcia para a Itoupava</u>	
" 1/10.	Jornaes de pedreiro, argamassar as paredes interiores do canal perto do Herbst com cimento	49\$000
" 1/26.	Jornaes, concerto da estrada da Velha até Ebert	40\$000
	<u>Estrada de Badenfurt</u>	
" 11/19.	Aplinar a estrada 32 br. cub 3 C ^{ma}	103\$500
" "	51 br. corr. de estrada 2 C ^{ma}	83\$600
	<u>Caminho do Encano</u>	
" 13/19.	Jornaes, roçar e concertar o caminho	4\$000
" 1.	Picadas para o traço do caminho	13\$500
	<u>Estrada do Garcia</u>	
" 30.	Tiedt, 104 p ^{as} corr. de madeiras p ^a o canal perto do Padaratz á 80 rs	8\$320
	<u>Rua, rio para abaixo</u>	
" 19/30.	Jornaes de pedreiro, concerto da muralha da ponte do Wloch, arruinada pelas águas do monte e concerto do atterro	80\$305
	<u>Caminhos diversos</u>	
" 5.	Rüdiger, alimpar os caminhos laterae p ^{as} d'elle	1\$300
	Transporte Rs	902\$355
	<u>Canal e atterro do ribeirão fresco</u>	
" 20/30.	Jornaes, concerto e alargamento do atterro	20\$000
	<u>Canal no ribeirão do Retiro</u>	
" 13/19.	Jornaes, concerto do caminho provisorio no barranco do ribeirão perto do novo canal e concerto da ponte provisoria	15\$750
	Jornaes do pedreiro no canal	44\$900
" 19/30.	Ditos, remover a terra desmoronada no canal	25\$000
" 19.	Transporte de area p ^a o canal	1\$500
" 26.	idem de pranchões p ^a o canal	\$500
	Rs:	1019\$015

Burocracia & Governo

Colônia Blumenau, 18 de Setembro de 1865.

O Director interino

H. Wendeburg.

614

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Tenho a honra d'apresentar á V.^a Ex.^a o incluso quadro dos trabalhos executados em esta colonia no mez de Setembro de 1865.

Deos Guarde á V.^a Ex.^a - Colonia Blumenau, 18 de Outubro de 1865.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

D^r Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

D.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

Colonia Blumenau

Trabalhos no mez de Setembro de 1865.

	<u>Estrada do Passo Manso</u>	
Setembro 1/23	Jornaes, concerto e alargamento da estrada	
" 1/30	Talho na estrada	Rs: 225\$500
	75 br. cub. 6 C ^{tas}	285\$000
" 2.	1 ponte provisória	8\$000
	<u>Caminho do Encano</u>	
" 23.	Jornaes de carpinteiro na ponte do Encano	4\$500
	<u>Caminho Toupava Teste</u>	
" 4/7	Jornaes concerto do caminho e 2 canaes	4\$500
	<u>Estrada para o littoral</u>	
" (?)	Jornaes, concerto de atterro	37\$000
" 1/30	Ditos, concerto da estrada e de atterros	210\$920
" 1/30	Saldo p ^a os atterros na estrada 160 br. cub. 3 C ^{tas}	383\$000
" 1/30	Erecção da ponte perto do Souza inclz estacada e em empreitada	305\$500

	<u>Estrada do Garcia</u>	
" 1/11	Jornaes de pedreiro, factura do canal de pedras perto do Schroder	13\$120
	<u>Estrada do Garcia para a Toupava</u>	
" 1/9.	Jornaes, concerto do caminho na ponte no ribeirão da Velha	3\$840
	<u>Caminho do Beneditto, margem esq. do rio</u>	
" 1/30	Atterro do canal perto do Ruth, 32 braças cúbicas á 4\$500 1 C ^a	144\$000
" 9.	Pagamento suppletorio para 494 p ^o coord. de madeiras á 40rs e 1174 p ^o ? ^o de pranchões á 80rs	31\$500
	<u>Caminho no Gaspar</u>	
" 1/30.	560 br. corr. de caminho 8 C ^{as}	399\$750
	<u>Caminho no alto Garcia</u>	
" 2.	Concerto do caminho perto Grasor	2\$560
	<u>Estrada do rio do Testo</u>	
" 4.	Behr, remover 1 grande pão do caminho	3\$000
" 16.	Atterro perto do Baumann, 5 br. cub.	25\$000
	<u>Caminho no valle fresco</u>	
" 19.	Schulze, concerto do caminho no seu lote	6\$000
" 3/9.	Jornaes, canal e atterro perto do Rodel	9\$000
	<u>Canal e atterro do ribeirão fresco</u>	
" 3/9.	Jornaes, concerto e alargamento do atterro	Rs: 18\$500
	<u>Ponte de arco de pedras com parapeito</u>	
" 1/10.	Jornaes de pedreiro na mesma	284\$180
" 1/30.	Ditos, trabalhos de excavação e atterro	92\$345
	<u>Casa d'escola p^a o sexo feminino</u>	
" 1/9.	Jornaes de carpinteiro na cozinha	3\$000
" 9/16.	Ditos de pedreiro, argamassar as paredes interiores da casa	5\$250
" 11/13.	Ditos, cobertura do tecto da cozinha	3\$750
	<u>Despezas Extraordinárias</u>	
" 7/16.	Jornaes, alimpar as plantações de carda momo p ^a os atterros	12\$000
" 23/30.	Ditos, factura do caminho para o cimiterio no alto rio do Testo	13\$500
		Rs: 2534\$215

Colonia Blumenau, 18 de Outubro de 1865.

O Director interino

H. Wendeburg.

O “Johannastift”

Brigitte Fouquet Rosenbrock¹

Memórias
1951 – 2007

Em setembro de 1951 o “Johannastift”, encerrava suas atividades no prédio da Alameda Rio Branco, esquina com a sete de setembro, para reiniciá-las em uma nova e moderna Maternidade, agora com o nome de “Elsbeth Koehler”, à Rua Pastor Stutzer, 319.

Vale aqui, registrar que o Johannastift foi construído em duas etapas. As duas primeiras alas inauguradas em 1923, e a 3^a em 1932. O primeiro projeto foi de autoria do Sr. Kaulich Sênior e o segundo do Engenheiro Arquiteto, Sr. Franz von Knoblauch², sendo que o construtor foi Jacó Brückheimer, também construtor do antigo prédio do correio na Alameda Rio Branco. Estes dois prédios ainda hoje se destacam na Alameda.

¹ Brigitte Fouquet Rosenbrock está há muitos anos como associada da SESB vem ocupando o cargo de vice- presidente da diretoria há 16 anos.

² Franz von Knoblauch foi o engenheiro arquiteto projetista da torre da Igreja do Espírito Santo, Luterana Centro.





Vista do “Johannastift” – 1923 - Primeira etapa da sua edificação com duas alas.

O prédio de propriedade da Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau-SESB, uma vez desocupado, seria agora fonte de renda para o apoio à nova “Maternidade”, isto é, pagaria mensalmente o empréstimo feito junto à “Caixa Econômica Federal”, que se instalara em 1947, na cidade de Blumenau.

Assim, inicialmente, o “Johannastift” foi alugado por alguns anos para ser Hotel-Pensão. Entre os hóspedes lá morou Antonio Nunes, que logo se apaixonou pela beleza do prédio. Em 1968, já casado com Marga Holzmann, realizou um sonho, o de alugar o prédio para instalar no térreo um restaurante típico. A adaptação e renovação foram feitas pela Construtora Stein, por conta do Turismo Holzmann. Em 11 de Dezembro de 1969 foi aberto ao público o Restaurante “Zum weissen Rössel”, nome este que não foi aprovado por muitos, sendo então traduzido para “Cavalinho Branco”.



Vista do Restaurante Típico Cavalinho Branco – “Zum Wissen Rössel - Aberto ao público a partir de 1969.

O Turismo Holzmann era a primeira agência de viagem em Blumenau e também a pioneira do Estado. Iniciou suas atividades em 15 de agosto de 1956, nos altos da Rua 15, quase em frente ao Cine Blumenau. No ano de 1970 mudou-se para o primeiro andar do prédio, agora já conhecido como “Cavalinho Branco”. Cinco anos depois (1975) o restaurante foi vendido pelo Turismo Holzmann ao Sr. Bertoldo Bittelbrun.

O “Cavalinho Branco”, desde sua inauguração, sempre foi um ambiente aconchegante, alegre, onde blumenauenses e turistas passavam horas de lazer! Lá aconteciam encontros de muitos “Stammtisch”, música ao vivo, com a “Banda Cavalinho Branco”, a qual adotou este nome por causa do restaurante, pois antes chamava-se “Rigo e seu conjunto”.

Durante a gestão de Ilse Hueskes, (maio-1976/1982), a SESB fez melhorias externas e pintura nova no prédio. Ao assumir a presidência da SESB, as senhoras: Brigitte Fouquet Rosenbrock, na presidência, e Elise Stodieck, na vice-presidência (maio-1982/1985), enfrentaram em julho de

1983 a grande enchente, a qual deixou o Restaurante “Cavalinho Branco” totalmente submerso. As águas atingiram também o 1º andar das instalações do Turismo Holzmann.

Um ano depois, em agosto (1984), uma segunda grande enchente destruiu tudo o que havia sido renovado nos últimos meses, sendo que o prédio sofreu com tanta água. Nesta tragédia, para que o Restaurante pudesse recuperar-se a SESB abriu mão do aluguel por um período. Nesta época, até o Turismo Holzmann pensou em comprar o prédio e restaurá-lo. Mas, este patrimônio da SESB nunca esteve à venda.

O tempo passou, e as condições de uso tornavam-se cada vez mais de risco. Entre os anos de 1985 a 1991 a SESB esteve mais preocupada com a ampliação do Lar dos Idosos. Era sua presidente Ruth Marga Koschel. Em 1991 assumiu a presidência a senhora Elise Stodieck. A nova diretoria preocupava-se com o estado do prédio, sabendo também que não dispunha de recursos para recuperá-lo. Foi pedido ao Bertoldo Bittelbrun a desocupação do térreo. Na realidade o restaurante nunca mais recuperou-se das enchentes. No ano de 1995, após estar funcionando naquele espaço há 25 anos, o Turismo Holzmann recebeu a rescisão do contrato e o prazo para desocupar o prédio. Foi uma decisão drástica, mas a responsabilidade da SESB era grande. Para ambos foi um golpe! Mas o prédio necessitava de reforma.

A SESB por longo tempo procurou por parceiros. Várias propostas foram feitas, mas nenhuma no interesse da SESB. Certo dia, fomos procuradas pela “Câmara dos Dirigentes Lojistas - CDL de Blumenau”, para uma reunião, estavam dispostos a abraçarem esta causa!

Muitas reuniões de diretorias foram realizadas. Arno Buerger Filho, então presidente da CDL e a Elise Stodieck da SESB, assessorados pelo Dr. Haroldo Pabst e seu escritório de advocacia, iam sendo acertados detalhes. Com este apoio nos sentíamos mais seguras.

A CDL não dispunha dos recursos, mas sim de meios e influência para os conseguir!

O acordo entre a SESB e o CDL foi firmado em 16 de fevereiro de 1998. Seu presidente, Arno Buerger Filho, e sua diretoria iniciaram a busca por incentivos fiscais através da lei Rouanet. Foi feita permuta, na qual a SESB receberia em troca o aluguel das 5 salas do Edifício Catarinense,

quando a CDL se mudasse para o prédio restaurado, num acordo de 20 anos. A CDL possui uma diretoria que é eleita a cada dois em dois anos.

Vários presidentes dirigiram a entidade nestes anos de restauro. Além de Arno Buerger, Alexandre Peters, Lourival Berry e atualmente na fase de acabamento o Sr. Marcelino Campos, reeleito em abril de 2007.

Na SESB, a gestão da diretoria é de três anos e desde o início dos trabalhos de restauro a senhora Elise Stodieck é reeleita e continua na direção, e eu, Brigitte Fouquet Rosenbrock, como sua vice. Isto há 16 anos.

O início das obras deu-se em novembro de 2002. O prédio deveria ser recuperado, no máximo, em seu estado original. Em fevereiro de 2003, a diretoria da SESB fez a primeira visita às obras. A festa da Cumieira aconteceu em 9 de maio daquele ano com uma churrascada oferecida pela CDL, a qual contou com a presença de autoridades, parceiros e a SESB.

O prazo para o término da obra não pôde ser cumprido por falta de liberação de verba. Como já foi dito, a parte jurídica, contratos e assessoria à SESB, pôde contar com o Dr. Haroldo Pabst que assim prestava o seu voluntariado à entidade. Com o passar dos anos, sua filha Vanessa, também advogada, passou a defender nossos interesses. Através dela o então seu noivo Bruno Metzler Filho, ao formar-se, foi o arquiteto do prédio anexo e responsável pelo restauro do prédio antigo. Com muita dedicação, num trabalho quase que artesanal, os pequenos detalhes e também os grandes foram tratados com muito carinho. A diretoria da SESB em várias visitas pode acompanhar este trabalho. Os pedreiros pareciam artistas! A Construtora Stein foi a responsável pela execução da obra. As várias diretorias da CDL se empenharam por anos na busca de verba, o que nem sempre foi fácil.

Desde o início soube-se da necessidade da construção de um anexo. Com a aprovação do projeto do arquiteto Bruno, a construção teve início. Lá foram instalados o que o prédio antigo não comportava como caixa d'água para servir todo conjunto, elevador com acesso em cada andar ao prédio antigo, banheiros, auditórios e três espaços reservados à SESB: 1 sala para pequeno museu - 1 sala para OASE expor e vender seus trabalhos manuais e 1 sala para pequena capela. Tudo isto não era possível instalar no antigo prédio. No térreo do prédio restaurado funciona desde 6 de outubro de 2005 o Restaurante Escola do Senac "Bistrô Johannastift"

Desde 6 de outubro de 2005, após o término da restauração da parte térrea do antigo prédio, funciona o Restaurante da Escola do Senac “Bistrô Johannastift”. A obra que esteve parada por um período, chegou ao seu final. Valeu o empenho da atual diretoria da CDL que correu atrás dos incentivos para a sua real efetivação, que culminou com a inauguração da Casa do Comércio, no dia 14 de junho de 2007.



Vista da Casa do Comércio – Inaugurada em 14 junho de 2007.

A Greve dos Trabalhadores¹

Fragmentos da
nossa história

Este texto foi extraído do Jornal Novidades da cidade de Itajaí, e relata as negociações e encaminhamentos da greve dos estivadores ocorrida nesta cidade portuária, no ano de 1911. Eis o que diz a notícia:

No dia 2 do corrente, os trabalhadores do porto e da estiva, em sua totalidade sócios da *S.15 de Novembro*, resolveram exigir aumento de salário e modificação nas horas de trabalho e descanso. Nesse sentido, dirigiram, no dia acima mencionado, um officio múltiplo aos comerciantes exportadores, concebido nos seguintes termos:

“Levamos ao conhecimento de V.S. que foi deliberado, em assembléia geral da *S. 15 de Novembro*, realizada em 1º de Janeiro de 1911, para aumento dos salários dos respectivos sócios, a elevar os seus ordenados diários a 4\$000, em terra, e 5\$000 diários nos trabalhos de bordo, na estiva. Quanto ao horário vigorará o seguinte: de 1º de abril à 30 de setembro, o trabalho começará às 7 horas da manhã e terminará às 5 horas da tarde, havendo um inter-

1 Fonte: Jornal Novidades. Ano VII (nº345) 8.01.1911.



valo de uma hora, para o almoço, e que será das 9 às 10 horas da manhã; de 1º de outubro a 31 de março, o trabalho terá começo às 6 horas da manhã e terminará às 4 da tarde, com o mesmo intervalo de uma hora para o almoço.

O trabalho de noite, nos domingos e dias santificados será remunerado com salário de 6\$000, em terra e 8\$000 a bordo. As horas que excederem do horário, serão pagas à razão de 800rs. Por hora em terra e 1\$000 no serviço.

Ficam em vigor os parágrafos 1º, 2º e 3º do art. 39 dos estatutos em vigor. Esperando que v. s. esteja de acordo com esta resolução, aguardamos a resposta para os devidos fins.

Saudações.

Manoel Pedro de Alcântara, presidente; José Russi, vice-presidente; Plínio Izidro de Oliveira, 1º secretário; Antonio B. das Neves, 2º secretário; Horácio Cunha, tesoureiro; e João Francisco Leite, procurador.”

Ao mesmo tempo, os trabalhadores deixavam de comparecer ao serviço, mantendo-se em atitude de greve pacífica. Por esse motivo, ficou o movimento do porto inteiramente paralisado, sendo feito o serviço de transbordo de cargas para os vapores e transporte de algumas mercadorias, com carregadores contratados a mês.

Reunidos os comerciantes no dia 3, na casa dos srs. Asseburg & C., foi, por todos, deliberado não aceitar a proposta dos trabalhadores, do que deram ciência à diretoria da *S. 15 de Novembro*. Em reunião anterior, realizada na mesma casa comercial, entre os representantes do comércio e os delegados dos grevistas, estes fizeram sentir que o pedido feito era motivado pela insuficiência dos salários até agora pagos, e principalmente por preverem elevação nos gêneros de primeira necessidade, motivada pelo recente aumento exorbitante nos impostos de indústria e profissão e patentes de bebidas. Ponderaram os negociantes que não podiam atender à solicitação feita, porquanto o comércio deste lugar estava a atravessar uma crise angustiada, com a qual já se tornava difícil de lutar, quanto mais, se viessem a conceder o aumento de salário pedido. Demais, achavam a diária de 3\$000 suficiente para garantir a subsistência dos operários e, quanto ao

aumento no preço dos gêneros de consumo, este, apesar da descabida elevação dos impostos, ainda não se verificara.

Estavam as coisas neste pé, quando, no dia 5, o Dr. Américo Nunes, juiz desta comarca, procurado pelos diretores da associação de trabalhadores acima mencionada, que iam pedir sua intermediação, para resolver do melhor modo a questão entre patrões e diaristas. Esta autoridade generosamente acedeu ao pedido feito e nesse sentido convocou uma nova reunião dos comerciantes, que se realizou à 1 hora da tarde, na casa Asseburg & C.

Deliberaram, então, os negociantes confirmar, para o momento, a resolução tomada, concordando em aumentar os salários, no caso de se verificar a hipótese de ser elevado o preço dos gêneros de primeira necessidade. Outrossim, formaria desde já uma caixa beneficente para os trabalhadores, comprometendo-se cada exportador a contribuir com a mensalidade de 500 rs. por trabalhador empregado em seu serviço, afora igual contribuição por parte dos operários. Esta caixa, que seria administrada por uma comissão de negociantes e trabalhadores, forneceria auxílios aos operários nos casos de moléstia e invalidez.

Em seguida, os comerciantes presentes à reunião firmaram entre si um contrato, obrigando-se: a manter o horário até agora em vigor e o salário de 3\$000 por dia para os trabalhadores de terra e 4\$000 para os trabalhos na estiva, a bordo dos navios e vapores e 600 réis por hora de trabalho extraordinário de dia e 800 réis a noite; a não aceitar em seu serviço trabalhadores que fizerem parte da S. 15 de Novembro; a estabelecer a pena de 1:000\$000 para aquele que quebrar o acordo, devendo o produto desta multa reverter em benefício de um instituto de caridade. Acordaram ainda em pagar aos trabalhadores salários em dobro às noites de domingos e dias santificados, com exceção das horas de trabalho extraordinário.

Às 4 horas da tarde do mesmo dia, reuniram-se em assembléia geral os trabalhadores sócios da S. 15 de Novembro, comparecendo a essa reunião, além de mais de 150 associados, o Sr. Dr. Américo Nunes, juiz desta comarca e Adolpho Konder, redator desta folha, e diversas outras pessoas. Aberta a sessão, o Sr. Dr. Américo Nunes expôs, em ligeiras palavras, o resultado de sua missão, fazendo ver aos operários que os patrões de mantinham dispostos a não ceder, tendo resolvido, como única concessão, criar uma caixa beneficente para seus empregados.

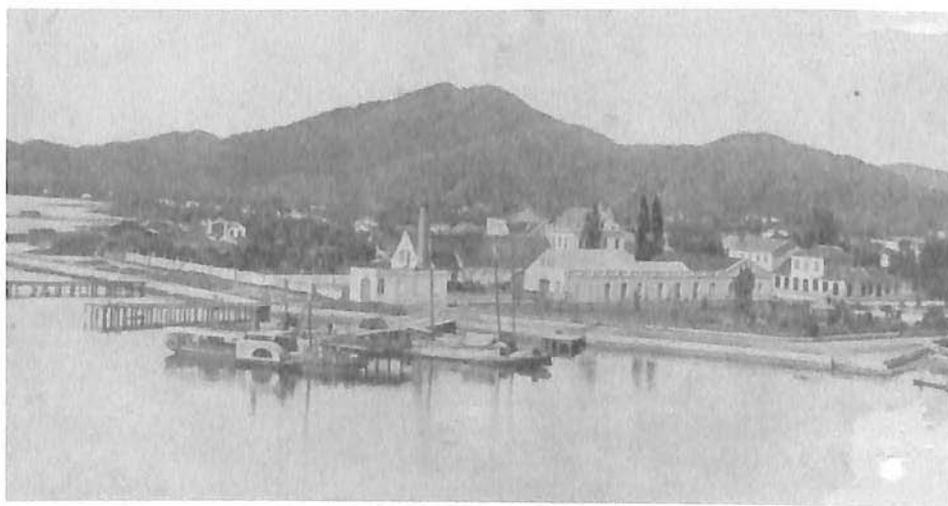
Falou em seguida o Sr. Adolpho Konder que fez algumas considerações sobre a atitude assumida pelos trabalhadores, julgando o momento desazado para a declaração da greve, por se achar o comércio a braços com a terrível crise; esperava ver a situação resolvida de modo satisfatório para ambas as partes, para o que se fazia mister muita calma, devendo os operários abster-se de qualquer movimentação hostil ou movimento tendente a impedir que outros trabalhassem.

Disse-lhes que, assim como ninguém os poderia obrigar a trabalhar, também tinham eles o dever de respeitar o livre exercício do direito ao trabalho.

Tomou então a palavra o Sr. Manoel Pedro de Alcântara, presidente da associação. S.s. começou agradecendo a presença ali do Sr. Dr. Américo Nunes e Sr. Adolpho Konder. Passou em seguida a expor os fins da reunião e convidou associados presentes a manifestarem os seus modos de pensar. Foi então ouvida a opinião de vários sócios, que externaram a favor da continuação da greve, até conseguirem o aumento de salário.

O Sr. presidente apresentou depois uma proposta de alternativa, a saber se aceitavam o salário atual ou desejavam aumento. Posta a votação, foi aprovada a segunda parte da proposta, isto é, que estavam dispostos a não continuar a trabalhar pelo salário vigente, desejando a elevação para 4\$000.

Ficou, pois, resolvido continuar na atitude de greve pacífica.



Vista do Porto de Itajaí do início do século XX.

Aniversariante ilustre

Enéas Athanázio¹

Autores
Catarinenses

Fundada em 11 de fevereiro de 1932, a Faculdade de Direito de Santa Catarina completa 75 anos de existência. Criada por inspiração do professor, desembargador e escritor José Arthur Boiteux (*), foi a primeira escola de Direito em nosso Estado, embora não tenha sido a primeira de nível superior. Funcionava, no início, à rua Felipe Schmidt, em dependências que ficavam sobre a célebre “Confeitaria do Chiquinho” e, mais tarde, foi transferida para sua sede própria, à rua Esteves Júnior, número 11, onde funcionou por longos anos até ser instalada no **campus** da Trindade, integrada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o estranho nome de Centro de Ciências Jurídicas, denominação inexplicável, uma vez que as mais tradicionais Faculdades de Direito do País conservaram o nome antigo. Exemplos são a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, as “Arcadas”, em São Paulo, e a Faculdade de Direito do Recife, ambas conservando o nome original mesmo após todas as peripécias de nossa história. Seria a troca de nome uma forma de escamotear o passado contestador e polêmico da velha Faculdade? Funcionou por vári-



¹ Escritor e advogado. Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

os anos como escola particular e depois estadual, embora houvesse o pagamento de mensalidades por parte dos alunos, ônus que só foi extinto com a federalização.

A Assembléia Legislativa do Estado, acolhendo sugestão dos alunos filiados ao Centro Acadêmico XI de Fevereiro, realizou, no mês de fevereiro, sessão solene em homenagem à ilustre aniversariante. Dentre os diversos discursos proferidos na ocasião, o único que continha elementos históricos sobre a Instituição foi o pronunciado pela atual Diretora, ainda que epidérmicos. E, no entanto, haveria muito a dizer.

A Faculdade de Direito tem formado inúmeras gerações de bacharéis desde sua turma inicial, muitos deles ocupando posições de relevo na vida pública como advogados, magistrados, integrantes do Ministério Público, policiais, políticos, professores, escritores, jornalistas etc. Tive a sorte de freqüentá-la em um dos melhores momentos de sua existência, ainda na vigência da Constituição Federal de 1946, a mais democrática das Cartas brasileiras, que garantia o amplo debate de todos os assuntos sem os medos e receios que o regime autoritário viria a instalar no seio das universidades. Fui aluno de professores de primeira linha, inesquecíveis, e tive colegas do maior destaque na vida profissional, grande parte deles pontificando até hoje em suas múltiplas atividades. Sempre ligados no que acontecia no Estado e no País, os acadêmicos discutiam, protestavam, sabatinavam candidatos, criticavam e aplaudiam. Nossas assembléias, ainda que acaloradas, constituíam exemplos do espírito democrático vigente entre os estudantes, muito diferente da alienação e do desinteresse com que me deparei, mais tarde, como professor em duas universidades.

O ambiente da Faculdade vivia em permanente ebulição. Cursos de extensão universitária eram constantes e sobre os mais variados temas. Ao longo do Curso, freqüentei pelo menos uma dúzia deles. Júris simulados também aconteciam. Num deles funcionei como Promotor de Justiça, tendo como assistente de acusação meu colega de turma Telmo Marengo. Em outro, tempos depois, servi como jurado. Houve júris sobre assuntos não-criminais, como a construção de Brasília, um dos grandes temas da época. Por inacreditável que seja, havia forte oposição à construção da nova Capital e as discussões a respeito costumavam ser furiosas. Conferencistas de fora, alguns de grande renome, compareciam com freqüência, pronuncian-

do suas palestras no salão nobre com suas cadeiras de palhinha. Graças a isso, conheci muitos expoentes da cultura nacional, jurídica ou não. Nelson Hungria em campanha pela comutação da pena de morte de Caryl Chessman, o Bandido da Luz Vermelha, sem resultado; Nelson Carneiro em sua incansável luta pela adoção do divórcio; Mozart Victor Russomano, luminar do Direito do Trabalho; Darcy Azambuja, *double* de cientista social e escritor regionalista; Buys de Barros, notável economista; Ataliba Nogueira, expoente do Direito Tributário; Plínio Salgado, eterno candidato a presidente da República; Carlos Lacerda, o célebre orador padre Godinho, Roland Corbisier, o criminalista José Bonifácio de Andrada, Pedro Calmon, magnífico reitor da Universidade do Brasil, Andrés Daglio, conferencista uruguaio, Osny Duarte Pereira, Dagoberto Salles, Benjamim de Oliveira, Josué de Castro e sua luta contra a fome, o processualista Galeno Lacerda, o folclórico criminalista Mário Jorge, tantos e tantos outros que a memória não reteve. Entre os grandes eventos da época, lembro-me da realização da Semana Nacional de Estudos Jurídicos, em 1957, reunindo em Florianópolis o melhor dentre acadêmicos e professores. No concurso nacional de oratória, nessa ocasião, destacou-se o então acadêmico Norberto Ulysséa Ungaretti, em magnífico discurso, e que perdeu a primeira colocação por insignificante diferença em julgamento muito questionado. Os concursos para a cátedra e a livre-docência, expondo ao público os conhecimentos dos candidatos a professores, também despertavam grande interesse. Assisti a alguns memoráveis.

Dentre os mestres, começo por evocar Othon D'Eça, tanto pela ligação pessoal como pela afinidade com o escritor. Nos tempos em que residiu em Campos Novos, minha cidade natal, ainda solteiro, tornou-se grande amigo de meu pai e jamais o esqueceria. Sempre que me encontrava, na rua ou nos corredores da Faculdade, abraçava-me com efusão, exclamando: "Parece que estou vendo o José ainda mocinho!", referindo-se a meu pai. Professor de Direito Romano e homem de vasta cultura, era irrequieto durante as aulas, gesticulante, movimentado, descendo e subindo no estrado onde ficava a mesa. Apaixonado por Eça de Queiroz, bastava mencionar o escritor luso para que se desmanchasse em comentários. Suas aulas eram ministradas aos sábados à tarde, em dia e horário inacreditáveis, mas a maioria dos alunos marcava presença. Sobre ele muito tenho escrito e pre-

faciei seu livro “...Aos espanhóis confinantes!”, edição de suas Obras Completas, publicadas pela FCC.

Inesquecível também é Joaquim Madeira Neves, talvez o mais popular entre os alunos, sempre em meio a um círculo deles. Professor de Medicina Legal, tinha uma erudição espantosa e suas aulas nos deixavam embasbacados. Osmundo Wanderley da Nóbrega, magistrado sério e circunspeto, mestre de Direito Civil respeitado pelo grande conhecimento, embora um tanto arredio e de pouca conversa. Severino Nicomedes Alves Pedrosa, pernambucano que jamais perdeu o sotaque, magistrado e professor de Direito Civil, pragmático nas lições e irônico nas respostas. Edmundo Acácio Moreira, modesto, quase humilde, mas que parecia reter todo o Direito Civil na cabeça, citando dispositivos, teorias e decisões de memória, sem recorrer a anotações. Luna Freire, professor de Direito Processual Civil, também sábio na sua matéria, conhecendo-a tanto no passado como na atualidade. João Bayer Filho, político e professor de Direito Penal, um artista na gesticulação e na impostação da voz. Alcebíades Valério Silveira de Souza, mestre de Direito Internacional Público, conhecedor profundo da matéria e que guardava na cabeça, como que desenhado em traços fortes, o complicado mapa geo-político mundial. Atualizado como poucos, abordava qualquer fato novo que eclodisse no mais recôndito do Globo. Abelardo de Assumpção Rupp, mestre de Direito Comercial, pessoa de rara bondade e por isso muito querida. João David Ferreira Lima, professor de Ciência das Finanças, lutador incansável pela federalização e diretor da Faculdade. José do Patrocínio Gallotti, apaixonado socialista, e Pedro de Moura Ferro, sempre indignado com as injustiças do mundo e os entraves da burocracia. Ferreira Bastos, nosso iniciador nos meandros do Direito Penal, Renato Barbosa, mestre de Direito Internacional Privado, tantas vezes irritado com as urzes do caminho, Telmo Vieira Ribeiro e suas lições de Direito Constitucional. Henrique Stodieck, mestre de Direito do Trabalho, como tal respeitado em todo o País. E outros, muitos outros, inclusive os mais jovens que lecionaram por pouco tempo e talvez por isso não deixaram maiores marcas. Todos, porém, contribuíram para a formação de verdadeiros profissionais e são credores de nosso reconhecimento. Não fui aluno e Henrique da Silva Fontes, já aposentado, embora tenha assistido a várias de suas palestras.

Com colegas de turma e contemporâneos em geral também mantive um relacionamento muito rico e agradável. Entre os primeiros, vem-me à memória a figura de Telmo Marengo, creio que o mais inteligente de todos. Questionava os professores, em pé, com argumentação perfeita e, às vezes, colocando-os em dificuldades. Costumava ir à minha pensão, à noite, e ficava caminhando entre as camas, no quarto onde em dormia, gesticulando e falando como quem procurava convencer. Bem humorado, ria com facilidade e gostava de lembrar fatos engraçados que havia presenciado. Henrique Gabriel Botelho Berenhauer, estudioso como poucos, leitor incansável, foi outro de meus companheiros ao longo de todo o Curso. José de Brito Andrade, simpático e alegre, tornou-se renomado criminalista. Luiz Henrique Baptista, muito amável, místico, sempre conversando com Deus, com quem parecia manter relações muito chegadas. Yara Coelho de Souza, sempre na nossa roda, grande colega e amiga. E outros, muitos outros, embora esses fossem os mais chegados, aqueles que ficam para sempre na lembrança.

Com estas desalinhavadas, associo-me às homenagens à nossa propecta Faculdade, registrando mais uma vez – como tantos outros ex-alunos – que não concordo e não gosto do atual nome. Para nós, ela será sempre a Faculdade de Direito de Santa Catarina.

(*) Apesar de sua importância na vida pública e na literatura catarinense, José Arthur Boiteux não tem merecido maior destaque. A “Enciclopédia de Literatura Brasileira”, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, dedica-lhe algumas magras linhas, e o mesmo faz o “Dicionário Literário Brasileiro”, de Raimundo de Menezes. A “Enciclopédia Brasileira Globo”, tão rica em temas nacionais, nem sequer o menciona. Sua sobrevivência se deve aos pesquisadores locais, como Celestino Sachet, Lauro Junkes e Iaponan Soares. Por mais que indague, nunca consegui saber o destino do busto do Fundador que havia diante da Faculdade.

Quem escreve o quê e onde

A “Revista da Academia Catarinense de Letras”, em seu número 20, dá a público pequeno ensaio de autoria de Paulo Pinheiro Machado sob o título de “À meiga sombra da cruz: aspectos do Movimento do Contestado” (págs. 190/195). O ensaísta é autor do livro “Lideranças do Contestado”, já comentado nesta coluna, e um pesquisador isento, preocupado em restabelecer a verdade verdadeira, uma vez que, presumo, não tem vínculos ou interesses que possam influir em suas conclusões.

Entre os vários aspectos abordados, acentua ele que os revoltosos construíram um discurso híbrido, “que envolvia as expectativas milenares e religiosas fundidas ao descontentamento político e à rebelião social” (p. 190). Essas características tão complexas do movimento não poderiam ser apreendidas na época, como de fato não foram, gerando as explicações simplistas então correntes e que, a meu ver, agrediam o pudor da região, tornando o Contestado um tema tabu, nunca mencionado nas escolas e adjetivado como “revolta dos jagunços”, em tom pejorativo, quando referido pelas pessoas em geral.

A instabilidade política da região, em especial em Curitiba, fragilizando as lideranças em face das constantes lutas internas, contribuiu de forma decisiva para o movimento. A entrada maciça do capital estrangeiro veio agravar a crise social existente, acrescentando novo elemento ao confuso panorama reinante.

Com base em pesquisas próprias, o ensaísta recusa uma afirmação freqüente em outros autores. Diz ele que não é verdadeira e informação de que indivíduos de outras regiões – foragidos e criminosos – formassem entre os revoltosos. “Pelo contrário, - escreve ele - os dados disponíveis apontam para o emprego maciço de habitantes da região entre os **turmeiros** e não há, entre as lideranças rebeldes, pessoas que tenham sido deportadas de outras regiões para trabalhar nestas obras” (p. 192). Com efeito, sempre me soou estranha a presença de gente de fora naquele movimento; nunca ouvi isso na própria região. O revoltoso foi o caboclo local, o **pelo duro**, o caboclo com raízes locais. Acredito que o resultado da pesquisa do autor é correto.

A reação oficial no início do movimento, como sempre violenta, transformou os devotos do monge José Maria em rebeldes. Talvez o medo atávico

ao “comunismo caboclo” que praticavam assombrava o sono dos coronéis. As cidades santas, os pares de França, a monarquia sem rei, os quadros santos, a volta do exército encantado de São Sebastião, a negação do regime republicano dos coronéis, tudo isso fazia tremer o latifúndio e necessitava ser reprimido, esmagado. “A reelaboração dos pensamentos de João Maria, com a criação de algo efetivamente novo” não poderia agradar àquele mundo consolidado, pondo em risco o poder e os teres dos coronéis (p. 193). O resultado foi a guerra.

Outro aspecto interessante que o ensaísta aborda com clareza é a questão da “demonização” de Adeodato, o último chefe rebelde. Mostra que os atos por ele praticados não foram mais ou menos graves que os anteriores e as circunstâncias que denegriram sua memória. “É evidente que Adeodato – diz o ensaísta – cometeu muitas atrocidades nos redutos, porém, efetivamente ele não era muito diferente de outras lideranças rebeldes, que também resolveram à força determinados impasses” (p. 195). Lembro muito bem do misto de temor e admiração que cercavam Adeodato, ou Leodato, como alguns diziam. E me pergunto se terá existido algum chefe rebelde que não tenha cometido atrocidades.

Essas são algumas observações inspiradas pelo ensaio, mescladas com opiniões minhas, valendo como pretexto para ressaltar a importância do pequeno ensaio, merecedor de muita atenção, de autoria de um pesquisador sério e dedicado que vem assumindo a liderança no complexo tema da Guerra do Contestado (1912/1926).

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
 - R\$ 10,00 (anos 60)
 - R\$ 10,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2007 (Tomo 48). Anexo a este cupom, a quantia de R\$00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

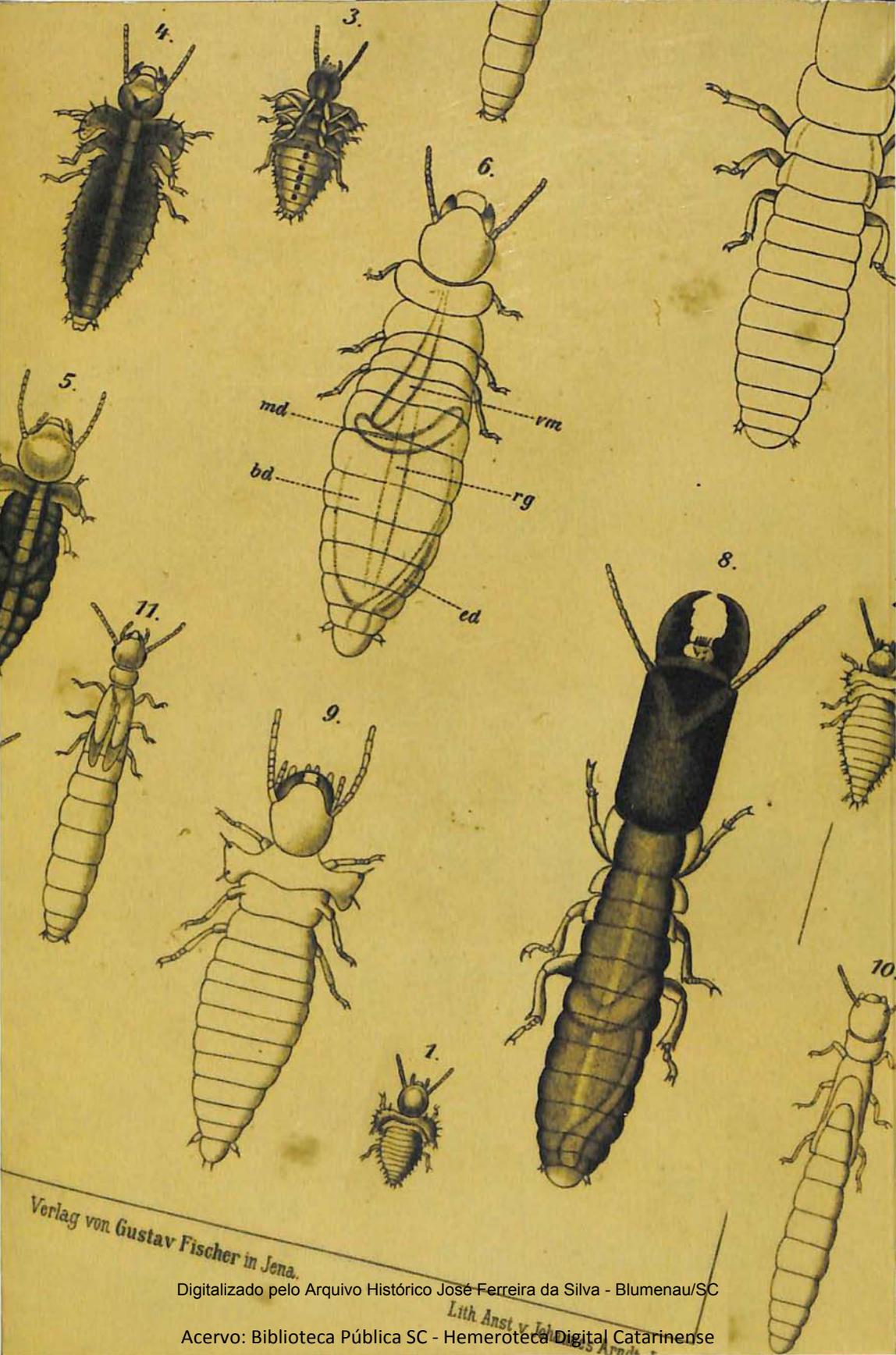
- () Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: Número do Cheque:

Dados do Assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - Fone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874
Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br



Verlag von Gustav Fischer in Jena.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lith. Anst. v. J. G. Fischer's Erbd.